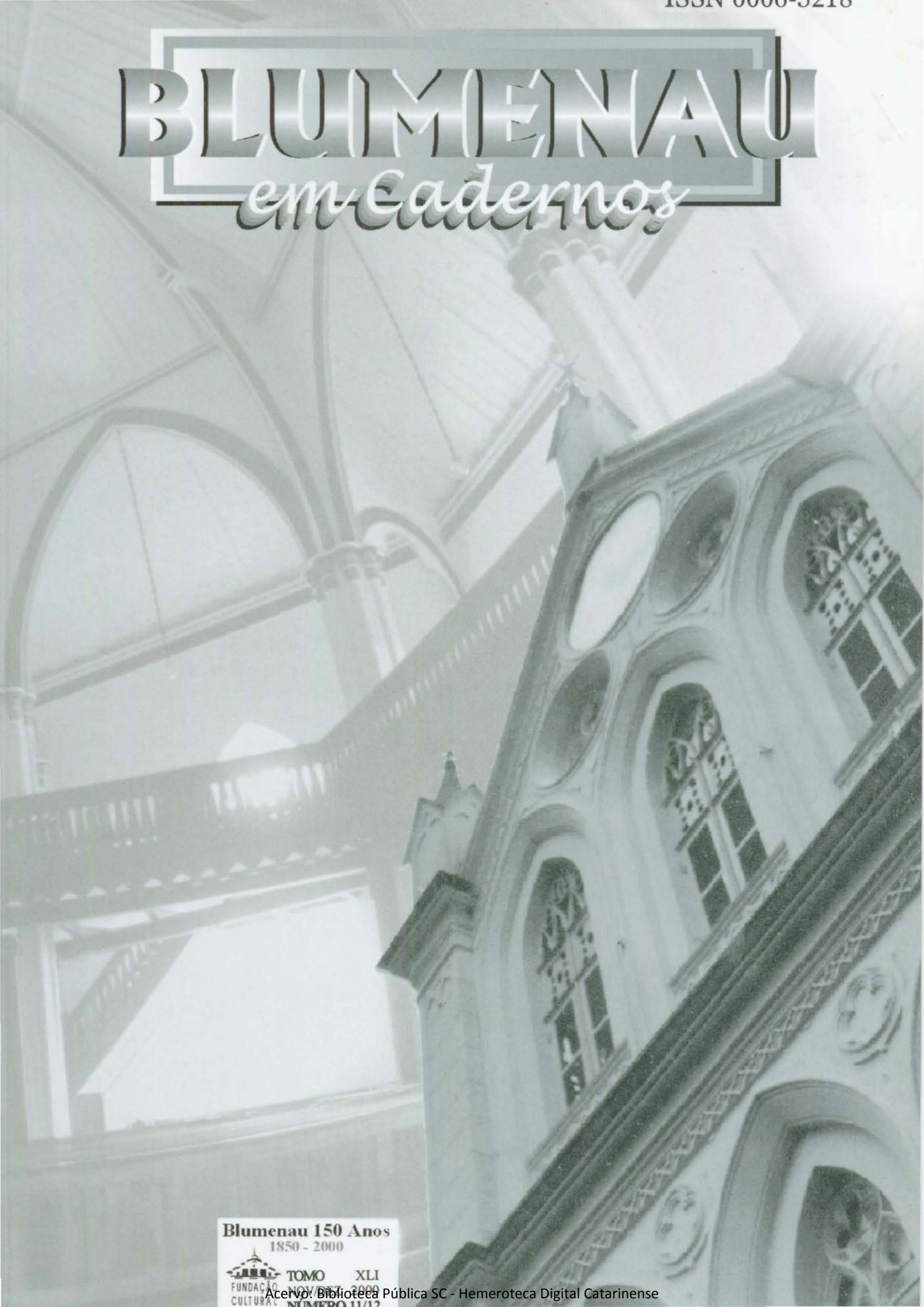
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



Blumenau 150 Anos
1850 - 2000
FUNDAÇÃO CULTURAL
TOMO XLI
NOV/DEZ 2000
NÚMERO 11/12

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura
Vilson do Nascimento

CULTURA EM MOVIMENTO editora

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

BLUMENAU em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 2000 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC
Fone/fax: (047) 326-6990
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA
Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Igreja do Espírito Santo, inaugurada em 1877
Igreja de Confissão Luterana do Brasil - Blumenau

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Ivo Marcos Theis (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke, Cezar Zillig,
Cristina Ferreira, Méri Frotscher,
Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO
Vitor Alexandre da Cruz

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO
Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos Originais – Correspondências

Chegada em Blumenau
Karl Kleine 07

Artigos

Pe. José Maria Jacobs e o catolicismo em Blumenau
Pe. Antonio Francisco Bohn 28

Fragmentos de Nossa História Local

História de uma greve
L. Reis 60

História & Historiografia

Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia
Débora Bendocchi Alves 66

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Biografias

Ewaldo Bernhardt e sua trajetória
..... 74

Autores Catarinenses

Do outro lado, a África / Comemoração merecida /
Os 100 livros do século / Boas Publicações / Jornal Cultural
Enéas Athanázio 78

Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2000

..... 81

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Documentos Originais – *Crônicas*

Chegada em Blumenau*

TEXTO:

KARL KLEINE

Apresentamos na coluna Documentos Originais um texto de Karl Kleine, extraído da obra intitulada *"Blumenau Einst: Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten"* (Blumenau de ontem: Experiências e Recordações de um Imigrante).

Estas memórias foram originalmente escritas em 35 cadernos, em alemão gótico e narram as experiências vividas pelo autor, no início da imigração para o Brasil, no ano de 1856, até à chegada na nova pátria, acompanhado pelos pais, aos oito anos de idade.

Estas impressões foram transcritas pelo sobrinho-neto, Theodor Fritz Kleine, e transformadas em dois livros: *Die Silberglocke von Vila Rica* (Sino de Prata de Vila Velha) e *Einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten.* Desta última obra publicamos as crônicas intituladas *"Ankunft in Blumenau"* (Chegada em Blumenau), *"Der erste Tag in der neuen Heimat"* (O primeiro dia na nova pátria) e *"Erkundung der Umgebung"* (Explorando a natureza). O autor escreveu estas lembranças quando adulto e narra de maneira jocosa as primeiras impressões a respeito da incipiente colônia Blumenau, sua exuberante natureza e os habitantes que aqui viviam.

Cabe mencionar que foram escolhidas as crônicas que se referem a Blumenau para serem publicadas e traduzidas, no entanto, a narrativa de Karl Kleine inicia-se na Alemanha, com a partida e menciona também a chegada no Brasil e a viagem até Blumenau.

Os cadernos originais, contendo 1.111 páginas foram doados recentemente (outubro/2000) pela sra. Maria Agnes Kleine ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e estão à disposição dos interessados.

*) **Tradução:** Brigitte Kretzschmar.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ankunft in Blumenau

Endlich! – Endlich landeten wir zum letzten Male! – Dicht unter der Mündung der Garcia legten die Boote an, und der Patron sagte: "Nix weiter! Hier Blumenau sein!" – Unsere Ankunft war sehr traurig! Niemand empfing uns! Niemand ließ sich sehen! Niemand kümmerte sich um uns! Obwohl sie uns gehört haben mußten und unsere Ankunft für sie immerhin von Bedeutung sein mußte, kam kein Mensch, uns zu begrüßen. Das war auffallend und unbegreiflich und wirkte sehr niederschlagend auf alle Gemüter. –

Wir sahen nur ein abgeholztes Stück Land vor uns, das voll Unkraut war. Wir gingen das Ufer hinan und suchten die Stadt Blumenau. Du lieber himmlischer Vater! Wo war denn eigentlich die Stadt?! – Und wenn es keine große Stadt sein konnte, so war es doch wohl ein Städtchen oder wenigstens ein dörflicher Flecken. Nichts von alledem! – Da stand ein großes, breites Haus anderthalbstöckig gebaut, mit einem Erkerstübchen nach vorne. Die Wände waren von Fachwerk und mit Lehm ausgesetzt. Übrigens war es noch nicht ganz ausgebaut. Nur ein Glasfenster sah man am ganzen Gebäude. Hinter diesem Fenster befand sich die Amtsstube des Direktors. Die anderen Fensteröffnungen wurden mit hölzernen Läden geschlossen. Und dieses einzige Haus sollte Blumenau sein? – O nein! Da stand ja noch eins, und da noch eins, und dort sogar noch zwei und weiter hin eine ganze Reihe von – Buden, aber kein einziges von diesen Gebäuden konnte auf den Namen „Haus" Anspruch erheben. Es waren eben nur Buden oder vielmehr Hütten, auf brasilianische Art errichtet, die teilweise noch ganz offen waren. – Das war der „Stadtplatz" von Blumenau, wie er heute noch allgemein unter den Kolonisten genannt wird, obgleich er längst zur Stadt (Vila) erhoben wurde.

Da standen also die neuen Ankömmlinge und hatten Blumenau entdeckt. Einer sah den andern an, aber keiner wagte die Frage auszusprechen: „Ist das vielleicht Blumenau?"

Nun endlich kam der Konsul Gärtner mit seinem Onkel, dem Direktor Dr. Blumenau auf uns zu. – Der Direktor war nur mit Hemd und Hose bekleidet, trug auf dem Kopfe einen sehr ordinären Strohhut, einen sogenannten Negerhut, und an den Füßen ein paar Lederpantoffeln, die eigentlich schon längst in den Ruhestand gehörten. Hinten baumelte ein breites Waldmesser an einem Riemen. In dieser Tracht, die übrigens allgemeine Landestracht war, sahen wir ihn später noch viele Jahre einhergehen. Im Winter kam (en) noch ein wollener Sackrock und statt der Lederschlappen ein Paar Schuhe oder kurze Stiefel dazu... Dr. Blumenaus Gestalt war lang und hager, aber hinter der Brille blitzten ein Paar kluge Augen hervor. Er begrüßte die Einwanderer sehr kurz, aber freundlich und wies sie in allem übrigen an den Konsul und einen der Schiffsgefährten, der hier eine verheiratete Schwester hatte und mit dem Konsul schon einige Tage früher als wir hier eingetroffen war. –

„Wenn Ihr etwas bedürft", sagte der Direktor in seiner stoßweisen Art zu reden, „so wendet Euch hier an meinen Neffen oder an Herrn Schröder, sie sind schon in allem unterrichtet. – Habe heute keine Zeit, komme morgen". Er winkte noch einmal freundlich, und fort war er. –

Schröder sagte nun: „Kommen Sie, ich will Ihnen die Zimmer anweisen". Also doch Zimmer! Nun, das versprach ja etwas. Er führte und jetzt abseits nach der Garcia zu.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A chegada em Blumenau

Finalmente! Finalmente aportamos pela última vez! Nossos barcos atracaram próximo à foz do rio Garcia e o patrão disse: "Não iremos adiante! Aqui é Blumenau". – A nossa chegada foi muito triste: ninguém nos recepcionou; ninguém apareceu; ninguém se preocupou conosco; ninguém veio nos cumprimentar. Mas devem ter-nos ouvido e, em todos os casos, nossa vinda deveria ser importante para eles. Certamente um procedimento estranho e incompreensível que abateu nossos ânimos.

Não havia nada à nossa frente, além de um pedaço de terra desmatado, coberto por capoeira. Subimos pela margem do rio à procura da cidade de Blumenau. Bom Deus! Onde estaria exatamente a cidade? Não esperávamos encontrar uma cidade grande, mas, pelo menos uma cidadezinha ou uma aldeia. Porém, nada disso! Ali se encontrava uma casa grande e larga de um andar e meio, com uma sacada na parte frontal e paredes enxaimel, preenchidas com barro. A casa, aliás estava inacabada. Em toda a construção via-se apenas uma janela de vidro, e por trás da mesma encontrava-se o gabinete do diretor. As demais janelas eram de madeira. Essa única casa seria Blumenau? Oh não! Ali havia mais uma casa, lá outra e, mais adiante, via-se uma fileira de casebres, contudo, nenhuma destas construções fazia jus à denominação de "casa", pois eram apenas casebres, ou melhor, barracas construídas ao modo brasileiro, e em parte, inacabadas. – Esse era o *Stadtplatz* (centro) de Blumenau, como ainda hoje é denominado pelos colonos, embora tenha sido elevado à categoria de Vila.

Assim, os recém-chegados avistaram Blumenau pela primeira vez. Um olhava para o outro e ninguém ousava perguntar: Por acaso isso é Blumenau?

Finalmente vieram ao nosso encontro, o cônsul Gärtner e seu tio, o diretor, Dr. Blumenau, que trajava apenas camisa e calça, tendo na cabeça um chapéu de palha bem simples, denominado "chapéu de negro". Calçava tamancos e trazia pendurado no cinto um facão. Neste "traje regional", que no inverno era complementado por um jaquetão e um par de sapatos ou botas, vimos Dr. Blumenau andando por aí durante muitos anos. Ele era alto e magro e, por trás de seus óculos cintilavam olhos inteligentes. Cumprimentou os imigrantes de forma rápida, porém, cordial, deixando-os aos cuidados do cônsul e de um companheiro de viagem, que havia chegado a Blumenau antes, em companhia do cônsul, visto que sua irmã casada já vivia aqui há mais tempo.

"Se precisarem de alguma coisa, dirijam-se ao meu sobrinho ou ao Schröder, eles já estão a par de tudo. Hoje estou sem tempo, voltarei amanhã", disse o diretor com seu modo pausado de falar, afastando-se a seguir com um amável aceno.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Richtig, da stand das „Hotel" mit unseren „Zimmern"! – Welch ein herrlicher, vielversprechender Anblick! Ein langes, schmales Gebäude, in viele Abteilungen gebracht, von denen die Außenwände von Regen und Hochwasser so abgespült waren, daß nur noch das Fachwerk stand, der Lehm aber sich längst unten am Boden befand und bei Regenwetter einen einzigen dicken Brei bildete. Die Innenwände von jeder einzelnen Abteilung, welche nur aus gespaltenen Latten einer besonderen Palmenart – hier Palmito genannt – bestanden hatten und mit Cipó (die Wurzel eines Schmarotzergewächses) an eine Querlatte angebunden waren, lagen teils wirr durcheinander, teils fehlten sie auch gänzlich. Wahrscheinlich hatte man Brennholz davon gemacht. Dasselbe schien mit den Latten der Schlafpritschen der Fall gewesen zu sein. Der Fußboden war nicht gedielt, ja, nicht einmal geebnet. Durch das Dach konnte man den freien Anblick des Himmels genießen, was nammentlich bei Regenwetter allen äußerst praktisch vorkam. Denkt man sich noch den Mist von einigen Ochsen dazu, die hier ungehindert ein – und ausgegangen waren, so hat man ungefähr das Bild des Einwandererschuppens oder – wie Schröder sich ausdrückte – des Empfangshauses vor sich. Schröder meinte nun: „So, nun müßt Ihr Euch hier einrichten, so gut Ihr könnt". Damit übergab er den neuen Ankömmlingen die ganze Herrlichkeit und ging seiner Wege. –

Da standen nun die armen Immigranten und wußten nicht, ob sie weinen oder lachen sollten. Man sah aber bald ein, daß nichts weiter übrigblieb, als Hand ans Werk zu legen, und siehe da!, es ging besser, als mancher es gedacht hatte. Einige Bewohner aus der Nähe kamen noch zu Hilfe, und ehe es dunkel ward, war alles untergebracht. Freilich fehlte noch viel, um es einigermaßen wohnlich zu machen, aber die ersten Tage mußte es schon so gehen. –

Als nun am Abend abgekocht war und alle draußen im Freien saßen, beschlich doch jeden einzelnen ein seltsames Gefühl – war doch der erste Abend in der neuen Heimat der heilige Weihnachtsabend! – Jeder dachte zurück an die Weihnachtsabende in der alten Heimat, und es war da auf einmal merkwürdig still geworden. Nur dann und wann hörte man einen Ton, der sich fast wie verhaltenes schluchzen anhörte. – O Heimatland! O Vaterland! Wie bist du heut so fern und doch so nah! –

Da tönte plötzlich, erst leise und zaghaft, dann immer lauter und kräftiger: das Lied „Stille Nacht, heilige Nacht..." auf und mischte sich mit dem schrillen Ruf der Zikaden, hier „Weihnachtskäfer" genannt. Niemand wußte, wer es angestimmt, aber alle fielen mit ein. Feierlich klang das kleine, aber so inhaltsreiche Liedchen zum sternenbesäten Himmel empor; es war, als wäre ein Engel herniedergestiegen und hätte den Bann, der auf aller Herzen lastete, mit einem Male gelöst.

An diesem einen Abende kam man sich näher als auf der ganzen Reise. – Es wurde Mitternacht, niemand merkte es! Noch einige Stunden verflogen unter ernsten und heiteren Gesprächen, da meinte mein Vater: „Es muß doch bald 10 Uhr sein." Goldener hielt seine Uhr ans Lagerfeuer und sagte lachend: „Vor vier Stunden ist es zehn Uhr gewesen, jetzt haben wir zwei volle Stunden nach Mitternacht!" – Alle sprangen erstaunt auf und eilten auf ihr Nachtlager. – Ob alle gleich einschliefen? Wohl schwerlich! – Es ist ein eigenes Ding mit dem kleinen menschlichen Herzen! Bei gewissen Gelegenheiten kann man es nicht kurz abfertigen!

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Então Schröder comunicou-nos: "Venham, eu quero lhes mostrar os quartos". Bem, então havia quartos, algo bastante promissor. Ele nos levou em direção ao Garcia. Lá realmente se encontrava o "hotel" com os nossos "quartos"! Que aspecto maravilhoso e promissor! Uma edificação longa e estreita, com muitas repartições, cujas paredes externas estavam tão lavadas pela chuva e danificadas pelas enchentes, que apenas o enxaimel permanecia em pé, e todo o barro do reboco se encontrava no solo, formando uma papa em tempo chuvoso. As paredes internas dessas repartições eram apenas ripas rachadas de um tipo especial de palmeira, aqui denominada "palmito", amarradas com cipó (raiz de um parasito) em travessões. As ripas estavam jogadas desordenadamente e em parte faltavam completamente. Provavelmente foram utilizadas como lenha e ao que tudo indica, as camas do alojamento tiveram o mesmo fim, pois eram feitas do mesmo material. O chão não era assoalhado, nem aplainado. Podia-se contemplar o céu através do telhado, o que todos achavam muito prático, especialmente na época de chuva. Juntando-se a tudo isso o estrume de alguns bois, que circulavam livremente por ali, podia-se obter uma imagem do rancho de imigrantes, ou como dizia Schröder: "a casa de recepção". Finalmente Schröder nos comunicou: "pois bem, aqui vocês terão que se acomodar da melhor maneira possível". E após ter apresentado essa maravilha toda aos recém-chegados, despediu-se e seguiu seu caminho. –

Os pobres emigrantes realmente não sabiam se deviam rir ou chorar. Porém, logo se concluiu que não restava outra alternativa senão pôr mãos à obra e, vejam, foi mais fácil do que se imaginava! Alguns moradores dos arredores propuseram-se a nos ajudar e antes de anoitecer tudo estava acomodado. Naturalmente faltava muito para que pudéssemos nos instalar confortavelmente, contudo, precisaríamos nos conformar com isso durante os próximos dias.

À noite, depois do jantar, todos estavam sentados ao ar livre e um sentimento estranho invadiu cada um – era a primeira noite na nova pátria, era noite de Natal! Todos recordavam os natais na antiga pátria e, de repente, fez-se um silêncio estranho. De vez em quando se ouvia um som que parecia um soluço. "Oh, pátria! Oh, terra natal! Quão distante estás, e ao mesmo tempo, tão próxima".

A princípio baixinho e timidamente, a seguir, cada vez mais alto e forte, ouvia-se a canção "Noite feliz", que se misturava com o canto estridente das cigarras. Ninguém sabia quem havia iniciado, mas todos acompanhavam a pequena canção, mas de conteúdo rico, cujos acordes ecoavam pelo céu estrelado. Era como se um anjo tivesse descido para acalentar todos os corações.

Nessa noite, mais do que durante a viagem inteira, todos se sentiram muito próximos uns dos outros. Ninguém percebeu que já era meia-noite! Passaram-se mais algumas horas entre conversas ora sérias, ora descontraídas,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Der erste Tag in der neuen Heimat

Wie ein ungeheurer Feuerball stieg am nächsten Morgen die Sonne am Horizont empor und beleuchtete den jungen Feiertag. Mit der Sonne war auch schon der Direktor erschienen. Er kam ohne jede Begleitung, ging von Quartier zu Quartier und hatte für jeden ein paar freundliche Worte. Wieder hatte er es sehr eilig und gab nur kurze Antworten. – Da es an Küchen fehlte, baten ihn die Immigranten darum und auch um Brennholz. – "Küchen? Nun die müßt Ihr Euch selbst machen, die alten sind umgefallen", sagte er lachend. „Da", er beschrieb mit der Hand einen Kreis, „steht ringsum Wald genug, holt Euch Material, so viel Ihr wollt, Brennholz könnt Ihr nehmen, wo Ihr es findet". „Jo, jo", meinte ein langer mecklenburger Stellmacher, „dat is allens gaut, awers de Indianer un de Tigers fräten us man dobi up!" Der Direktor lachte noch mehr. „Hier herum gibt es weder Tiger noch Indianer", belehrte er die ängstlichen Neulinge. „Ihr müßt nur aufpassen, daß Ihr Euch nicht im Walde verlauft". – Da war noch gar vieles, was mancher wissen wollte, aber der Direktor wies alles ab mit den Worten: „Heute nicht! Heute nicht! Übermorgen! Habe keine Zeit. Keine Zeit! Wünsche fröhliche Weihnachten!" und damit eilte er auch schon fort.

„Sonderbarer Kauz!" meinte Goldener zu meinem Vater, „der muß am Raptus (Raserei) leiden."

„Lassen Sie das gut sein", erwiderte mein Vater, „wir müssen ihn erst näher kennenlernen."

Während mein Vater und Goldener noch redeten, kamen erst einige Kolonisten aus der Umgegend, dann immer mehr und mehr. Gestern schon hatten sie es erfahren, daß wir angekommen wären. Auch die Herren Stadtplätzler erschienen und zuletzt kamen sogar noch zwanzig Mann brasilianische Soldaten anmarschiert. Dieselben bewohnten die Reihe Buden, die wir gestern bemerkt hatten. Sie waren hier zum Schutze vor den Wilden (Bugres) von der Regierung hergeschickt und beehrten uns mit ihrem Besuch. – Sie marschierten im Gänsemarsch; vorneweg der Cabo. Ihre Uniformen waren noch ziemlich gut, sie mochten sie wohl sehr selten anziehen; denn sie hatten so gut wie gar keinen Dienst, außer Dienst aber konnte sich jeder anziehen, was er wollte. Ihre Waffen bestanden aus einfachen und doppelten Gewehren, einige trugen auch sogenannte Paraguayer, die sehr schwer, sehr lang und von großem Kaliber waren. An der Seite hing ihnen ein kurzes Seitengewehr. – Ebenso verschieden wie ihre Waffen war ihre Gestalt. Neben einem großen, schön gewachsenen Soldaten ging ein Dreikäsehoch, der seinem Vordermann kaum bis an den Gürtel reichte. Unter den zwanzig Mann waren wohl keine drei, die einerlei Größe hatten. – Sie hatten auch Schuhe an. Aber nicht alle! Einige trugen Holzpantoffeln, und vier Soldaten gingen barfuß. Ländlich, sittlich!

Vor unserer Baracke machten sie Front und – präsentierten das Gewehr! Dann gaben sie aus ihren 20 Gewehren eine Salve ab, die wenigstens aus 50 Läufen zu kommen schien. – Alles uns zu Ehren! – Sie meinten es gut. Die armen Kerle konnten

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

quando meu pai falou: "Logo deve ser 10:00 horas". Aproximando o relógio à claridade da fogueira, Goldener respondeu sorrindo: Passaram-se 4:00 horas das 10:00, e já são 2:00 horas após a meia-noite"! Todos se levantaram admirados, apressando-se para chegar aos seus leitos. Será que todos adormeceram imediatamente? É difícil responder! O pequeno coração humano é algo estranho, em determinadas ocasiões é difícil consolá-lo.

O primeiro dia na nova pátria.

Na manhã seguinte o sol apareceu no horizonte, como uma grande bola de fogo, iluminando o novo dia, um feriado. Com o sol, também veio o diretor, sem qualquer acompanhante, passando por cada um dos alojamentos, dirigindo palavras cordiais a todos. Ele estava novamente com pressa, dando apenas respostas breves. Como havia falta de cozinhas, os imigrantes também pediram por lenha. "Cozinhas? Bem, vocês devem construí-las sozinhos, porque as velhas caíram aos pedaços", respondeu ele sorrindo. E, fazendo um movimento circular com a mão, explicou: "Aí ao redor há mato suficiente, retirem o material que quiserem. Apanhem a lenha onde possa ser encontrada".

"Sim, sim, tudo isto pode ser muito bom, mas se os índios ou os tigres nos comerem?", murmurou em dialeto um carpinteiro de carroças. O diretor riu mais ainda. "Nesses arredores não há tigres, nem índios", explicou ele aos novatos assustados. "Vocês apenas devem cuidar para não se perderem na mata". Ainda havia muito para ser esclarecido, porém, o diretor cortou a conversa com as palavras: "Hoje não! Hoje não! Fica tudo para depois de amanhã. Hoje não tenho tempo! Desejo a todos um feliz Natal". Retirou-se às pressas.

"Sujeito esquisito", comentou Goldener com meu pai, "ele deve sofrer de alguma fobia".

"Deixa estar", retrucou meu pai. "Nós precisamos conhecê-lo melhor."

Enquanto meu pai e Goldener conversavam, começaram a chegar alguns colonos da redondeza e aos poucos, chegaram mais e mais pessoas que ontem ficaram sabendo da nossa chegada. Também os senhores do *Stadtplatz* fizeram-se presentes e, por fim, apareceram marchando 20 soldados brasileiros. Os mesmos ocupavam as barracas que vimos ontem e foram enviados pelo governo para proteger os habitantes contra os bugres, e queriam honrar-nos com sua visita. Os soldados marchavam em fila, comandados pelo cabo. Seus uniformes relativamente bem cuidados, deviam ser pouco usados, pois havia pouco serviço e durante a folga era permitido usar qualquer roupa. Suas armas eram espingardas de um ou dois canos, denominadas "paraguaios", pesadas, compridas e de grosso calibre. Do lado da cintura usavam uma baioneta curta. Assim como suas armas, também seu físico era diferente um do outro. Ao lado de um soldado de bom porte, marchava um projeto de gente que mal alcançava a cintura do companheiro

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ja am Ende auch nichts dafür, daß sie so unmilitärisch aussahen. Es war eben keine Nobelgarde, sondern nur eine Abteilung Bugerjäger. Wenigstens dem Namen nach; denn – unter uns gesagt – sie taten keinem Menschen etwas, am allerwenigsten aber einem Buger.

Nach der Ehrensalve konnten sie wegtreten und mischten sich jetzt unter die anderen. Nun kam Leben in die Bude! Das war ein Erzählen, ein Fragen und Antworten, ein Lachen und Wundern, daß mancher sein eigenes Wort nicht verstand. – Die meisten Besucher waren den Garciafluß herabgekommen. Es waren lauter Sachsen, Thüringer und sogenannte Raubstädtler, Greiz, Schleitz, Lobenstein u. S. W. Lauter derbe, sehr fleißige, schon eingearbeitete Kolonisten, die unter „ähnlichen Verhältnissen lebten wie die älteren Kolonisten am Itajahy, die sogenannten „alten Deutschen". – Die Herren Sachsen – nehmen Sie es mir nicht übel – waren sehr neugierig. Was ja auch kein Wunder war; denn jeder hoffte, aus der alten Heimat etwas zu erfahren. Sie verstanden es, einen bis aufs Hemd auszufragen. Leider waren die neuen Ankömmlinge in Sachsen nicht bekannt und konnten also keine Auskunft von dort erteilen.

Das beste aber war, daß die Besucher nicht mit leeren Händen gekommen waren. Da gab es: Bohnen, Mandiokmehl (Farin), Bananen und andere Früchte, einige Hühner, Zucker, Schnaps, junge Maiskolben, die wir Jungen mit der Weisung bekamen, dieselben in Kohlen zu rösten. Wir aßer aber eine roh auf; freilich schmeckten die gerösteten viel besser. Als aber ein biederer Sachse ein dickes Farinbrot behutsam auspackte und einer Frau aus Schlesien feierlich überreichte und dabei treuherzig sagte: „Da, Frauchen, schickt Ihnen meine Alte eenen Farinkuchen! Der soll for Ihre Kinder sein, und Se sullen de schwarze Kruste abschneiden, es is Se e bisse braun keraten, weil mer Zucker nein ketan haben", da nahm diese es wohl dankend an, da sie aber unterwegs schon dergleichen Kuchen gegessen hatte, meinte sie heimlich zu ihren Kindern: „Daß der mir nich vun den Klitsch etwan fräßt! Ihr Luderzeug! Sunsten kummt de Karbatsche! Daß Ihrs nur wißt!" – Die Kinder sahen verlangend nach dem ihnen so herrlich dünkenden Kuchen, aber sie rührten ihn nicht an; denn das Wort „Karbatsche" schreckte sie davon ab. – Später wurde er aber doch noch auf vieles Betteln und Bitten des „Luderzeugs" von ihnen vermuffelt, wie die Schlesinger sagen. .....

Erkundung der Umgebung

Am nächsten Tage machte sich mein Vater mit Goldener auf, um die nächste Umgebung etwas kennenzulernen. Wir Jungen durften mitgehen. Zuerst wurde der ersten und einzigen Venda ein Besuch abgestattet. Sie befand sich eben in dem einzigen Hause, welches weiter oben schon genannt wurde. Der Besitzer dieses Hauses hieß Friedenreich und war in der ersten Zeit Kaufmann, Arzt (Homöopath) und Richter zugleich. Er kam uns schon in der Tür entgegen und begrüßte uns sehr freundlich. Herr Friedenreich war von mittelgroßer Gestalt, würdevollen Aussehens und ruhigen Wesens.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da frente. Entre os vinte soldados certamente não havia três da mesma estatura. Nem todos usavam sapatos. Alguns usavam tamancos e quatro deles estavam descalços. *"Cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso".*

Em frente à nossa barraca os soldados formaram fileira, apresentando suas armas e disparando uma salva de vinte tiros, porém, mais pareciam ter saído de, no mínimo, cinqüenta canos. Tudo isso em nossa homenagem! A intenção foi boa, mas os pobres coitados não tinham culpa por causarem uma impressão "antimilitar". Afinal, não se tratava de uma guarda nobre, e sim, apenas de um contingente caçador de bugres que, cá entre nós, não seria capaz de machucar ninguém, muito menos um índio. Após a salva de honra, os soldados estavam liberados e juntaram-se ao restante das pessoas presentes e a barraca encheu-se de animação.

Era um tal de "conta isto" e "conta aquilo", que entre perguntas, respostas, sorrisos e espanto ninguém entendia sua própria palavra.

A maioria dos visitantes havia descido o ribeirão Garcia e era formada por saxões, turíngios e cidadãos naturais das chamadas cidades abertas, como: Greiz, Schleitz, Lobenstein, etc, que eram todos colonos fortes, muito trabalhadores e experientes, vivendo sob condições semelhantes às dos colonos mais antigos das margens do Itajaí, os chamados "antigos alemães". Não me levem a mal, mas os senhores saxões estavam muito curiosos, o que não era de admirar, pois todos esperavam por notícias da sua antiga pátria, esgotando-nos com tantas perguntas. Por azar, os recém–chegados não procediam da Saxônia, portanto, não podiam informar nada sobre a mesma.

Contudo, o melhor foi que os visitantes não chegaram de mãos vazias. Havia feijão, farinha de mandioca, banana e outras frutas, algumas galinhas, açúcar, cachaça e espigas de milho, com a recomendação de que fossem assadas na brasa. Comemos apressadamente uma espiga crua, mas logo constatamos serem bem mais saborosas assadas. Um honrado saxão desembrulhou cuidadosamente um volumoso pão de farinha, entregando-o a uma imigrante da Silésia com as seguintes palavras: "Senhora, minha velha mandou-lhe esse bolo de farinha! É para seus filhos, mas corte esta casca que ficou meio preta, porque foi colocado açúcar demais". Agradecida, a mulher aceitou a oferta. Como já havia comido um bolo semelhante durante a viagem, recomendou secretamente às crianças: "Pirralhos, prestem atenção, não comam desta coisa pastosa, senão vocês levarão uma surra"! Desejosas as crianças observaram o bolo, porém a palavra "surra" lhes havia intimidado. Contudo, mais tarde, após muitos apelos, o bolo foi devorado.

Explorando a redondeza

No dia seguinte, meu pai e Goldener resolveram explorar a redondeza, e nós, rapazes, pudemos acompanhá-los. Primeiro fomos visitar a venda, localizada

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

„Ach, Sie sind gewiß Herr Kleine", redete er meinen Vater an, „ich kenne Sie schon aus der Beschreibung meines Schwagers (Schröder). Er hat mir schon von Ihnen erzählt. Herrn Goldener kenne ich ja auch schon. Bitte, treten Sie ein!"

Wir traten in den Raum, der als Verkaufsladen diente, und sahen uns darin um. Er war sehr bescheiden ausgestattet, und was wir als Lebensmittel endeckten, war alles verdorben, weil es weit her kam und sehr lange auf Reise zubrachte. Die Reiseverbindungen von damals waren sehr unregelmäßig und langsam; der Speck kam aus der Provinz Espírito Santo und wurde kurzweg Santosspeck genannt. Wer nicht durchaus mußte, kaufte keinen; denn er war voller Maden und hatte einen strengen Beigeschmack, außerdem enthielt er 50 Prozent Salz. Bohnen, Farin und Reis kamen aus älteren Kolonien, Zucker und etwas Kaffee vom unteren Itajahy, Carne-Seca (Dörrfleisch) von Uruguay und Argentinien über Rio und Desterro (heute Florianópolis). Die Herren Großkaufleute von dort schickten natürlich nicht die beste Nummer nach Blumenau. Was hier ankam, waren kleine, verrottete, halb verfaulte Stücke, die mit rotem Schimmel überzogen waren und gar keinem Fleisch mehr ähnlich sahen. Und wie wurde damit umgegangen! In den ersten besten Winkel wurde es hingeworfen, diente den Hunden als Objekt für ihre Spritzübungen und den Menschen als Spucknapf! Die Kolonisten kauften fast nie Carne-Seca, sie hatten Hühner und Schweinefleisch und reichlich Wildpret, außerdem noch Fische genug, aber die Immigranten waren darauf angewiesen. Das Salz war schmutziges, ganz grau aussehendes grobes Seesalz. Zur Beleuchtung diente Fischtran, reichlich vermengt mit Gräten und Fischköpfen. Talglicher, von denen ein einziges genügte um den Leuchter in eine Talgsäule zu verwandeln. Seife kam kistenweise aus Rio und war gut. Weizenmehl wurde zu den Luxusartikeln gerechnet und war selten zu haben. An Kleinkram gab es noch Zwirn, Nadeln, Feuerzeug, Pulver, Schrot, Nägel u.s.w., die Getränke bestanden nur aus hiesigem Schnaps, der sehr billig war, und dem berühmten Vinho tinto. Das war so ziemlich alles. An Zeug war noch etwas grobes baumwollenes Arbeitszeug und für den Winter blaue und rotwollene Stoffe.

Man muß aber nicht glauben, daß diese Artikel immer zu kaufen waren. Bald fehlte monatelang das eine, bald das andere! Ja, es kam vor, daß manchmal nichts weniger als alles fehlte, sogar das Salz! Das hing alles von den Umständen und der Witterung ab. War schlechtes Wetter, Hochwasser, Sturm auf See u.s.w., kam keine Zufuhr. Da hieß es in ganz Blumenau: „Paciência" (Geduld), welches Wort bekanntlich die Zauberformel aller Brasilianer in schwierigen Verhältnissen ist.

So war es in der Anfangszeit in Blumenau; nach und nach wurde es natürlich besser, wie wir schon sehen werden. –

Wir waren die einzigen Gäste an diesem Morgen, selbst von der Familie des Wirtes ließ sich niemand blicken. ...Erst später kam die Frau Wirtin zum Vorschein, eine etwas korpulente Dame mit noch jugendlichem Gesicht. Sie war sehr gesprächig, sehr freundlich und sehr neugierig. Sie stammte aus Berlin und war etwas derb und geradeheraus in ihrem Wesen und Gespräch. Als dann auch noch ihr Bruder (Schröder) mit dem Konsul Gärtner und mehrenen anderen in die Gaststube

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

na única casa, anteriormente já mencionada. Seu proprietário chamava-se Friedenreich, e nos primeiros anos atuava, a um só tempo, como comerciante, médico (homeopata) e juiz. Ele veio ao nosso encontro cumprimentando-nos com muita amabilidade. Era uma pessoa digna, tranqüila e de estatura média.

Dirigiu-se a meu pai dizendo: "Ah, o sr. Certamente é o Sr. Kleine. Já o conhecia através da descrição de meu cunhado Schroeder, que falou a seu respeito. Também já conheço o Sr. Goldener, façam o favor de entrar."

Entramos no espaço que servia de venda e tomamos conhecimento do local. Sua instalação era modesta e os mantimentos que vimos estavam deteriorados em conseqüência da demora no transporte, pois a mercadoria vinha de muito longe.

Os meios de transporte daquela época eram precários. O toucinho, por exemplo, vinha da colônia do Espírito Santo, sendo por isso, simplesmente denominado de toucinho de Santos. Contudo, quem não era obrigado a usá-lo, deixava de comprá-lo, pois além de estar bichado e rançoso, compunha-se 50% de sal. O feijão, a farinha e o arroz provinham das colônias mais antigas, enquanto o açúcar e o café eram adquiridos no baixo Itajaí. A carne era fornecida pelo Uruguai e pela Argentina, através do Rio e Desterro (atualmente Florianópolis). Porém, os senhores atacadistas não enviavam o melhor produto para Blumenau. Aqui, apenas chegavam as peças pequenas e semideterioradas, cobertas por bolor vermelho, que nem sequer tinham aspecto de carne. As mesmas eram atiradas em qualquer canto, servindo de mictório para os cães e de cuspideira para o homem! Os colonos dificilmente compravam carne-seca, pois além de manterem a sua própria produção de carnes de galinha e porco, dispunham da caça e pesca. Mas os imigrantes eram obrigados a comprar gêneros alimentícios. O sal marinho tinha um aspecto escuro e sujo. O óleo de peixe misturado abundantemente com espinhas e cabeças de peixe, bem como o sebo serviam de combustível para os candeeiros. Uma única vela à base de sebo era suficiente para transformar o candeeiro em uma coluna de sebo. O sabão provinha do Rio e era de boa qualidade. A farinha de trigo, considerada artigo de luxo, raramente era encontrada. Havia ainda miudezas como: linhas, agulhas, isqueiros, pólvora, chumbo, pregos, etc... Entre as bebidas existia apenas a cachaça local, muito barata, e o famoso vinho tinto. Isto era praticamente tudo, porém ainda havia roupas grotescas de algodão para o trabalho, e tecido de lã azul e vermelho para o inverno.

Todavia, não pensem que se conseguia comprar sempre esses artigos, pois ora faltava uma, ora outra coisa durante meses, às vezes, até o sal, tudo dependia das circunstâncias e das condições climáticas. Se fizesse mau tempo, ou houvesse enchente, tempestade marítima, etc..., não havia abastecimento. Então todos em Blumenau diziam: "Paciência", palavra conhecida como fórmula mágica para todas as dificuldades dos brasileiros.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eintraten, gab mein Vater Goldener einen Wink, und wir brachen wieder auf. Mein Vater wollte nicht mit Gärtner und Schröder, die ihn stets kalt und verächtlich behandelt hatten, in Streit geraten. Auch Goldener hegte keine Sympathie für die beiden Herren, die ihn auch immer nur von oben herab behandelten, und ging ihnen deshalb gern aus dem Wege.

Eine kleine Strecke weiter stand eine Schmiede am Wege, das heißt nur ein kleiner Schuppen, der mit Latten umsetzt war und weder Tür noch Luken hatte. Mitten darin stand ein Amboß, um den herum einiges verrostete Werkzeug lag. Der kleine Blasebalg hatte ein paar Löcher zu viel. Kurz, man sah auf den ersten Blick, daß hier lange nicht geschmiedet worden war. Als wir auf dem Rückweg wieder hier vorbeikamen, erzählte uns Meister Schmied, daß er wohl Kundschaft genug hätte, weil er der einzige Schmied bis jetzt sei, aber es fehle ihm an Eisen, Steinkohle und Werkzeug. Außer diesem Handwerker, der Maatz hieß, wohnte nur noch ein Tischler (Zwingmann) am Stadtplatz, der aber seit dem Tode seiner Frau ganz verliedert und verkommen war und zuletzt buchstäblich von dem Ungeziefer (Sanflöhen) aufgefressen wurde. Das war zur Zeit unserer Ankuft (1856) der ganze Handwerkerstand in Blumenau.

Jetzt kamen wir an die Kaserne. Hier verweilten wir lange, denn das Leben und Treiben dieser Soldaten interessierte meinen Vater und Goldener auf das höchste. Die Herren Bugerjäger schienen gerade mit ihren Weibern aufgestanden zu sein. Ich sage Weiber; denn einige hatten neben ihren legitimen Frauen noch Kebsweiber, die aber auch noch andere Liebhaber hatten. Man nahm das überhaupt nicht sehr genau in dieser Angelegenheit und schien dem Grundsatz der freien Liebe zu huldigen. – Ländlich, sittlich! – Sie hatten sich noch nicht gewaschen und trugen die Federn ihres Bettes, welche aus Maisblättern bestanden, noch in ihren Pudelköpfen und Kleidern. Frauen sowohl wie Männer waren sehr sommerlich gekleidet, genierten sich aber nicht im geringsten vor den Alemãos. – Sebstverständlich wimmelte es von Nachwuchs der tapferen blumenauer Beschützer. Der Cabo, der wie seine Untergebenen nur in Hemd und Unterhosen stand, zog geschwind seinen Uniformrock an, vergaß aber im Eifer, uns zu empfangen, die Hosen anzuziehen und empfing uns mit der allen Brasilianern eingenen Höflichkein in Waffenrock und Unterhosen! Meinen Vater nannte er nicht anders als „Senhor Doutor". Wahrscheinlich weil mein Vater eine Brille trug, bekam er hier den Doktorgrad.

Der Cabo führte nun seine Gäste von Bude zu Bunde, zeigte und erklärte alles auf das ausführlichste und war so eifrig dabei, daß er ganz und gar vergaß, wie wenig er verstanden wurde. Es gab auch genug zu sehen. Da war der Dreikäsehoch von gestern, welcher den Spitznamen „macuco" führte. Das ist der Name eines großen Waldhuhnes. Dieser Makuk hier hatte bloß drei Frauen und derzeit erst 17 Kinder, Mann und Weiber waren aber noch in den besten Jahren.

Unter den ledigen Soldaten befand sich ein schöner, hochgewachsener junger Mann, welcher Chico Marco hieß. Er war unstreitig der beste und kühnste Jäger unter den ganzen Soldaten. Später schaffte er sich ein deutsches Mädchen als

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Assim foi o início em Blumenau; e como veremos mais adiante, pouco a pouco houve naturalmente uma melhora.

Nós éramos os únicos fregueses da venda naquela manhã, e os próprios familiares do dono não apareceram... Sua esposa, uma senhora meio encorpada, de aparência ainda jovem, veio mais tarde. Era uma pessoa bastante expansiva, cordial, curiosa. Era natural de Berlim, e seu jeito de ser e falar era direto e rude. Assim que o seu irmão (Schröder) entrou na sala, acompanhado do cônsul Gärtner e de outros, meu pai fez um sinal para Goldener e então partimos. Meu pai não quis entrar em atrito com Gärtner e Schröder, que constantemente tratavam-no com frieza e desprezo. Goldener também não simpatizava com esses dois senhores, e por isso os evitava.

Um pouco mais adiante, encontramos à beira do caminho uma ferraria, ou melhor, um rancho pequeno feito de sarrafos, sem porta e janelas. No seu interior havia uma bigorna, algumas ferramentas enferrujadas e um fole pequeno com alguns furos a mais. Logo se notava que há muito não se trabalhava ali. Ao retornarmos, paramos novamente lá e o "mestre" ferreiro chamado Maatz, contou-nos que, sendo o único da região, teria clientela suficiente, porém lhe faltavam ferro, carvão de pedra e ferramentas. Além deste artífice, havia no *Stadtplatz* apenas mais um. Tratava-se de um carpinteiro que, após a morte da esposa, degenerou-se de tal forma, que foi literalmente devorado pelo bicho-do-pé. Esses eram os artífices estabelecidos quando chegamos em Blumenau (1856).

Então nos aproximamos do quartel, onde nos demoramos mais, pois meu pai e Goldener se interessavam demais pela vida e as atividades desses soldados. Os caçadores de bugres e suas raparigas acabavam de se levantar. Eu digo raparigas, pois alguns homens, além de suas mulheres legítimas, tinham concubinas que também tinham seus amantes. Parece que isto não tinha muita importância, pois, rendia-se homenagem ao amor livre. *"Cada roca com seu fuso, cada terra com seu uso"*. Ainda não haviam se lavado, e traziam em seus cabelos encaracolados e em suas vestes vestígios de palha de milho, da qual eram feitas as suas camas. Tanto os homens quanto as mulheres trajavam roupas de verão, não se constrangendo com a presença dos "alemães". Evidentemente a prole dos valentes protetores dos blumenauenses proliferava. O cabo, que como seus subalternos encontrava-se apenas de camisa e cueca, vestiu apressadamente o casaco da sua farda, esquecendo-se da calça.

Recebeu-nos de casaco e cueca, porém com a gentileza peculiar de todos os brasileiros. Tratava meu pai de "senhor doutor", provavelmente recebeu o título de doutor porque usava óculos.

O cabo levou seus hóspedes de cabana em cabana, mostrando e explicando tudo detalhadamente com tanto entusiasmo, que esqueceu

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Braut an und nahm sie – gegen den Willen ihrer Eltern – mit sich fort, als die ganze Abteilung abgerufen wurde. (Später wird der geneigte Leser diesen Chico noch besser kennenlernen). Der Cabo zeigte uns auch noch ihre Waffen und Fischereigeräte, unter denen ein Wurfnetz unsere besondere Aufmerksamkeit erregte. Zuletzt führte uns der Cabo noch in seine eigene Behausung, um uns mit Kaffe zu bewirten. Seine Bude bestand wie alle andere aus vier nackten Wänden, die überall Löcher und Spalten aufwiesen. Ein paar kleine Kisten und Bänke, ein kleiner Spiegel, unter dem ein ungeheurer Kamm lag. Außerdem noch drei Weiber, die mit zu des Cabos Inventar gehörten... Kinder sahen wir hier nicht. Ein Bett in Form einer Strohmatte stand zusammengerollt in einer Ecke. Auf der blanken Erde war ein Haufen Maisblätter zusammengekratzt, der wahrscheinlich zur Unterlage des Bettes diente. Das war die ganze Ausstattung dieses Putzzimmers!

Eine der Frauen, wahrscheinlich die Favorit-Sultanin, nahm unseren Freund Cabo sehr ungnädig in Empfang und warf ihm zuguterletzt die vergessene Hose an den Kopf. Der zukünftige General schien dergleichen Auftritte schon gewöhnt zu sein; wenigstens nahm er die Sache, wollte sagen die Hose sehr gleichmütig auf und zog sie vor unseren Augen ganz unbefangen an. Dann mußten die drei Grazien Kaffe auftragen. Er selbst drehte für jeden Gast Fumzigaretten zurecht, holte einen kleinen Feuerbrand, an dem er jede Zigarre selbst anrauchte und dann dem Gaste feierlich mit großer Würde überreichte. Bei diesem Akte der Gastfreundschaft kamen wir Jungen in größte Verlegenheit. Wir konnten und durften ja nicht rauchen, zurückweisen war aber hier einer Beleidigung gleich, so viel hatten wir schon unterwegs von brasilianischer Lebensart wegbekommen. Ist stieß meinen Bruder an, und kurz entschlossen nahmen wir ein paar Züge und gaben dann unsere Zigaretten den Weibsbildern wieder zurück, die sie hocherfreut annahmen und nun das Rauchen für uns besorgten.

„Die verflixten Bengel", sagte mein Vater zu Goldener, „haben sich geschickt aus der Klemme gezogen; dachte nicht, daß sie schon so viel Grips besäßen".

„Und so viel Galanterie", setzte Goldener lachend hinzu.

Also, wir mußtem jetzt Kaffe trinken, und zwar auf derselben Matte, die nachts das Bett vorstellte. Einfach, aber praktisch!

Hinter den Buden standen die Küchen. Vier Pfosten, auf denen ein einseitiges Blätterdach ruhte. Auf der ebenen Erde wurde gekocht. Hier stand auch gewöhnlich das Kochgeschirr, nämlich: ein Topf und ein Kaffekessel; unsere deutsche Bratpfanne fehlte in jeder Küche, weil die Brasilianer alles Fleisch, ja sogar Käse, Fische, Wurst usw. Am Spieße braten. Nur selten wird Fleisch gekocht und daher sehr wenig Fett oder Speck gebraucht. Das leicht zerbrechliche Eßgeschirr wurde im Hause aufbewahrt. Aufgewaschen wurde in hölzernen Mulden (gamelas), in denen auch sämtliches Fleisch eingesalzen wurde. Eine große Art Flaschenkürbis vertrat die Stelle des Eimers, der Schüssel und sehr oft auch des Tellers. Außerdem wurden allerlei trockene Vorräte darin aufbewahrt, z.B. Salz, Zucker, Farin usw. Es gab solche

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

completamente quão pouco se fazia entender. Havia muito para ver. Encontrava-se ali também o "projeto de gente" que vimos ontem, cujo apelido era "macuco" – nome de uma ave silvestre. Só que este macuco tinha apenas 3 mulheres e 17 filhos, e tanto o marido quanto as esposas ainda eram jovens.

Entre os soldados solteiros encontrava-se um jovem alto, chamado Chico Marco que, indiscutivelmente, era o melhor e o mais audaz caçador de todos os soldados. Mais tarde ele namorou uma moça alemã e, contrariando a vontade de seus pais, levou-a consigo por ocasião do regresso do contingente. (Mais adiante o próprio leitor conhecerá melhor esse Chico). O cabo ainda nos mostrou suas armas e equipamentos de pesca, dentre os quais o que mais chamou nossa atenção foi uma rede de arremesso. Finalmente, levou-nos à sua própria morada para oferecer um café. Assim, como todas as outras barracas, a sua também tinha quatro paredes nuas, com inúmeros furos e frestas. No seu interior havia alguns caixotes e bancos, um espelho pequeno e sob o mesmo um pente enorme. Além disso, havia três mulheres que faziam parte de seu patrimônio. Porém, não vimos crianças. No canto havia uma cama enrolada em forma de esteira e no assoalho um monte de palha, que provavelmente servia de base para a cama. Essa era toda a decoração desta sala.

Uma de suas mulheres, que devia ser a sua "sultana" favorita, recebeu nosso amigo cabo de mau-humor atirando a calça esquecida em sua cabeça. Pela reação, o futuro general já devia estar acostumado com cenas semelhantes. Levando o acontecido na esportiva, ajuntou sua calça e vestiu-a desembaraçadamente na nossa presença. A seguir, as "três graças" serviram o café. O cabo enrolou um cigarro de palha para cada hóspede, e acendeu com um pedaço de lenha em brasa. Nós, jovens rapazes, ficamos seriamente constrangidos com este ato hospitaleiro. Não devíamos fumar, porém, recusar, significaria ofender, pelo menos era o que já havíamos aprendido sobre os costumes brasileiros. Eu cutuquei meu irmão e decidimos dar umas tragadas, devolvendo, a seguir, nossos cigarros às três mulheres, que os aceitaram encantadas e fumaram por nós.

"Moleques safados", disse meu pai ao Goldener, "conseguiram sair habilmente do apuro; não pensei que fossem tão inteligentes".

"E com quanta gentileza", acrescentou o Goldener. Bem, agora tínhamos que beber café, sentados na esteira, que à noite servia de cama. Simples, porém prático!

As cozinhas se encontravam atrás das barracas, tinham quatro pilares e como cobertura, um simples telhado de folhas. Cozinhava-se simplesmente sobre o chão. Normalmente as panelas também eram encontradas aqui, ou uma panela e uma chaleira. Como os brasileiros assam no espeto a carne, até o queijo, peixes, lingüiça, etc., não existe a frigideira, tão usada na Alemanha. A carne raramente é cozida, motivo pelo qual se usa pouca banha ou toucinho. A louça, por ser frágil,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

cuias in allen Größen und von verschiedenen Formen. – An Küchenschrank war natürlich ebenso wenig zu denken wie an einen Kleiderschranck, Tisch oder Kommode. Wie man sieht, war die ganze häusliche Einrichtung nichts weniger als luxuriös, aber sie war echt brasilianisch. –

Nachdem wir uns über alles gebührend gewundert hatten, nahmen wir Abschied von unserem freundlichen Wirt und seinen Gemahlinnen.

Mit etwas gemischten Gefühlen zogen wir wieder ab, die Garcia aufwärts, kamen aber leider nicht weit. Gleich unter den Soldatenhäusern kam uns ein großer Bach in die Quere, über dessen hohe Ufer eine Palmitenbrücke von sehr zweifelhaftem Aussehen lag. Es war die erste derartige Brücke, welche wir sahen. Die drei Balken bestanden aus ausgesuchten, sehr dicken Palmiten; zur Decke hatte man die Palmiten in der Mitte gespalten und quer über die Balken gelegt, dann mit Palmenblättern zugedeckt und etwas Erde darauf geschüttet. Um der Decke mehr Halt zu geben, waren noch an beiden Seiten ganze Palmiten der Länge nach darüber gelegt und an den beiden Endpunkten mit hölzernen Haken in der Erde verankert. – Das wäre ja nun ganz schön gewesen, wenn nur mehr Stützen darunter gestanden hätten! Die ganze Brücke schwebte frei, wie eine Hängebrücke über die ganze Breite des Baches.

Wir Brüder mußten einmal zur Probe darüber laufen. Die Brücke schwankte aber so bedenklich, daß die beiden Männer beschlossen, vorläufig dieselbe nicht zu überschreiten. Später lernten sie noch ganz andere Brücken zu passieren und mußten oft genug über Baumstämme rutschen oder reiten oder durch das Wasser gehen, welches manchmal so tief war, daß sie schwimmen mußten. – Also kehrten wir wieder um. .....

Nachmittags wurde wieder ein Ausflug unternommen. Diesmal ging es über die Garcia, um die andere Seite des Stadplatzes kennezulernen. Am Ufer des Garciaflusses lag eine kleine, elende Fähre mit einem Cipó-Strick an beiden Ufern befestigt, damit man die Fähre hinüberziehen konnte. Goldener und wir beiden Jungen, die wir natürlich wieder mit von der Partie waren, benutzten die Fähre. Mein Vater zog es vor, durch das seichte Wasser zu waten, welches ihm nur bis an die Knie reichte. Wir wanderten den Itajahy aufwärts auf einem schmal ausgetretenen Stege voller Wurzeln und Löcher. Zur Abwechslung lag auch manchmal ein Baumstamm darüber. Auf kleinen Waldlichtungen trafen wir einzelne Buden an. Manche waren fertig zum Einziehen, andere waren erst angefangen und harrten noch der Vollendung. Menschen erblickten wir nirgends. Sie waren wohl alle, des Feiertags wegen, nach dem Stadtplatz spaziert. Von Pflanzung war noch wenig zu sehen. Eine kleine Ecke Bohnen, etwas Mais, und an einer Stelle trafen wir ein Stück wunderschöner Kartoffeln. Bald führte uns der Steg durch ein Stück Urwald hindurch. Dann kam eine große Waldlichtung, und ein großer Bach kreutzte unseren Pfad. Es war die Velha, das heißt der Punkt, an welchem Dr. Blumenau zuerst seine Gründung begann. Später verlegte er den Hauptpunkt an die Mündung des Garcia. An der Velha stand noch ein ziemlich großes Gebäude, umgeben von Fruchtbäumen und einer Wiese.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

era guardada dentro de casa e lavada em gamelas, que também eram usadas para salgar carne. As cuias feitas de porongo, encontradas em todos os tamanhos e formatos, substituíam o balde, a bacia e freqüentemente até os pratos, sendo utilizadas também como saleiro, açucareiro, farinheiro, etc. Não havia guarda-comida, guarda–roupa, mesas ou cômodas. Como se vê, toda a instalação da barraca era tudo, menos luxuosa, porém, tipicamente brasileira.

Após termos nos admirado devidamente a respeito do que vimos, despedimo-nos do nosso gentil hospedeiro e de suas esposas.

Partimos com os sentimentos meio confusos, subindo o Garcia, porém, não chegamos longe, pois logo abaixo das moradas dos soldados deparamo-nos com um grande riacho, sobre o qual havia uma ponte de palmito com aparência duvidosa. Foi a primeira ponte deste estilo que vimos. Seus três travessões eram de ripas grossas de palmito. Sua cobertura era feita de ripas de palmito partidas ao meio, colocadas horizontalmente sobre os travessões cobertos pelas folhas de palmito e um pouco de terra jogada por cima das mesmas. Para sustentar melhor a cobertura, ambos os lados eram escorados por troncos de palmitos, presos nas duas extremidades com dois ganchos de madeira fincados na terra. Teria sido ótimo se houvesse mais estacas sustentando a ponte, pois a mesma balançava sobre o ribeirão como uma ponte pênsil.

Nós, irmãos, tivemos que testá-la, mas ela balançava tanto que os dois homens decidiram não atravessá-la. Posteriormente eles aprenderam a atravessar pontes bem mais precárias, fora as ocasiões em que precisaram deslizar ou cavalgar sobre troncos de árvores, ou até atravessar a pé ou a nado, devido sua profundeza. Bem, resolvemos voltar...

À tarde empreendemos mais uma excursão. Desta feita atravessamos o Garcia para conhecermos o outro lado do *Stadtplatz*. À margem do rio havia uma pequena e precária balsa presa por um cipó em ambas as margens, a fim de que pudesse ser puxada para o outro lado. Goldener e nós, dois rapazes, que naturalmente fazíamos parte da excursão, utilizamos a balsa. O meu pai preferiu atravessar o rio a pé, pois a água alcançava apenas seu joelho. Caminhamos o Itajaí acima por um trilha cheia de raízes e buracos, e para variar, às vezes, havia um tronco de árvore caído. Encontramos em algumas clareiras, barracas isoladas, algumas prontas para morar, outras apenas começadas, aguardando a conclusão. Devido ao feriado, não vimos pessoa alguma, deviam ter ido passear no *Stadtplatz*. Praticamente não se avistava plantação alguma, a não ser um cantinho com feijão, mais adiante um pouco de milho e, num trecho, encontramos uma linda plantação de batatas. Em seguida a trilha atravessava a mata virgem, mas logo nos deparamos com uma clareira e um ribeirão grande cruzando o nosso caminho. Era o ribeirão da Velha, isto é, o local onde Dr. Blumenau iniciou sua fundação. Posteriormente ele transferiu o ponto principal para a foz do rio Garcia. Próximo ao ribeirão da

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Auch hier sahen wir weder Mensch noch Tier. Wir riefen, aber da niemand Antwort gab, gingen wir weiter. – Auf der anderen Seite der Velha stand lauter Buschwald (capoeira), ein Zeichen, daß hier schon einmal ein Pflanzfeld gewesen war.

Da ein Gewitter heranzuziehen schien, traten wir den Rückweg an. Wir hatten wohl ganz in der Ferne donnern gehört, aber weil keine Gewitterwolken am ganzen Horizont zu sehen waren, hatten wir es nicht sehr eilig. Wir kannten eben noch kein blumenauer Gewitter um Weihnachten herum. – Urplötzlich stieg eine schwarze Wand im Westen hoch und verwandelte in wenigen Minuten den hellen, lachenden Tag in finstere Nacht. Schon hörten wir das Brausen des Windes, welcher mit rasender Eile die Gewitterwolken vor sich her trieb. Noch ehe wir Schutz fanden, hatte das Unwetter uns erreicht. Der Sturm peitschte uns den dicken Regen, der noch zum Überfluß mit Hagelkörnen vermischt war, um die Ohren, daß uns Hören und Sehen verging. In weniger als fünf Minuten waren wir vollständig durchnäßt.

Dabei fuhr Blitz auf Blitz hernieder. Mit entsetzlichem Getöse rollte unaufhörlich der Donner. Ein paarmal knatterte es so dicht bei uns, daß wir erschrocken zusammenfuhren und unwillkürlich stille standen.

„Ich muß gestehen", meinte Goldener in einem solchen Augenblick, „die Geschichte gefällt mir ganz und gar nicht."

Mein Vater schwieg. Er war am schlimmsten daran von uns allen; weil ihm die Brille voll Wasser lief, konnte er nur mit knapper Not den Weg finden. Wir Jungen zitterten vor Angst und hätten am liebsten ein bißchen geheult. Unsere Not war aber bald zu Ende. Ebenso schnell wie es gekommen, zog das Wetter über uns weg; und nun sahen wir das Schauspiel, wie die eine Hälfte des Horizontes in schwarze Nacht gehüllt war, in der fortwährend grelle Blitze zuckten, während die andere Hälfte in schönstem Sonnenschein erglänzte.

Als wir das Stück Urwald wieder passierten, sahen wir erst, was der Sturm angerichtet hatte. Große, dicke Äste lagen überall am Boden. Hier und da war ein Baum geknickt. Ein Riesenstamm, den der Sturm entwurzelt hatte, lag quer über dem Weg. In dem Aufruhr der Natur hatten wir vor lauter Donnerschlägen und Sturmesheulen das Krachen im Walde gar nicht gehört.

Wir Knaben wären gern über den gefallenen Riesen, der uns so unhöflich den Weg versperrte, hinweggeturnt, mußten aber den beiden Männern folgen, die seitwärts durch den Wald bogen, um das Hindernis zu umgehen. Goldener, der vorneweg ging, sprang plötzlich mit lautem Schreckensruf wieder zurück. Die Ursache seines Schreckens wurden wir bald gewahr. Eine ungeheure, lange und dicke Schlange lag vor uns mit aufgerichtetem, dick angeschwollenem Halse und aufgesperrtem Rachen, die augenscheinlich große Lust hatte, auf Goldener loszuspringen; sie besann sich aber doch noch und ließ den Kopf wieder zur Erde sinken. Hier glitt sie, immer vor sich her züngelnd, langsam ihren Weg weiter.

„Oh je, oh je," stöhnte Goldener, „das hätte schlimm ablaufen können! Wenn es so weiter geht, habe ich bald genug von Blumenau!"

„Wollen wir sie nicht totschlagen?" fragte mein Vater.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Velha havia ainda uma construção razoavelmente grande, rodeada de árvores frutíferas e uma pastagem. Igualmente aqui não vimos pessoas ou animais. Nós chamamos, mas como ninguém respondeu, seguimos adiante. Do outro lado do ribeirão, avistamos um terreno coberto por capoeira, sinal que já fora cultivado.

Com a aproximação aparente de uma trovoada, decidimos retornar. Ao longe ouvimos os trovões, porém, não nos apressamos, pois em todo o horizonte não havia uma nuvem sequer indicando trovoada. Ainda não conhecíamos as trovoadas blumenauenses na época do Natal. De repente, levantou-se uma parede negra no oeste, transformando o dia ensolarado em plena escuridão. Logo ouvimos o zunido do vento, que impelia as nuvens para frente e a tempestade nos surpreendeu antes de termos encontrado um abrigo. Uma forte chuva de granizo abateu-se sobre nossas cabeças, encharcando-nos em menos de cinco minutos. Raio após raio, os terríveis estrondos dos trovões em nossa volta nos amedrontavam e involuntariamente permanecemos imóveis.

Num desses momentos, Goldener comentou: "Eu confesso que esta história não está me agradando".

Meu pai permaneceu calado. Para ele a situação era pior, pois com seus óculos molhados dificilmente conseguia enxergar por onde pisava. Nós, rapazes, tremíamos de medo e tínhamos vontade de chorar. Contudo, a nossa aflição não durou muito, pois a tempestade cessou com a mesma rapidez com que veio e assistimos a um magnífico espetáculo: uma metade do horizonte intensamente escura, onde fulminavam continuamente os raios, enquanto, na outra metade, o sol resplandecia.

Quando passamos novamente pelo mesmo trecho da mata virgem, pudemos constatar o que a tempestade havia ocasionado. O chão estava coberto por galhos longos e grossos. Aqui e acolá havia uma árvore vergada. Um tronco gigantesco desraigado pela tempestade jazia transversalmente sobre o caminho. Devido à agitação da natureza, o ribombar dos trovões e a fúria da tempestade, sequer ouvimos o estrondo na mata.

Nós, garotos, gostaríamos de ter passado por cima do gigante caído que de modo inconveniente obstruía nosso caminho, mas fomos obrigados a seguir os dois homens, que adentraram a mata para desviar do obstáculo. Goldener, que seguia na frente, de repente, deu um salto soltando um grito de pavor. Logo constatamos o motivo do seu susto. Era uma cobra monstruosa que estava aí diante de nós com o pescoço ereto e intumescido, de goela aberta, visivelmente pronta para dar o bote, porém, hesitou, abaixou sua cabeça até o chão, seguiu seu caminho resvalando e sibilando.

Goldener gemia: "Meu Deus, isto podia ter acabado mal! Se continuar assim, logo estarei farto de Blumenau!"

"Não vamos matá-la?" – indagou meu pai.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Goldener suchte noch nach einem Knüppel, aber die Schlange war schon an einer Palmite hinaufgeglitten, und jetzt wurden wir Zeugen einer merkwürdigen Szene. Immer schneller glitt die Schlange an dem schlanken Stamm der Palme hinan. Sie hatte wieder den Kopf aufgerichtet und züngelte immer schneller. Offenbar hatte sie irgendeine Beute erspäht. Richtig! Ungefähr in der Mitte der Palme saß ein großer Laubfrosch, der jetzt jämmerlich zu schreien begann. Mit einem einzingen Sprung hätte der arme Tropf sich retten können. Es war aber gerade, als ob die Schlange ihn mit ihren Blicken an den Stamm der Palme festgebannt hätte. Ungefähr einen Meter vor ihrem Opfer hielt die Schlange still, richtete den Kopf noch ein wenig höher und sperrte den Rachen weit auf. In dem nämlichen Augenblick sprang der Frosch wie von einer magnetischen Kraft angezogen in den Rachen seines Todfeindes.

„Na, da hört doch alles auf!" rief mein Vater aus. „Hätte ich es nicht mit eigenen Augen gesehen, würde ich es nicht glauben."

„Wirklich wunderbar und unerklärlich", stimmte Goldener bei, „ich wollte nur, ich könnte das Biest mitnehmen."

Aber daran war nicht zu denken; ohne Schußwaffe konnte wir ihr nichts anhaben. Sie war mit ihrem fetten Bissen in die Blätterkrone der Palme gekrochen, um dort in aller Ruhe ihre Beute vollends zu verschlucken.

Wir Jungen liefen hinter großen Schmetterlingen her, die uns mit ihren prachtvollen azurblauen Flügelpaaren immer weiter in den Wald lockten, ohne daß wir sie haschen konnten. Auf einmal schien der ganze Wald lebendig zu werden. Wir waren in eine sehr große Schar von Waldhühnern, Urús genannt, hineingeraten, die nun von allen Seiten um uns mit ängstlichem Geschrei teils aufflogen, teils sich auf der Erde zu verstecken suchten. Als mein Bruder zufällig auf den Boden blickte, sah er dicht vor seinen Füßen in einer kleinen Vertiefung zwei dieser niedlichen Vögel versteckt liegen. Sie hatten sich in ihrer Angst so fest an die Erde gedrückt, daß sie kaum mit ihrem rostbraunen Gefieder zu sehen waren. Schnell nahm mein Bruder seinen nassen Hut und deckte ihn über die beiden Vögel, die er nun lebendig gefangen hatte. Ich selber hatte gesehen, wie einige Urús in einen kleinen dichtbelaubten Busch geflogen waren. Ich nahm eine ziemlich schweres Stück Ast und warf es mit aller Kraft in den Busch hinein. Aber nicht nur etliche, sondern ein ganzes Volk von Hühnern schwirrte heraus. Sie mußten ganz dicht zusammengesessen haben, denn ich sah einige herunterfallen und hörte sie am Boden flattern. Schnell sprang ich hinzu und fand zwei tote Vögel. Einen weiteren erwischte ich, als ich genau auf ihn trat. Wir hätten gern die Urús noch weiter verfolgt, aber mein Vater rief uns zurück. Er war ganz erstaunt über unser Jagdergebnis und freute sich schon auf den köstlichen Rebhuhnbraten. Goldener wurde gleich dazu eingeladen.

Bei diesem Jagdabenteuer hatten wir uns aber ziemlich verspätet. Wir eilten daher auch schnellen Schrittes nach Hause; aber beihahe hätten wir diese Nacht in einer der Hütten zubringen müssen.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Goldener ainda tentou pegar um porrete, porém, a cobra já havia subido numa palmeira e então fomos testemunhas de uma notável cena. Rapidamente a cobra deslizava pelo tronco da esbelta palmeira. Novamente erigiu a cabeça e pelo sibilar cada vez mais rápido era evidente que havia localizado uma presa. Exatamente! Mais ou menos na metade da palmeira havia uma rã enorme que se pôs a gritar deploravelmente, e poderia ter escapado com um único salto. Entretanto, tinha-se a impressão que a cobra a havia imobilizado, com seu olhar, junto ao tronco da palmeira. A cobra parou aproximadamente a um metro da sua vítima, erguendo ainda mais a cabeça, abriu sua goela e neste exato momento a rã, como atraída por um imã, pulou dentro da goela do seu inimigo mortal.

"Não é possível" – exclamou meu pai. "Jamais acreditaria se eu não tivesse visto com meus próprios olhos".

"Realmente admirável e inexplicável", acrescentou Goldener, "eu gostaria de poder levar a besta comigo".

Isto estava fora de cogitação, pois sem uma arma de fogo não podíamos fazer nada. A cobra já havia rastejado para a copa da palmeira, a fim de digerir sua presa.

Nós garotos corremos atrás de borboletas grandes que, com suas maravilhosas asas de cor azul celeste, nos atraíam para dentro da mata sem que pudéssemos alcançá-las. De repente, toda mata havia se tornado viva e nos encontramos em meio a um bando de galinhas silvestres, denominadas urus. Amedrontadas, uma parte levantou vôo gritando irrequietamente, as outras tentavam esconder-se no chão. Meu irmão, casualmente olhando para o chão, viu uma cavidade próxima a seus pés, dentro da qual escondiam-se dois desses pássaros bonitinhos, os quais se comprimiam junto ao solo, de modo que eram praticamente invisíveis com sua plumagem cor de ferrugem. Meu irmão apanhou rapidamente o seu chapéu molhado, colocando-o por cima dos dois. Eu mesmo vi alguns urus voarem para um arbusto frondoso. Apanhei, então, um galho grosso e o atirei com toda força naquele arbusto, donde não saíram apenas alguns urus, mas sim, um bando. Eles deviam estar bem juntos, pois até vi alguns caírem e os ouvi se batendo no chão. Eu me aproximei rapidamente e encontrei dois pássaros mortos, conseguindo apanhar um terceiro, assim que pisei nele. Gostaríamos de ter continuado a perseguir os urus, mas fomos chamados por meu pai, que se mostrou muito admirado com o resultado da nossa caça, já se alegrando pelo delicioso assado para o qual logo convidamos Goldener.

Atrasamo-nos bastante, devido à aventura desta caça, por isso apressamos nossos passos para casa, mas por pouco não tivemos que passar a noite em uma das barracas.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pe. José Maria Jacobs e o catolicismo em Blumenau

TEXTO:

*Pe. ANTÔNIO FRANCISCO BOHN**

Na Alemanha:

Josef Gerald (Maria) Jacobs, nasceu a 16 de maio de 1832 em Düren, Prússia Renana, filho de Reiner Jacobs (tecelão) e de Anna Maria Constância Jacobs, nata Müller. Foi batizado e crismado na Igreja Paroquial de Düren, onde também freqüentou a escola elementar, ginásio e liceu. Devido a seu talento e aplicação nos estudos, na quinta classe do ginásio em Düren, conseguiu duas bolsas de estudos, das quais cedeu uma a seu irmão. Durante a "tertia", teve o lugar de sacristão, cargo que era dado aos melhores alunos. Quando freqüentava a "prima" superior, por ocasião do Natal, foi visitar o enfermo Pe. Milden, em Bornhofen e ali pediu ingresso na Congregação do Santíssimo Redentor (padres redentoristas), fundada no Reino de Nápoles por Santo Afonso Maria de Ligório em 1732.

Esta Congregação, desde o seu fundador, empenhava-se, com grande zelo, nas missões com o povo, dedicando-se à formação, aos pobres e doentes. Santo Afonso, advogado no foro de Nápoles, deixou a toga pela vida eclesiástica e foi mestre de ciências morais – para as quais se inspirou em critérios de prudência pastoral, fundada na procura sincera e objetiva da verdade – sensível, porém, às necessidades e às situações das consciências. Santo Afonso havia composto vários escritos ascéticos de grande repercussão, sendo um apóstolo do culto à eucaristia e à Virgem Maria, levando os fiéis à meditação das verdades de fé, à oração e à vida sacramental. Estas serão as grandes influências religiosas na vida e na formação acadêmica do Pe. Jacobs.

Com 21 anos, foi aceito como noviço na Congregação dos Padres Redentoristas no dia 1º. de janeiro de 1853, vestindo o hábito em março. A 24 de outubro do mesmo ano, seguiu para o Seminário de Altötting,

*) Reitor do Santuário Nossa Senhora Aparecida e Chanceler do Bispado, em Blumenau.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

professando seus votos perpétuos no dia 2 de fevereiro de 1854 na Província Redentorista Germânica. Continuou seus estudos nesta mesma Casa de Formação durante os anos de 1854 e 1855, onde também foi ordenado subdiácono. Influenciou seu irmão Humberto, através de sucessivas correspondências, para que também ele ingressasse na Congregação Redentorista.

Nos Estados Unidos:

Como clérigo estudante mudou-se, em outubro de 1855, da Província Germânica para a Província dos Estados Unidos com sede em Baltimore, a convite do Pe. Provincial americano que estava de passagem pela Alemanha. Juntamente com o subdiácono Fr. José Geraldo (Maria) Jacobs, seguem para os Estados Unidos dois companheiros: Pedro Francisco Frischbier da mesma Província Germânica e José Clauss, da Província Franco-Helvética. Todos foram adscritos à Província Americana.

Nos anos de 1855 e 1856 esteve residindo no Convento e Seminário Redentorista de Cumberland (Maryland) e completando os estudos de Teologia Moral. No dia 23 de dezembro de 1856 foi ordenado sacerdote na Catedral de Baltimore. Assumiu em seguida a cátedra como Professor de Retórica no mesmo Seminário de Cumberland. Sucessivamente, foi lente também de Filosofia, Dogmática e Moral.

De acordo com os dados extraídos de "Annales Provinciae Americanae" lê-se:

> "Neste ano (1858), como nos anos anteriores, os padres de Cumberland exerceram o apostolado fora da própria igreja. Além das localidades rurais, que visitavam em tempos determinados, o Pe. Jacobs ajudou especialmente em muitas missões. Aqui ajuda trazer um exemplo do qual aprendemos quão necessária seja a suma prudência quando o sacerdote, por força de seu ofício, deve tratar com alguma mulher. No tempo da breve missão que o Pe. Jacobs pregava com o Pe. Wayrich, na aldeia de Kingwood, aconteceu que chegou a eles a fama de certa mulher católica que, por muitos anos, negligenciou completamente a religião e a educação cristã dos filhos e levava uma vida escandalosa. Pe. Jacobs, inflamado de zelo pelas almas, julgando convertê-la a Deus e à Igreja, com o consentimento e acompanhamento do Pe. Wayrich foi até ela. Entrou na casa sozinho e o companheiro ficou do lado de fora. Mal o padre iniciou a falar de religião, ela prorrompeu em palavras injuriosas e foi até o magistrado para que o Pe. Jacobs fosse entregue à polícia, já que, entrando em sua casa, a injuriava. A conselho de um homem do lugar, o padre foi, livremente, no outro dia, ao tribunal marcado. Pe. Wayrich, porém, que fora testemunha, defendendo eloqüentemente o confrade diante do juiz, respondeu às mentiras da mulher, de tal modo que ela foi obrigada a pagar os gastos da causa. Depois desta missão, os

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mesmos padres foram à cidade de Marietta, no Estado de Ohio, para dar aos fiéis alemães, em muitas paróquias vizinhas, a oportunidade de se confessarem na língua pátria..." (1)

No verão de 1864, Pe. Jacobs encontra-se na cidade de Detroit. E "para oferecer bons livros aos fiéis, a fim de instruir a mente e serem usados para o lazer, foi construída uma biblioteca sob o cuidado dos padres. Para aumentá-la e completá-la, o Pe. Jacobs, durante o verão, fez palestras cujo tema era sobre a Alemanha. Com o dinheiro arrecadado foram comprados quase 400 volumes e em uma sala da escola e destinado a isso, foi construído um novo armário. Os leitores foram divididos de tal forma que, no primeiro e terceiro domingos de cada mês os homens e rapazes, e no segundo e quarto domingos do mês, as mulheres e moças chegassem para retirar os livros" (2).

Pessoas de diversos lugares acabam convidando-o para pregações importantes. Pe. Jacobs tinha fama de ser bom orador. Tornou-se afamado. E falava corretamente alemão, inglês, francês e italiano. Em Nova Orleans, na festa de Santo Inácio, o Pe. Jacobs fez o panegírico na igreja dos padres jesuítas, sob o título de Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria, com grande presença de homens; o mesmo padre, em nossa igreja de Santo Afonso, na festa do titular, celebrou com grande eloqüência, os louvores de nosso santo Pai.

Tinha também, como bom redentorista, uma atenção especial para com os doentes. Muitas vezes, era chamado para ministrar os últimos sacramentos aos moribundos. Prova disso, encontramos neste registro: "a 25 de setembro (1866), faleceu o D. Antônio Schiffer, pastor da Igreja Alemã do terceiro distrito de Nova Orleans. Durante sua doença, os padres muitas vezes celebraram em sua igreja como também exerceram outros trabalhos pastorais. Pe. Jacobs, no dia 14 de setembro, deu-lhe os sacramentos".

Também as missões populares despertavam-lhe paixão. Como bom filho de Santo Afonso Maria de Ligório animava-o o zelo pastoral. As missões populares possuem este objetivo: não querem ser um trabalho paralelo à pastoral ordinária, antes querem despertar e alimentar nas pessoas a espiritualidade do seguimento da pessoa e do projeto de Jesus Cristo. As missões populares redentoristas, por meio de uma evangelização intensa, visam levar o povo à conversão fundamental, a fim de que tenha vida de comunhão e participação. Os missionários não limitam o seu trabalho pastoral aos grandes centros urbanos, mas estendem sua ação missionária às comunidades rurais e periferias das cidades, de acordo com a prática desenvolvida por Santo Afonso, que queria uma ação missionária com pregação intensiva da Bíblia.

E as missões, tanto no passado quanto no presente, são populares porque acontecem no meio do povo, com o povo e a partir dos anseios e clamores do povo, sobretudo dos que estão à margem da sociedade, que lutam e aspiram por

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

mais vida, dignidade, esperança e vida de comunhão. Populares, porque o povo é convidado a ser sujeito dessa mesma missão. Porque missão não é, primeiramente, algo que se possui ou tarefa a realizar, mas é vida, experiência de Deus, que é vida vivida em comunhão e participação. Fora das igrejas e dos locais de celebração, os missionários visitam escolas, os doentes em suas casas, realizam cerimônias baseadas na religiosidade popular, semeiam a boa palavra através de pregações, conferência e reuniões.

Cumprindo com esse seu dever de missionário redentorista, no mês de março de 1866, entre os dias 1 a 13, foi pregada a missão na igreja de Santo Henrique, na cidade de Jefferson City, perto de Nova Orleans, pelos padres Giesen e Jacobs.

> "A paróquia estava abandonada e por ser alemã, não tinha escola própria. O pastor era muito solícito pela salvação do rebanho e especialmente procurava extirpar a superstição que ali grassava. O trabalho dos padres produziu ótimos frutos, reconduzindo a Deus muitos pecadores. Lembramos, entre outros, este fato: Certa senhora procurou batizar, sob condição, cinco filhos, já que tinham sido batizados por pastor herético. O marido era contra e ameaçava a mulher de morte e, de fato, três dias depois da saída dos missionários, aquele homem abandonou a casa e depois de meia hora irrompeu um incêndio que, em pouco tempo, envolveu toda a casa; a mulher morreu queimada. O suspeito era o marido, mas os jornais usaram a ocasião para lançar o vírus contra os sacerdotes, acusando aquela superstição" (3).

Sobre missões, ainda no ano de 1866:

> "Pe. Jacobs fez sozinho todas as pregações e instruções. Além do mais, os habitantes deste lugar eram, na maioria, apóstatas e nem existia aí escola católica. Todavia, o número de comunhões atingiu 415 e quatro adultos voltaram à fé". Aconteceu então um tumulto "entre os fiéis alemães havia uma sociedade beneficiente chamada St. Mary's Beneficial Society, na qual neste ano (1866) surgiu uma dificuldade relativa ao direito de expulsar certos sócios. Desprezando o regulamento, tiraram do padre que, "ex officio" presidia e se arrogaram o direito de poder o presidente expulsar. A discórdia foi tanta que o Pe. Jacobs julgou necessário reconstruir a sociedade e eleger novo presidente. O presidente deposto e seus asseclas ameaçaram usar a força e, no dia marcado para a reunião ordinária, foi necessária a polícia para prevenir a perturbação violenta. Apesar da proibição, os sócios revoltosos tentaram usar a força e foram entregues à polícia; mas, porque acreditavam nada de mal terem feito, por influência do Pe. Jacobs, foram soltos" (4).

Ainda encontra-se uma admoestação feita pelo Pe. Francisco X. Seelos, no leito de morte ao Pe. Jacobs, em nota manuscrita. Este padre Seelos, companheiro e compatriota do Pe. Jacobs foi beatificado no dia 09 de abril de 2000.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Digna de especial menção é a admoestação pela qual, não em delírio mas de mente sã, Pe. Seelos tentava trazer certo padre (Jacobs) experiente em espírito religioso a um modo melhor de viver e de agir com razão. Este padre, inteligente, já fora exemplo de homem religioso, a tal ponto que todos, especialmente os superiores, tinham ótima esperança de sua futura utilidade... Aos poucos, porém, desviou-se do bom caminho e ao final foi demitido da Congregação. Voltado para este padre que o visitara, Pe. Seelos falou-lhe mais ou menos assim:

> "caro padre, afinal quando começará a viver e agir segundo o espírito da Congregação e de nosso pai Afonso ? Se você estivesse animado de genuíno espírito de nosso Instituto e se mostrasse um homem verdadeiramente apostólico, você conduziria muitas almas a Deus. Mas, se você continuar vivendo e agindo do modo como você age e vive agora, é bom prevenir-se para que não arruíne sua vocação. Com amor fraterno o admoesto para corrigir-se, para não sofrer prejuízo da vocação. Pois receio que seu gênio e sua soberba lhe tragam prejuízo temporal e eterno". Comovido até o íntimo, o padre escutou as palavras do amigo moribundo; mas a admoestação foi inútil. O sacerdote, poucos anos depois, deixou a Congregação, obcecado pelos vãos aplausos do mundo" (5).

De fato, Pe. Jacobs em 15 de julho de 1868 saiu da Província Americana em Annapolis, transferindo-se para a Província Inglesa, sendo outra vez lente de Teologia, missionário e confessor muito estimado. Depois de algum tempo, em fevereiro de 1870 recebeu licença e foi dispensado dos votos na Congregação do Santíssimo Redentor.

Retornou para a Alemanha, visitando a terra natal e, posteriormente, na França exerceu o cargo de preceptor de uma família fidalga. No mês de fevereiro de 1876 esteve em Roma, onde teve uma audiência particular com o papa Pio IX e, com ordem deste, foi nomeado vigário da colônia Blumenau Aceitou o cargo em espírito apostólico. Trouxe consigo um presente precioso do papa: um retrato com o autógrafo papal, conservado durante muito tempo na sacristia da matriz de Blumenau e, hoje, infelizmente perdido.

A Vida Católica na Colônia:

Enquanto isso, aqui na Colônia, as primeiras levas de imigrantes alemães foram exclusivamente de evangélicos luteranos. Os primeiros católicos começaram a chegar de 1854 em diante. Foram atendidos no início, pelo Pe. Aberto Francisco Gattone, primeiro vigário da Freguesia de São Pedro Apóstolo, criada no dia 25 de abril de 1861. O Dr. Blumenau, com o seu espírito de tolerância em matéria religiosa, tudo fazia para que não só os evangélicos luteranos tivessem o seu pastor e sua casa de oração, mas também os católicos. Com a instalação do Pe. Gattone

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

encontrou uma solução provisória para o problema que não faltasse a necessária assistência às famílias católicas, a fim de conservar a Colônia num ambiente de sadia ordem moral e religiosa.

Conforme ofício de 22 de novembro de 1861 ao Presidente da Província, o então diretor interino da Colônia Blumenau, Hermann Wendeburg, respondeu em 15 de janeiro de 1862 que esperava a visita do Pe. Gattone para inspecionar os trabalhos em andamento com o nivelamento do local já escolhido para a futura igreja católica e cemitério dos católicos na Colônia. E no seu Relatório sobre este ano, sob ítem "Culto Catholico", observa o Dr. Blumenau:

> "O culto catholico ainda não é regularmente exercido na Colônia por falta de uma capella, com quanto que o Vigário da vizinha Freguezia de São Pedro Apostolo que foi fundada de uma parte de território desta colônia, às vezes tinha visitado a povoação e administrado os Sacramentos. Sendo o dito Vigário de nação Allemã e não distando a Capella de São Pedro Apostolo da povoação se não 1 ½ legoas, a população catholica desta colônia – 283 almas – não está inteiramente abandonada a respeito da parte espiritual e pelo menos provisoriamente as suas urgentes necessidades são cumpridas. Comtudo será precizo providenciar sobre a construcção de uma Capella na própria povoação e Centro da Colônia, que logo sirva de Matriz e conceder para este fim uma adequada quantia (...)". Mas, as relações entre o vigário e o Dr. Blumenau não eram das mais cordiais. Os incidentes, queixas e desentendimentos entre ambos repetiam-se constantemente (6).

O Dr. Blumenau dirigiu um ofício em 1º. de outubro de 1863 ao Governo Provincial lamentando-se:

> "Por differentes vezes me animei, respeitosamente solicitar á essa Presidência providencias, para que á população catholica d'esta colonia não continue faltando de todo o pasto espiritual e sobretudo, que ella possa celebrar seus matrimônios e baptisar seus filhos. Infelizmente porém, até agora não se apresentou aqui padre algum e assim os incovenientes de tal situação estão sempre mais se agravando para a referida população. Ultimamente um par de noivos catholicos, d'esta colonia, foi para a de Itajahy (Brusque) e ali pedio ao padre Gattone, cura d'aquella colonia, que os casasse; mas elle se recusou, allegando que não era da sua competência ou não lhe era permitido pelo ordinario, e assim, no seu desespero, o noivo me pedio á mim, como director da colonia, que eu o unisse á sua noiva por contrato civil, para libertal-os da macula, de viverem em vergonhoso concunitao!!! – (sublinhado e com três exclamações, no original). Não carecendo eu expor mais uma vez, como já o tenho feito, o quanto tal estado de cousas enfraquece os sentimentos religiosos e a moralidade publica e particular, e quanto prejudica os habitantes catholicos d'esta colonia, ouso hoje somente solicitar, que, se acaso não existir outro expediente, Padre Gattone, cura da Colônia Itajahy e Príncipe D. Pedro, fique autorisado e incumbido, para ad-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> ministrar aos mesmos habitantes, que se lhe apresentarem, os sacramentos da sua religião pelo tempo, em que esta colonia não for parochiada por um seu próprio cura. Deos Guarde á V. Excia, Illmo e Exmo Snr Dr. Pedro Affonso Ferreira, Presidente da Provincia. (ass) Dr. H. Blumenau" (7).

Em 1864, os católicos blumenauenses construíram no mesmo local da atual Catedral, uma capelinha provisória de ripas e cobertura de palmitos onde, a 25 de janeiro do ano seguinte, Pe. Gattone celebrou a primeira missa e festa de São Paulo, seguida de bela procissão.

A questão religiosa pareceu resolver-se em 1867 com a transferência do Pe. Gattone para a Colônia Brusque. Devido à mudança de vigário, assumiu as funções o Pe. Antônio Zielisnky. Neste mesmo ano de 1867, os católicos de Blumenau pediram, em memorial dirigido ao Presidente da Província, lhes desse um sacerdote residente. Foi incumbido o Dr. Blumenau para a escolha de um padre na Alemanha.

No dia 20 de setembro de 1868, Pe. Zielinsky benzeu a pedra fundamental da nova igreja, projetada por Heinrich Krohberger. A pedra foi carregada por dois integrantes da diretoria e com música e bandeiras o cortejo seguiu para o local. Durante o trajeto juntaram-se evangélicos e o padre rezou missa na capela provisória e logo em seguida no local exato foram dadas as tradicionais marteladas. Sob a pedra fundamental foi colocada uma urna com escrituras, plantas, moedas, jornais, etc. A Associação Coral cantou "O Santíssima"e "Este é o dia do Senhor". No final, Pe. Zielinsky fez um sermão elogiando o entrosamento entre as confissões religiosas, mas um forte aguaceiro dispersou boa parte dos ouvintes.

Em agosto de 1869 foi contratado o Pe. Guilherme Mário Antônio Roemer, permanecendo até 1872. No ano seguinte, pela Lei Provincial n* 694, Blumenau foi elevada à condição de Freguesia, desmembrando-se de Gaspar, sob o nome "São Paulo Apóstolo", porém sem padre. Quando de passagem por Blumenau, o padre jesuíta italiano João Maria Cybeo, pastoreava os católicos, administrando os sacramentos e pregando. Em 1874, o vigário de Joinville, Pe. Carlos Boegershausen, por diversas vezes visitou Blumenau, assumindo o cargo de cura interino com gratificação paga pela direção da Colônia.

Mas o problema religioso chegava a um ponto crítico com a chegada de grandes levas de imigrantes tiroleses e italianos católicos. Em 10 de fevereiro de 1875 o diretor Dr. Blumenau dirigiu um apelo urgente ao Presidente da Província, solicitando providências:

> "Tenho a honra d'accusar recebido o Aviso do Ministério da Agricultura que se referia ao pessoal conveniente para os cargos de Capellães e Pastores, que ministrem aos habitantes d'esta colonia, cumpre me respeitosamente informar, que, tendo a mesma desde perto de tres annos (sic) se achado sem Cura

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ou Capellão e sido infelizmente frustados os repetidos esforços, feitos na Allemanha para commover um sacerdote digno (sublinhado, no original) para aceitar tal cargo, o Padre Boegershausen, Vigário de Joinville e Cura interino d'esta colonia, recentemente me participou ter tido sobre este assumpto correspondência com a Agencia official de Colonização na Côrte. Solicitou, segundo me disse, para o novo Cura: passagem gratuita para elle e um criado até esta colonia, 800$000 de gratificação e 360$000 de cavalgadura annuaes e a moradia gratuita – enfim as mesmas vantagens, que desfrutou o Cura anterior – e que o nosso Consul em Hamburgo pelo Governo Imperial ficasse autorisado, para celebrar o respectivo contracto; mas não me sabia indicar, em que ponto actualmente se achava este negocio. E como eu também não o sei, resta-me somente exprimir o desejo de que o novo Cura, a engajar e esperar-se, venha em breve, mas não pertença a classe dos ultramontanos fanaticos, a qual infelizmente e sobretudo na mocidade e nova geração ecclesiastica conta numerosissimos sectarios, porque tal fanatico haveria de constituir um verdadeiro infortúnio e fragello não só para esta colonia, como para todo o territorio de Itajahy! (...) Deos Guarde à V. Excia" (8).

Não recebeu resposta o referido ofício. Houve, sem dúvida, uma indiferença por parte dos poderes públicos. Eram dificuldades às quais se procurava dar solução, mas nem sempre com a brevidade desejada. Eram outros tempos! Ainda em outubro de 1875 a coisa estava no mesmo ponto e a diretoria da Colônia foi autorizada a pagar uma gratificação ao reverendo Pe. Carlos Boegershausen na importância de 200$000 e mais 360$000 réis pela "cavalgadura" – expressão da época.

Na Colônia – Paróquia São Paulo Apóstolo:

Chegando ao Brasil em fins de julho de 1876, Pe. Jacobs foi ter com o Pe. Carlos Boegershausen, vigário de Joinville, com quem ficou 7 semanas para se ambientar e aprender a língua portuguesa, o que não lhe causou grandes dificuldades a este sacerdote muito culto e versado em línguas modernas. Pe. Carlos escreveu a carta de apresentação do Pe. Jacobs ao Dr. Blumenau, cujo teor é o seguinte:

"Prezado Senhor Diretor. Finalmente as nossas aspirações foram atendidas – conseguimos um Pastor próprio para os católicos de sua Colônia. O reverendo Padre Jacobs o qual eu tenho a honra de vos apresentar por meio desta – e que eu pessoalmente aprecio muito, conseguirá – assim eu creio – ganhar em pouco tempo a sua confiança, contribuindo para que a sua Colônia cada vez mais mereça o seu lindo nome de "Blumen-Au". Como o Senhor ouvirá pelas próprias palavras do Senhor Padre Jacobs, o Reverendíssimo Senhor Bispo confirmou, já ter em suas mãos todo o necessário para a sanção canônica, pro-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

metendo esta o mais breve possível, remetendo a mim em seguida o referido documento. O Senhor não deverá estranhar de maneira nenhuma, se até as próximas eleições tudo, mas efetivamente tudo, esteja em ordem. Bem de leve passou nestes dias na minha mente, que eu talvez pudesse ter ainda o direito a uma "gratificação e cavalgadura para Blumenau", a mim autorizado do primeiro de julho do ano corrente até o dia em que o meu sucessor entrasse em seus direitos. Mesmo não tendo visitado Blumenau nesta época, tenho trabalhado muito por essa Colônia. Tenha a bondade de solucionar para mim, em poucas palavras, este "casus conscientiae"! Agradeço-lhe de todo o coração, prezado Senhor Doutor, pelas múltiplas provas de confiança e benevolência para comigo. Com verdadeiro prazer estarei sempre à sua disposição para prestar-lhe qualquer favor. Peço-lhe de transmitir à sua distinta esposa as minhas respeitosas saudações, subscrevendo-me como seu admirador muito grato.(ass) Carlos Boegershausen, Vigário" (9).

A 16 de setembro de 1876 encontraram-se, pela primeira vez, dois homens de raro valor: O Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau e o Pe. José Maria Jacobs, ambos cultos e bem intencionados, acostumados a vencer dificuldades e a não esmorecer diante de sacrifícios, experimentados nas realidades da vida, eram, porém de caráter bem distintos. Era o diretor da Colônia um homem pensativo e calmo, ponderando tudo de antemão, enérgico e não vacilante em executar os planos previstos e já contava com 26 anos de árduas labutas e revezes neste empreendimento blumenauense. O vigário, novo no ambiente, era um homem de ciência, orador afamado, enérgico a ponto de não dar o braço a torcer, ardoroso em realizar seus planos, de formação missionária.

Apesar das diferenças, tinham admiração recíproca. Assim, quando em 1884 o Dr. Blumenau deixou a Colônia, na noite anterior à partida reuniram-se seus amigos no Hotel Schreep (Palmenalee) para a despedida. O Pe. Jacobs, a pedido, em nome de todos os presentes e em nome também da comunidade pronunciou uma alocução, nela expressando os sentimentos dos blumenauenses nos seguintes termos:

"De forma improvisada, se reuniu uma parcela de seus inúmeros amigos e admiradores para se despedir. Todos se acham no dever de agradecer os seus esforços e a incansável atividade que dedicou a esta Colônia, durante os 40 anos, desde sua fundação. O futuro recolherá melhor os sucessos dessa atividade. Ele plantou a semente que germinou e se transformou numa árvore maravilhosa e que no futuro trará bastantes frutos. Muitas horas amargas e muitos dias ingratos anuviaram sua existência. Que uma velhice agradável e despreocupada seja o seu pagamento. Nós todos, de coração, dizemos: Adeus e, ao mesmo tempo até a vista" (10).

É oportuno citar também a poesia feita pelo vigário em forma de acrós-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tico, que foi lida e depois entregue ao Dr. Blumenau (Acróstico ao Sr. Hermann Bruno Otto Blumenau – 15 de agosto de 1884): "Belas flores que você cuidou; livres, flores – sua coroa de honra; um Vale que você zelou, muito brilho no futuro trará; e colherá sua bênção; no tempo mais distante; apesar de invejosos se manifestarem; um sucesso a honrará! Blumenau em Deus confia! Adeus! E viva muitos anos; temos isto a dizer como despedida; e o dia jubiloso chegará; ao clamor glorioso dos céus; vendo tempestades o cercar, onde sem descanso estiver; logo erguerá os olhares nos céus; todos sempre lhe dirão; ao "Porto Seguro" venha! Blumenau em Deus confia! (11).

Pe. Jacobs assumiu a direção espiritual dos católicos no dia 16 de setembro de 1876. Sua batina negra assentava bem na sua alta figura; seu rosto denotava profunda seriedade. A igreja matriz, desenhada pelo engenheiro Krohberger, cuja pedra fundamental havia sido colocada no dia 20 de setembro de 1868, estava quase terminada, mas sem sacristia, o que provocou um protesto do padre recém-chegado no que não foi atendido por parte do diretor. O vigário, depois de trocar diversas cartas com ele, simplesmente deu ordem de fazer a sacristia por sua conta. Por este motivo e porque a casa paroquial não estava pronta, houve divergências, desde o primeiro dia, entre o Pe. Jacobs e o Dr. Blumenau. Mas estes dois homens, que muitas vezes discutiram, nunca se negaram mutuamente o respeito, entendendo-se melhor mais tarde, como já referido acima.

Logo após sua chegada, Pe. Jacobs pôs-se a viajar para ver seu povo, as capelas e os cemitérios existentes. Ficou triste por ver os católicos tão espalhados e em número tão reduzido. No dia 24 de dezembro de 1876 foi benta a igreja católica de Blumenau e com a "Missa do Galo" começou o culto regular para a qual os fiéis vinham de distâncias, às vezes, de 40 a 50 km.

Seis meses depois de ter chegado, ou seja, no dia 16 de janeiro de 1877 funda o Colégio São Paulo. E, para dar continuidade a sua obra em 10 de junho do mesmo ano fundou uma Comunidade Escolar emitindo a seguinte circular:

> "A Escola São Paulo de Blumenau, que até aqui ministrou o ensino primário e catecismo, procurará, doravante, dar instrução superior aos jovens de ambos os sexos (...) E como os professores pretendem auxiliar quanto possível os mais pobres, está o Diretor resolvido a fazer o preço para pensão (inclusive lavação de roupa) e ensino a 80$000 anuais para os pobres e 150$000 para os mais abastados, sendo o primeiro trimestre pago adiantadamente. Os primeiros receberão alimentação forte, como nas colônias, diariamente carne, e os segundos comerão à mesa do Diretor. Para poder-se continuar o caridoso costume de dar agasalho e instrução inteiramente grátis às crianças realmente pobres, pedem os abaixo assinados, às almas caridosas, algum óbulo para que os pobres e órfãos da Colônia possam cursar as aulas. A inauguração do Colégio dar-se-á pelos fins deste ano em data que será previamente publicada. Pede-se aos que desejam matricular seus filhos, fazê-lo o mais breve possível. Blumenau, 10 de junho de

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

1877. Padre José Maria Jacobs, Diretor do Colégio. August Sutter, presidente da Comunidade Escolar. H. Zimmermann, secretário, Xavier Bugmann, tesoureiro".

Os recursos financeiros eram muito limitados. Pe. Jacobs dirige correspondência ao Presidente da Província solicitando ajuda:

"Diz o Pe. José Maria Jacobs, vigario encommendado d'esta Freguezia e capellão da Colonia Blumenau que sendo mês todos os habitantes catholicos d'esta Freguezia e Colonia tão pobres, que não podem assistir ao supplicante na compra dos paramentos e guizamentos indispensaveis para o serviço divino e por isso tendo o mesmo feito dívidas consideraveis para este fim por falta de honorário outro do que 300$000 de Congrua e tendo o supplicante direito á quantia de 200$000 annuaes para o alludido fim, como se ve nos juntos documentos da qual quantia stipulada pelo contracto, junto recebeu uma vez só 166$660 rs no anno de 1878. Por tanto vem respeitosamente P. a V. Excia digne-se ordenar que o referido pagamento de 200$000 rs annuaes por paramentos seja effectuado liquido da quantia de 166$660 rs já recebida como he de justiça."

Em resposta, o Ministro da Agricultura por aviso de 12 de fevereiro de 1878 deu ordem de abonar a quantia acima e a Presidência da Província deu a mesma ordem no dia 21 do mesmo mês.

Finalmente, dá-se a criação da Paróquia São Paulo Apóstolo, por Provisão datada do dia 8 de fevereiro de 1878, cujo teor original diz:

"Dom Pedro Maria de Lacerda, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo de São Sebastião do Rio de Janeiro. Aos que a presente Provisão virem, saúde e bênção em Jesus Christo, Nosso Senhor e Nosso Deus. Fazemos saber que Nôs foi apresentada cópia da Lei Provincial nº. 694 de 31 de julho de 1873, pela qual o Governo da Província de Santa Catharina, na parte que lhe hé relativa, sanccionará o Decreto da Assembléa Provincial, pelo qual precedendo licença do Ordinario, ficará creada huma nova Freguezia sob o titulo de São Paulo no Districto da Colonia Blumenau, desmembrada da Freguezia de São Pedro Apostolo e tendo por limites os mesmos do Districto Colonial. Ao mesmo tempo Nôs foi apresentada outra copia da Lei nº. 679 de 23 de Maio de 1872 que determinará os limites Leste entre o Districto da dita Colônia Blumenau e a Freguezia de São Pedro Apostolo. Além disso recebemos o officio de 10 de Janeiro de 1876 que o Exmo. Snr. Presidente da mesma Província Nôs dirigiu, afim de que déssemos Instituição Canonica à mencionada Parochia, que estava civilmente decretada. E como não mês circumstancia alguma em contrario, antes pelo opposto achando Nós razões mais de bastante conveniencia para a creação de mais esta Parochia no populoso Districto Blumenau, resolvemos preencher a Clausula da dita Lei Provincial nº. 694 de 31 de Julho de 1873 isto he approvar quanto he de Nossa parte e Nôs he relativo, a creação desta nova Parochia com o que melhor poderão ser attendidos e remediadas as necessidades espirituaes cada vez mais cressentes dos Fieis de Blumenau entregues á No-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sa sollicitude Pastoral, o que desde muito houveremos feito, si tivessemos informações e cartas topographicas, como agora temos embora ainda bem deficientes. Portanto, invocado o Nome de Deus e para honra e louvor do Bemaventurado Apostolo e Doutor das Gentes São Paulo, Nós tanto quanto podemos e hé de Nossa parte, por Nossa Auctoridade ordinaria e delegada pelo Sagrado Concilio Tridentino no Capitulo IV da Sessão XXI de reforma, Havemos por bem por esta Nossa Provisão de canonicamente separar, dividir e desmembrar da Freguezia de São Pedro Apostolo e de quaesquer outras Freguezias e Curatos desta Nossa Diocese a Povoação de Blumenau com sua capella de São Paulo e todos os moradores e mais capellas e oratórios e quaesquer estabelecimentos situados dentro dos limites acima apontados e que abaixo vão por extenso declarados, e por esta mesma Nossa Provisão e Auctoridade já declarada canonicamente e para todos os effeitos ecclesiasticos confirmamos, erigimos e instituimos em nova Parochia na forma quanto Nôs he possivel guardar, do Sagrado Concilio Tridentino, a sobredita Povoação Blumenau e todo o mencionado território e outrosim erigimos e constituimos em Igreja Matriz ou Parochial a sobredita Capella de São Paulo sita na mencionada Povoação de Blumenau. Ao mesmo tempo concedemos á dita Parochia de São Paulo de Blumenau, agora canonicamente dividida, desmembrada e erecta pleno direito e faculdade para sem interrupção de tempo, ter sacrario em que se conserve o Augustissimo Mêscramento da Eucharistia com o devido ornato e decencia e a lampada accesa dia e noite, como tambem para ter Pia Baptismal, Cemeterio para sepultura dos Fieis Defunctos, campanarios, sinos e todos mais direitos, privilegios, honras, insignias e distincções de huma Igreja Parochial. O Rev. Parocho respectivo havera a congrua annual em conformidade das leis em vigor, como tambem os guisamentos da Parochia e o que for applicado á sua Fabrica para dar-lhe o devido destino e participará das oblações matrimoniais e dos baptismos e dos officios e enterramentos dos finados e de todos os mais direitos de estola e quaesquer benesses que legitimamente estiverem estabelecidos nas mais Parochias desta Nossa Diocese. E fique outrosim entendido que a Nova Parochia pertencerá á Camara Ecclesiastica de São Francisco. Esta Nossa Provisão será publicada na novamente erecta Matriz em um Domingo ou Dia Santo á estação da Missa para que chegue á noticia de todos do que se passará certidão no verso deste. E para a todo tempo constar, será esta Nossa Provisão copiada e registrada em Nossa Camara Ecclesiastica e no Livro de Tombo, que além dos mais livros parochiaes deverá haver nesta nova Parochia e será transcripta nas mais partes, onde convier. Mandamos ao Mês. Parocho que for nomeado, que envie copia desta Nossa Provisão a todos Reverendos Vigários e Curas das Freguezias e Curatos Vizinhos, como tambem ao Reverendo Vigario da Vara da Comarca e Arcipreste da Provincia. Dada e passada nesta Corte de Rio de Janeiro sob Nosso Signal e Sello da Nossa Chancellaria aos oito de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e oito. Eu Conego Dr. Pedro de Alvim Lima, Secretario Intimo a subscrevi. + Pedro, Bispo de São Sebastião de Rio de Janeiro.

Os limites da nova Parochia de São Paulo de Blumenau são do lado

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nascente pelas divisas seguintes: 1ª. Linha divisoria entre terrenos pertencentes á Colonia de João Pedro Dias de Moura. 2ª. Linha divisoria entre terrenos da Colonia e de Bento Malachias da Silva. 3ª. Linha divisória entre Luiz Wagner e Keunecke e Brandes. 4ª. Divisa entre Herbst, terrenos da Colonia com Nicolao Deschamps, Pedro Wagner, Haerschl e outros. Do lado Poente os limites com municípios de Curitybanos e Lages. Ao Norte os limites com a Freguezia de Joinville. Ao Sul as vertentes dos Rios de Itajahy-assú e Itajahy-merim. Ficam revogadas quaesquer outras disposições diocesanas em contrario. Estes limites não poderão ser alterados na parte ecclesiastica sem approvação da Auctoridade Ordinaria da Diocese, ainda que na parte civil sejam mudados como bem approuver ao Governo Civil. Palacio Episcopal, aos oito de Fevereiro de mil oitocentos e setenta e oito. + Pedro, Bispo de São Sebastião de Rio de Janeiro"(12).

Com a presença das autoridades locais, a Freguesia foi solenemente instalada a 2 de junho de 1878, tomando posse o primeiro vigário, sendo lavrado o documento exigido, cujo teor original diz:

"Auto de installação da Freguezia de S. Paulo de Blumenau. Aos dois dias do mez de Junho do Anno de Nassimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos setenta e oito, nesta Colonia Blumenau da Província de Santa Catharina, termo e Comarca de Itajahy e na Igreja Matriz da Freguezia de S. Paulo de Blumenau, presentes o Reverendo Vigario Padre José Maria Jacobs, o Juiz de Paz em exercício o Cidadão Doutor Frederico Müller, o Subdelegado de Policia o Cidadão Julio Baumgarten, o Director da mesma colonia, Doutor Hermann Blumenau, os empregados da Directoria da Colonia Hermann Wendeburg, Theodoro Kleine, Henrique Avé Lallemant, Henrique Krohberger, e mais Cidadãos e habitantes grandes da Freguezia abaixo assignados procedeo o Reverendo Vigario a leitura da Provisão do Excellentissimo e Reverendissimo Bispo Diozesano canonisando esta Freguezia seguindo depois a leitura da Provisão que encomendava o dito Padre José Maria Jacobs, Vigario desta mesma Freguezia e findas estas foi declarado pelo Juiz de Paz, Vigario e Subdelegado e mais as outras authoridades presentes, que desta data em diante se achava installada a Freguezia, empossado seu Vigario e que passava ella a gozar de todas as funções civis e religiosas prescriptas pela Constituição e mais Leis do Imperio e pelos Sagrados Canones. Do que para constar se lavrou este Acto por mim Augusto Gloeden Junior, Escrivão do Juizo de Paz, em que todos assignão neste Livro de tombo desta Egreja Matriz para delle se extrahirem certidões a fim de sejam remittidas á Camara Municipal deste Termo, ao Excelentissimo Bispo Diocesano, ao Excelentissimo Prezidente da Provincia e a Directoria da Colonia Blumenau. Eu Augusto Gloeden Junior Escrivão do Juiz de Paz o escrevo e assigno. José Maria Jacobs, Vigario; Frederico Müller, Doutor em philosophia, medicina e Ciências Naturais; Julio Baumgarten, Juiz de Paz mais votado e Subdelegado de Policia; Dr. Hermann Blumenau, Director; Hermann Wendeburg, Guarda livros; Theodoro Kleine, Escrevente; Henrique Krohberger, Architecto; Henrique Avé Lallemant, Escrevente; Victor Gaertner, Consul Imperial da Al-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

lemanha; Francisco Vallonton, Dr. Med.; Otto Stutzer, fiscal; Carlos Guilherme Friedenreich, juiz de paz; Carlos Friedenreich, suplente de Policia; Apolonia de Buettner Scheeffer, professora publica; João Maria de Almeida Portugal, chefe da Comissão de engenheiros; João Breithaupt, agrimensor; Carlos Kulps, inspector de quarteirão; Francisco Faust, inspector de quarteirão; Mês Keunecke; Xavier Buggmann; Augusto Sutter; Johann Wloch; Sebastião Treis; Augusto Heppmann; Paulo Zoz; Jacob Theis e Augusto Gloeden Junior, Escrivão do Juiz de Paz" (13).

Ficava, assim, regularizada a situação jurídica e religiosa da Freguesia, estando o respectivo vigário "na posse" de todas as prerrogativas que as Leis do Império e os Cânones Eclesiásticos lhe atribuíam. Ativo e zeloso, Pe. Jacobs passou a desenvolver maior atividade, tanto na sede como pelo interior onde o número de católicos aumentava, crescendo também as necessidades espirituais e, em conseqüência, as responsabilidades.

Mas, as promessas não foram cumpridas e no dia 23 de novembro de 1878, o diretor da Colônia, Dr. Blumenau, escreve ao Dr. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Presidente da Província relatando situação do vigário:

"Ilmo. E Exmo. Sr. Em respeitosa resposta ao ofício de V. Excia. De 16 do corrente, que cobriu o aviso do Ministério da Agricultura, dirigido a V. Excia. Em 4 do corrente mês, ambos relativos ao Pe. José Maria Jacobs, tenho a honra de informar o seguinte: Não me parece existir obrigação positiva alguma sobre o número de vezes que o mesmo padre tenha de exercer suas funções paroquiais nos distritos remotos desta Colônia, não rezando deste ponto o contrato porque ele pelo governo ficou engajado como capelão, nem existindo, quanto me consta, na respectiva legislação geral, determinação concernente. Não me julguei assim competente e autorizado para diretamente ingerir-me neste negócio e tanto menos tive razões para tal ingerência quanto o dito padre nos mêsmos negócios desenvolveu um zelo desusual e muito louvável. Além das visitas ocasionais, mas não raras,a graves enfermos e moribundos e às vezes a 15, 20, 30 e mais quilômetros de distância o referido padre costuma, com bastante regularidade e ainda com mau tempo praticar os atos sacerdotais nos distritos seguintes, distantes desta sede os quilômetros anotados: todos os meses: Badenfurt, quilômetros cerca de 11; Encano, quilômetros cerca de 18; Rio Morto, quilômetros cerca de 25. Todos os dois meses: Estrada das Areias, quilômetros cerca de 20; Rio do Texto, mediano, quilômetros cerca de 21; Rodeio e distritos vizinhos até o de Guaricanas, 40 até 46; Rio dos Cedros e distritos vizinhos, quilômetros cerca de 35; Estrada dos Tiroleses, 48 até 50. Todos três meses: Riachuelo, 84. Oportunamente: Garcia Superior e Jordão e Luís Alves. Para tais viagens o mesmo padre tem necessidade e sustenta duas cavalgaduras e um criado ou camarada e não percebe remuneração dos colonos senão por casamentos e batizados, a qual é muito reduzida; mas nenhuma pelos enterramentos, tendo-lhe sido oferecida, durante os 27 meses da sua estada nesta Colônia, somente

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

por três vezes, uma medíocre espórtula espontânea por enterro. À vista do exposto, permito-me exprimir a opinião de que o padre José Maria Jacobs é bem merecedor de uma gratificação extraordinária e tanto mais quanto ele ainda mantém a Escola de que V. Excia. Sabe. Deus guarde a V. Excia. O Diretor Dr. H. Blumenau".

Nota-se bem como o Dr. Blumenau levou em consideração as dificuldades do padre, enaltecendo o seu trabalho apostólico.

Pe. José Maria Jacobs possuía grande cultura, zelo missionário e extraordinária atividade. Tão logo chegou, não se limitou ao exercício sacerdotal, mas, entendendo com razão, que sem um conhecimento razoável das primeiras letras e mesmo das ciências e línguas a mocidade católica, bem logo, desviar-se do verdadeiro espírito religioso, tratou de fundar uma escola primária. No ano seguinte, acrescentou a essa escola um curso secundário, inclusive com o ensino do latim, do francês, do inglês e do alemão, de que era profundo conhecedor e, também, com o ensino de música, teoria e prática com aulas de piano e violino. Dois professores competentes o auxiliavam nessa tarefa. O magistério, em que empregava a maior parte do seu tempo, não impedia as constantes e regulares visitas às capelas e aos moradores dos mais longínquos recantos da Colônia.

Ele organizou a atividade pastoral do seguinte modo: dois ou três domingos por mês eram destinados à sede em Blumenau e um à capela São Bonifácio, no Encano. Os novos distritos dos tiroleses, italianos e poloneses, visitava-os em dias úteis, previamente marcados, demorando-se em cada lugar, três ou quatro dias, utilizando-se de um cavalo e charrete, instruindo a juventude e observando a construção das capelas.

Dispensava atenção especial ao culto divino nos domingos administrados por leigos e à instrução das crianças sob a responsabilidade de pessoas capazes, nomeadas por ele. Na ocasião das visitas, fazia sempre um exame e fixava os assuntos das instruções que deviam ser ministradas. O atendimento aos doentes e moribundos também fazia parte de seus trabalhos apostólicos. De formação redentorista, não se esquivava de seus compromissos missionários, muitas vezes, árduos e penosos, principalmente em dias de chuva ou em horários noturnos, por picadas e estradas nem sempre em condições.

Novas capelas foram construídas, novas comunidades foram organizadas, entrando em funcionamento outras associações paroquiais e aulas de doutrina cristã. Eram dez as capelas que o Pe. Jacobs visitava regularmente, 4 vezes por ano, nesta sua vasta paróquia, perfazendo 40 semanas de viagens pastorais. Demorando-se em cada lugar alguns dias e exercendo nos domingos as funções na matriz, tinha nessas semanas dois dias de viagem forçada.

O vigário colocava todos os seus recursos em favor do Colégio São Paulo. Gastou 2:000$000 para construir os edifícios adequados, além da mobília e material escolar. Pagava os três professores auxiliares, porém, dirigia graciosamente o

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estabelecimento. Apesar dos problemas de distância enfrentados pelos colonos católicos, em 1879 o Colégio contava com 60 alunos, levando o Pe. Jacobs a pensar na construção de uma nova casa. Nesse mesmo ano, recebeu a colaboração do professor João Baptista Pies, natural de Trier e que muito contribuiu para o desenvolvimento da educação. Ainda neste ano, a 30 de março, a situação precária do Colégio fez com que o padre solicitasse a D. Pedro II, seu amigo, a subvenção anual de um conto de réis, que lhe foi concedida pelo Governo Provincial. No início, a escola destinava-se ao ensino da religião e das primeiras letras, porém a ansiedade de instruir os filhos dos colonos do interior, onde não havia nem escolas nem estradas, levaram o Pe. Jacobs a começar um internato com 16 crianças. As aulas eram ministradas numa pequena construção. Para concretizar o seu ideal investiu nas obras do Colégio todas as economias, das quais 4:500$000 eram bens particulares que trouxera da Alemanha. Em 1880, obteve do Governo Imperial o auxílio de 1:000$000 anuais e o número de alunos subiu logo.

No dia 14 de fevereiro de 1881, Pe. Jacobs escreve uma carta ao seu cunhado, acusando o recebimento de uma carta e fotografias. Apesar do seu rigorismo, mostra-se muito humano e compreensivo com as necessidades de seus familiares. Pede ao cunhado que não fique sentido com o que ele escreve, apesar de estar unido pelo amor fraterno. Diz que, por amor à sua irmã, faria tudo o que ele já tinha provado inúmeras vezes. Reclama, no entanto, que as exigências dos mesmos ultrapassa suas possibilidades financeiras e que ele já por várias vezes frisara que, em primeiro lugar colocava a Igreja e, em segundo plano, todo o resto. Diz ainda que ele não tinha assumido nenhum compromisso com as despesas dos estudos das sobrinhas e que não poderia fazê-lo, somente a Joseph ele havia prometido auxiliar enquanto possível. Já anteriormente comunicara ao irmão que, com a construção da escola fizera dívidas e tinha o dever de pagá-las primeiro. No último mês de setembro perdera a subvenção do Governo de 2.400 réis porque acharam a sua escola católica demais. Estava totalmente impossibilitado de enviar auxílio para os estudos das três filhas deste cunhado, porém reconhecia que não poderiam ficar sem escola. Enviava anexo à carta 100 mil réis que conseguiu para ele e assim continuaria a fazê-lo todos os anos, desde que as exigências do mesmo fossem razoáveis. Considerava-se ainda com saúde, mas o médico o prevenira de suas viagens constantes com calor e chuva, quando saia a serviço da Igreja ou da escola. Tinha chegado da última viagem bastante cansado em casa e o médico dissera que precisava alimentar-se melhor, mas não sabia como fazê-lo, pois estava passando por sérias dificuldades e já se via obrigado a pedir esmolas. Muitos amigos tentavam persuadi-lo a não viajar tanto, mas que pretendia continuar a obra que prometera ao papa Pio IX, assim como ao seu patrono "Paulus" de ficar no seu lugar até o último alento. Pede paciência, mas que estivessem certos de que o bem estar dos parentes era um dever sagrado, para que pudesse enfrentar o futuro com a consci-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ência leve. Envia abraços e beijos para a irmã e para as crianças, envia recomendações ao capelão Saedlach e pede que o mesmo também lhe escreva de vez em quando.

Em julho de 1882 realizou-se na igreja matriz, a primeira eleição para a Câmara Municipal. Durante todo o período de seis anos em que o município ainda viveu sob o regime monárquico, as relações entre o vigário e as autoridades municipais, empossadas com a instalação do município em 1883 foram normais, não tendo havido maiores atritos entre elas. Já na enchente de 1880, quando as águas do Itajaí-Açu atingiram o nível de 16 metros acima do normal, submergindo ruas e construções inteiras, a matriz também serviu de abrigo a centenas de flagelados que ali passaram várias noites e dias. Padre Jacobs providenciou alimentação para todos. Digno de registro é o depoimento de Gertrudes H. Gross:

> "... Meus pais chegaram a conhecê-lo durante a enchente de 1880 e, desde então, vez por outra fazia uma visita à nossa casa. O fato deu-se assim: Quando, em julho de 1880, o tio Bruno Hering e minha mãe, em companhia de cinco filhos (os dois mais velhos tinham vindo com papai, no ano anterior) chegaram a Blumenau, vindos da Alemanha, aqui chovia muito e, dentro em pouco, o Itajaí ultrapassava as suas margens. Papai não acreditava que houvesse uma grande enchente e procurava tranqüilizar minha mãe. Até que uma manhã, a água estava em nosso quintal e continuava a subir. Só então, papai com o auxílio de seu irmão Bruno, começou a transferir móveis e utensílios para o sótão. Mas o novo tear, que foi o começo do desenvolvimento da nossa indústria, não pôde mais ser desmontado. Teve que ser deixado aos azares da sorte. Enquanto as águas continuavam subindo sempre, mamãe, com as crianças (eu era levada ao colo) foi rua acima, ainda não tomada pelas águas, a procura de um asilo mais seguro. É fácil imaginar o desespero da mamãe, diante da maneira com que os céus haviam preparado a nossa recepção numa terra estranha. E foi, com voz quase desesperada, que exclamou para o vigário, de pé, ao alto da escada que levava ao adro da igreja: - Senhor padre, nós morreremos todos afogados! – Nem tanto, senhora Hering. Suba com as suas crianças. Na nossa igreja ainda há muito lugar! Ele nos acompanhou até ao alto. Já muitos moradores haviam procurado abrigo na igreja e o seu número ia aumentando de instante em instante. Como um pai, o padre Jacobs cuidava de todos. Ele mandou cozinhar um panelão de feijão preto e assar pão de milho. Ninguém precisou passar fome e as suas palavras de confiança contibuíram para levantar o ânimo de todos..." (14).

Pela Constituição do Império Brasileiro, o Pe. Jacobs, para naturalizar-se deveria apresentar-se ao Presidente da Câmara Municipal de Itajaí e prestar juramento, o que de fato acontece:

> "Aos quatro dias do mês de dezembro do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo e de mil oitocentos e oitenta e dois, sexagésimo primeiro da Independência e do Império, nesta cidade de Itajaí, da Província de Santa Catarina e no Paço da Câmara Municipal, onde se achava o Presidente de-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> la, o Cidadão Guilherme Asseburg, comigo Secretário da mesma Câmara, aí compareceu o Padre José Maria Jacobs, Vigário da Freguesia de São Paulo, de Blumenau, filhos legítimo de Reiner Jacobs e de Anna Maria Constância Jacobs, nata Müller, nascido em 16 de maio de 1832 em Düren, Província do Reno, do Reino da Prússia, de Religião Católica Apostólica Romana e pelo mesmo foi declarado que de sua livre e espontânea vontade queria se naturalizar Cidadão Brasileiro nos termos da Lei que concede essa faculdade, pelo que lhe foi recebida a sua declaração, e pelo Presidente deferido o juramento de que foi naturalizado e de livre vontade e sem constrangimento algum, depois de prestado o dito juramento sobre um livro dos Santos Evangelhos, em seguida, prestou no mesmo livro o juramento de obediência ao Imperador, à Constituição e mais leis do Império, ferido o que e para constar, mandou o Presidente lavrar este termo que assina com o declarante. Eu, Francisco Victorino da Silva, Secretário, o escrevi. (ass) Guilherme Asseburg; Pe. José Maria Jacobs, Vig. (15).

Em 1883, a vasta comunidade orientada pelo Pe. Jacobs era distribuída por 24 locais distantes com 5.500 almas que mal podiam gastar com roupa e muito menos com a igreja e escola. De janeiro de 1877 até janeiro de 1878, o Colégio contava com 87 alunos e até o início de 1879 com 107 a 117, chegando a 130 em 1883. Na época, ficou estipulado que cada criança pagaria 120 réis por dia (moradia, comida e escola), porém, só a metade pagava esta quantia. O Diretor vestia cerca de 20 crianças graciosamente. Mas, fica a pergunta: quais os motivos que levaram o primeiro vigário de Blumenau a fundar o Colégio ? No Relatório datado de 23 de fevereiro de 1883 ao Reitor do Seminário São José no Rio de Janeiro, Pe. José Hehn, escreve Pe. José Maria: "Eu fundei há mais de seis anos o atual Colégio São Paulo: 1) para salvar a juventude católica por uma educação sadia e religiosa e criar uma geração cristã; 2) preparar jovens talentosos para o Seminário e assim cooperar para desenvolver nesta Diocese um bom clero". Como ex-redentorista e com tanta experiência nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha é compreensível porque pensava assim e, agia. Pe. Jacobs tinha, além disso, o apoio da Família Colonial e quando o Conde D'Eu visitou Blumenau, em 15 de dezembro de 1884, esteve na escola, incluindo-a na "Associação Protetora da Infância Desamparada", dotando-a com 330$000.

No dia 25 de junho de 1883 escreve um pedido ao Ilustríssimo Senhor Guilherme Engelke, Coletor das Rendas Gerais em Blumenau:

> "Diz o Padre José Maria Jacobs, Diretor do Colégio de São Paulo de Blumenau, subvencionado do Estado que, precisando-se uma nova aula no dito Colégio e faltando os meios particulares e achando-se disponíveis os barracões de imigrantes nesta Vila, vem respeitosamente pedir à Vossa Senhoria digne-se informar o Ilustríssimo Excelentíssimo Senhor Presidente desta Província da conveniência de transportar os materiais de um dos ditos barracões para construir uma nova aula no dito Colégio. Deus guarde Vossa Senhoria, Pe. José Maria Jacobs".

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Padre José Maria Jacobs
* 1832
+ 1892

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ao Presidente da Província faz o mesmo pedido: (...) haja por bem mandar transferir para o terreno da matriz uma das referidas barracas, afim de aumentar o dito Colégio, ficando assim o suplicante habilitado a admitir um maior número de pobres alunos, que sem a graça pedida são impossibilitados de receber instrução alguma".

Em outra correspondência acrescenta:

> "Os alunos recebem também de mim os necessários vestidos por causa da extrema pobreza de seus pais. Os professores primários são: Sr. João Pies e eu, os secundários Srs. Bernardo Thompson e Nicolao Alpen. As senhoras que cuidam a cozinha, os dormitórios, costura são: Murphy, Thompson, Gertrude Schmitz, Catarina Schmitz e Maria Kienen. Além disso tenho quase sempre 3 ou 4 homens para os outros trabalhos necessários. As partes que se ensinam nesse Instituto são: doutrina, história bíblica, ler, escrever, memorar e declamar, latim, português, alemão, francês, inglês e italiano, ortografia, contar e aritmética, História do mundo, História do Brasil, História Natural, geografia, desenhar, cantar, geometria, piano e violino, estas últimas partes só para alunos especiais".

Era insistente o vigário em seus propósitos. Não satisfeito, nem atendido, envia correspondência ao Imperador:

> "Com o maior acatamento de novo se apresenta perante o augusto Trono de Vossa Majestade o cidadão brasileiro Padre José Maria Jacobs, vigário da Paróquia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, na Província de Santa Catarina expondo o seguinte: Tendo em novembro de 1884 implorado de Vossa Majestade Imperial a graça de lhe ser concedido o barracão existente na Vila de Blumenau, situado na barranca do Rio Itajaí, construção destinada ao agasalho dos imigrantes; foi pelo Ilustre Governo de Vossa Majestade Imperal atendido. O suplicante, porém, mediante obrigação que importam a negociação do benefício almejado, utilizar o seu material principalmente as telhas no aumento de seu Internato mediante a construção de um novo edifício cujas obras se acham prontamente em andamento. O Internato do suplicante, bem como as novas obras, estão levantadas sobre terrenos da Igreja Matriz desta Vila, distante cerca de dois quilômetros do local do barracão, razão pela qual a concessão feita de modo algum não pode aproveitar aquele estabelecimento e quando mesmo fossem contíguos não oferecendo o barracão condições apropriadas ao recebimento de imigrantes por ser excessivamente baixo, sem ventilação, todo construído com tábuas e repartido em acanhados compartimentos, não poderia igual convir para dormitório de meninos ou casa de escola. Reparar um tal barracão para recepção de colonos importaria em uma nova construção, ao que só aproveitaria parte das madeiras utilizadas nas divisões internas e as telhas, motivos que levaram o suplicante a implorar de Vossa Majestade Imperial no benefício do seu estabelecimento de instrução. Mandando o Governo de Vossa Majestade Imperial entregar ao suplicante aquele barracão com a obrigação de fazer nele os necessários reparos e consertos porém entende-se que disse ele tão somente ser utiliza-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do no local em que se acha o que obriga o suplicante a vir mais uma vez implorar a Vossa Majestade Imperial a faculdade de poder também utilizar o material do mesmo barracão no novo edifício do seu Internato, cujo corpo principal acha-se atualmente no estado de receber cobertura. Infelizmente estão quase esgotados os recursos que devido à magnificiência de Vossa Majestade Imperial e generosa oferta de alguns cidadãos pôde o suplicante reunir, não lhe restando mais do que a esperança do auxílio ora impetrado para livrar a parte construída dos estragos. Nestes termos o suplicante pede deferimento. Pe. José Maria Jacobs".

Sua insistência tem resultados positivos. No dia 17 de fevereiro de 1885 envia o convite ao Presidente e vereadores da Câmara de Blumenau:

"Tendo de ser collocada no dia 22 do corrente, ás 3 horas da tarde, a pedra fundamental do novo edifício, destinado á instrucção e educação da mocidade sob o titulo Pensionato Central de Blumenau, cabe-me a honra de convidar a V.as Excias. Para assistir e abrilhantar aquelle acto, que marcará nos annaes d'esta Villa mais um commettimento digno dos seus habitantes. Na qualidade de fundador d'este estabelecimento, que já conta 126 alumnos, sendo 69 internos e 57 externos, sem distincção de crenças, acha-se animado da mais robusta convicção de merecer o concurso d'essa Comarca, como já o tem merecido das principaes autoridades da Província e especialmente da Côrte".

Eis o registro original da colocação da pedra fundamental desta obra ampliada:

"Auto da Collocação da pedra fundamental do Pensionato Central de S. Paulo de Blumenau, na villa d'este nome na Província de Santa Catharina. Aos (22) vinte e dois dias do mez de Fevereiro do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos oitenta e cinco, sob o Reinado de S. Majestade o Imperador Dom Pedro Segundo, sendo Presidente do Conselho de Ministros, o Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, Presidente d'esta Província o Exmo. Snr. Doutor José Lustoza da Cunha Paranaguá, e Bispo d'esta Diocese o Exmo. Revdmo. Snr. Dom Pedro Maria de Lacerda, ás 3 horas da tarde foi lançada com as Solemnidades do estylo a pedra fundamental do Pensionato Central para instrucção primaria e secundaria do qual é Director e fundador o Revdo. Padre José Maria Jacobs, vigário désta villa e professores os Snrs. João Pies, Hugo Josepf von Garenfeld, Hermann von Koppy e Francisco Demmer. Após a bênçao da pedra pelo Revdo Vigário Padre José Maria Jacobs e ante numeroso concurso de povo das nacionalidades – Brazileira, Allemã, Austríaca, Italiana, Polaca, Ingleza e Franceza, procedeu-se ao assentamento da dita pedra fundamental do novo edifício, contendo um cofre, onde forão enterrados: este auto, a matricula geral de 126 alumnos (69 internos e 57 externos) que frequentão actualmente o collegio, um exemplar do Imigrante, um exemplar do Blumenauer Zeitung ambas gazettas de Blumenau, um exemplar do Deutsche Volkszeitung de São Leopoldo, um exemplar da Germânia, um exemplar do (ilegível) Blatt,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

um exemplar do Apostolo, um exemplar da Regeneração, um exemplar da Baltimorer Volkszeitung dos Estados Unidos e bem assim, uma moeda velha de cobre no valor de 20 reis, uma da nova, uma moeda velha de cobre no valor de 40 reis, uma da nova, uma moeda de nickel do valor de 100 reis, uma da do valor de 200 reis, uma da de prata do valor de 200 reis, uma da do valor de 500 reis. E para que a todo o tempo consta o que se fez em honra e gloria da Santa Religião Catholica Apostólica Romana e a bem da instrucção e educação da mocidade tanto pobre como rica, lavrou-se este que vai assignado pelo Director e fundador, seus professores e testimunhas e convidados presentes ao acto. São Paulo de Blumenau 22 de Fevereiro 1885" (16).

Em setembro de 1886 foi suspensa a ajuda que fora prometida ao Colégio São Paulo, obrigando o Pe. Jacobs a recorrer ao Presidente da Província Dr. Francisco José da Rocha em carta datada de 8 de fevereiro de 1887, pedindo a subvenção necessária para a continuação ao Colégio:

"Persuadido da generosidade de V. Ex.a e fiando-se no seu conhecido zelo acerca da educação e instrução da mocidade desta sua Província, o Pe. José M. J. Diretor do Colégio de São Paulo em Blumenau, ousa levar a presente petição ao coração filantrópico de V. Ex.a. Foi em fevereiro de 1877, que o suplicante, sentindo a grande falta de educação e instrução neste município fundou às suas próprias custas o Colégio de São Paulo neste lugar afim de, nele fornecer educação moral e instrução primária e secundária não só mediante uma módica pensão aos filhos de pais bem situados, como também gratuitamente e além disso alimentação e vestidura ao mais possível número de meninos pobres, órfãos e desamparados (...) Hoje, vendo o suplicante os seus meios particulares que trouxe da Europa estarem esgotados e sendo-lhe subtraído a subvenção do Governo Provincial e restando-lhe apenas sós os seus vencimentos da côngrua e de estola como pároco, com estes últimos meios e com a diminuta pensão dos alunos de pais bem situados, só não pode continuar a manter o dito Instituto em que atualmente funcionam, além dele mesmo, cinco professores e o que fornece instrução e educação não só aos filhos de colonos alemães, italianos, franceses, ingleses e polacos, como também aos de brasileiros natos pobres (...) Pe. José Maria Jacobs".

O Pe. Jacobs empregava todos os seus vencimentos de capelão na sua obra. Pelo contrato assinado com o Ministério da Agricultura na data de 28 de agosto de 1876, deveria receber 800$000 Réis anuais de gratificação e 360$000 Réis de cavalgadura; mais tarde a sua côngrua, gratificação mensal de 60$000 Réis e todos os direitos de estola. Como estava há oito meses sem receber, solicitou informações, tendo a Tesouraria da Fazenda da Província declarado ao Diretor da Colônia que, com a instalação da Freguesia de São Paulo de Blumenau e como vigário encarregado da mesma, receberia somente a côngrua de 300$000 Réis anuais, porém nem essa quantia lhe foi paga. Com a falta dos pagamentos, Pe. Jacobs, endi-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vidado viu-se na iminência de fechar o Pensionato Central, o que seria lamentável, pois o mesmo abrigava alunos de Gaspar, Itajaí, Camboriú, Desterro, São Pedro de Alcântara, Brusque, Biguaçu e outras localidades.

A suspensão provocou grande repercussão na Assembléia Provincial no dia 3 de setembro de 1886, quando o Pe. Jacobs foi defendido pelo Deputado Provincial Cristóvão Nunes Pires. A suspensão foi causada pela intransigência do padre e por denúncias dos adversários. As despesas cresceram tanto que o obrigaram a solicitar ao Reitor do Seminário do Rio de Janeiro para interceder junto ao Bispo, a fim de possibilitar a sua ida à sede do Bispado para solicitar auxílio. Assim procedendo, recebeu em tempo ajuda na Corte.

Mas, sua dedicação era também pastoral. Assim, nos Registros de Tombo, encontramos os registros firmados pelo vigário, prova inconteste de sua dedicação paroquial: nº. 1, instalação da Freguesia de São Paulo Apóstolo de Blumenau, em 2 de junho de 1878; nº. v1b., benzimento da matriz de São Paulo Apóstolo desta Colônia, em 24 de dezembro de 1876; nº. 2, benzimento do cemitério de Rio Morto desta Freguesia, em 19 de dezembro de 1876; nº. 3, benzimento do cemitério da sede desta Colônia, em 20 de dezembro de 1876; nº. 4, benzimento do cemitério de Nova Westphália, Rio do Testo, em 29 de maio de 1877; nº. 5, Primeira Missa fundata, em 10 de julho de 1877; nº. 6, Segunda Missa fundata, em 20 de outubro de 1877; nº. 7, benzimento da capela de Santo Estanislau na Estrada das Areias, em 4 de junho de 1878; nº. 8, benzimento do cemitério do Caminho das Areias, em 25 de janeiro de 1877; nº. 9, benzimento da capela de Santo Ambrósio, em 20 de abril de 1879; nº. 10, benzimento do cemitério de São Paulo, em 20 de abril de 1879; nº. 11, benzimento da capela de Santo Antônio, em 10 de junho de 1879; nº. 12, benzimento da capela de Nossa Senhora Dolorosa em Rodeio, em 10 de junho de 1879; nº. 13, benzimento do cemitério atrás da capela de Rodeio, em 20 de setembro de 1879; nº. 14, benzimento da capela da Bem-aventurada Virgem Maria do Santíssimo Coração de Jesus e São Virgílio de Rodeio, em 20 de setembro de 1879; nº. 15, benzimento do cemitério atrás da capela de Rodeio (51), em 20 de setembro de 1879; nº. 16, benzimento do cemitério atrás da capela de Rio dos Cedros, em 20 de setembro de 1879; nº. 17, benzimento do cemitério atrás da capela de Santo Antônio, em 20 de setembro de 1879; nº. 18, Via-Sacra Paroquial, em 1º. de março de 1881; nº. 19, benzimento do cemitério de Aquidabã, Ribeirão da Neisse, em 26 de janeiro de 1882; nº. 20, benzimento da capela do Santíssimo Coração de Jesus e de São José no Caminho dos Tiroleses, em 24 de junho de 1882; nº. 21, benzimento do cemitério perto da mesma capela, na mesma data; nº. 22, benzimento da capela de Nossa Senhora Imaculada e São José em Rio dos Cedros, em 21 de outubro de 1882; nº. 23, constituição da Fraternidade do Campo Santo, em 1º. de maio de 1877; nº. 24, agregação da Sociedade do Santíssimo Rosário, em 7 de outubro de 1877; nº. 25, benzimento do cemitério novo

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

atrás da capela de São Bonifácio no Encano, em 28 de julho de 1883; nº. 26, benzimento do cemitério atrás da capela de Aquidabã, em 27 de janeiro de 1884; nº. 27, Via-Sacra na capela de São Virgílio, em 27 de janeiro de 1884; nº. 28, Via-Sacra na capela Virgem Dolorosa, em 27 de janeiro de 1884; nº. 29, Via-Sacra na capela de Rio dos Cedros, em 27 de janeiro de 1884; nº. 30, Via-Sacra na capela de Santo Estanislau, em 27 de janeiro de 1884; nº. 31, benzimento da capela de Santa Madalena e Nossa Senhora do Caravagio na estrada dos Pomeranos, em 25 de julho de 1884; nº. 32, benzimento do cemitério atrás da capela anterior, em 20 de julho de 1884; nº. 33, Via-Sacra na capela de Santo Ambrósio, sem data; nº. 34, Via-Sacra na capela de São Bonifácio, sem data; nº. 35, Auto da colocação da pedra fundamental do Pensionato Central de São Paulo, em 22 de fevereiro de 1885; nº. 35ª. Provisão de criação da Paróquia; nº. 36, benzimento do cemitério atrás da capela São José em Guaricanas, em 27 de novembro de 1886; nº. 37, benzimento da capela São José, na mesma data; nº. 38, benzimento da capela de Sant'Ana, em 27 de novembro de 1886; nº. 39, benzimento do cemitério no lote 37 na estrada dos Pomeranos, na mesma data; nº. 40, benzimento do cemitério em Rodeio I, em 7 de maio de 1887; nº. 41, benzimento do cemitério de Rio dos Cedros, em 21 de fevereiro de 1889; nº. 42, Escritura de entrega, doação e contrato com os franciscanos, em 22 de maio de 1892.

Com a mudança do regime e conseqüente queda do trono de Dom Pedro II, a vida até então tranqüila do vigário de Blumenau também sofreu alterações. Não conformado com o exílio do Imperador e com a separação entre Igreja e Estado, Padre Jacobs chefiou a direção local do Partido Católico, entrando abertamente em campanha política. Sua atitude e a desobediência a leis republicanas que obrigavam a celebração do casamento civil antes do religioso, trouxeram ao padre aborrecimentos e desgostos sem conta que lhe abalaram, inclusive a saúde, muito profundamente. Escreveu: "A Igreja Católica Apostólica Romana pode existir e bem existe debaixo de qualquer Governo, quer seja Imperial, Real ou República, etc. A mesma Igreja ensina que se deve obedecer em todos os pontos à toda e qualquer lei civil e justa, decretada por autoridades legais de qualquer forma legal de Governo. Qualquer nação tem o direito de mudar a forma de Governo, mas está obrigada a obedecer ao Governo atual existente. Revoltar-se contra um Governo atual e em vingar-se, é ilegal, pecaminoso e contra as leis da Igreja. Um novo Governo proveniente de uma revolução acidental, estando estabelecido, organizado e reconhecido pela nação inteira, tem direito legal e merece submissão também das autoridades eclesiásticas. O Governo provisório atual do Brasil não existe nem "de facto"nem "de jure". Não existe "de jure", porque nós, cidadãos, temos jurado fidelidade ao Imperador e à Constituição do Império. Não "de facto"porque não temos ainda plebiscito ou votação geral, o que por ora temos são telegramas incertos de um partido só, o qual comunica ao público o que lhe convém, perdoadas as

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

informações contrárias. Portanto eu, Vigário da Freguesia de São Paulo e, como tal, Empregado do Estado Imperial, fiel ao meu juramento, ficarei sujeito à autoridade Imperial até que a República seja, não somente publicada como também estabelecida, ao menos de fato, organizada e reconhecida pela nação inteira. Depois, conforme as leis da Santa Igreja eu serei o mais obediente sujeito da mesma. Pe. José Maria Jacobs".

Em uma carta dirigida ao Governador do Estado em 1889, Pe. Jacobs expõe suas idéias sobre o casamento civil e religioso e defende-se de críticas feitas a ele e suas obras. Diz o mesmo em sua carta que as noivas abandonadas estão presentes em grande número e que ele é freqüentemente procurado pelas mesmas em desespero, quando se trata de batizar a criança (...) Afirma também que os alunos protestantes que freqüentam o Colégio São Paulo não são obrigados a assistir às aulas de doutrina, somente os que trazem uma autorização escrita dos pais (...) Agora, com a idade de 56 anos e 34 anos de religioso quer apenas viver para o bem religioso de sua comunidade e espera para o futuro retirar-se desta vida com o sentimento de ter cumprido seu dever. Acha que para o futuro da educação católica de filhos de brasileiros é preciso iniciar um ensino mais enérgico para que os mesmos não encarem sua religião como uma obrigação. A relação entre Igreja e Estado não se faz somente com o assinar de um documento tanto pelos padres como pelas autoridades municipais. Considera o juramento perante uma autoridade municipal como uma obrigação e à qual a maioria faz contrariada. Seu objetivo é evitar os casamentos não considerados bons, no entanto baseia-se nas leis da Igreja, porque só assim pode haver um casamento feliz (...) O Colégio São Paulo já existe há onze anos (...) é unicamente uma instituição de ensino e o mesmo tem por objetivo desenvolver-se mais e mais para o lado filantrópico e acolher todas as confissões possíveis. Pergunta: será um crime tão grande quando crianças maiores recebem pelo menos uma educação moral adequada ? De onde provém o constante antagonismo contra o Colégio São Paulo de Blumenau ?

> "Eu investi em minha instituição 4:500$000 que eu trouxe da Europa e até a presente data todos os ganhos pela estola investi no Colégio e todo o meu sacrifício, enfim, reverte em benefício para a própria cidade. Mas, um grande crime por minha parte é que eu tendo uma grande influência, não me envolvo absolutamente em agitações políticas. Isto acontece porque exerço minha profissão clerical com toda a dignidade. Realmente se eu não tivesse exercido tanta pressão sobre minha comunidade já teriam acontecidos casamentos lamentáveis. Além de tudo, condenam-me igualmente por ter atendido os moradores da Tirolerstrasse quando vieram à minha presença saber se poderiam aceitar os 10$000 que o Governo Estadual ofereceu para a escola que há anos passados fundei nesta região, dizendo igualmente que poderiam aceitar os 30 alunos exigidos pelo Governo e que também poderiam dar aulas de doutrina na própria escola pois a mesma não é freqüentada por nenhuma criança de outra confissão. Mas o meu maior crime foi o seguinte: No dia 24 de janeiro do corrente eu bati-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> zei o filho ilegítimo de uma moça e a mesma sob juramento confessou que o pai era o Dr. Cunha, assim também o fizeram os padrinhos. Como eu poderia negar o batismo a esta criança inocente ? Assim o fiz exigindo apenas da mãe e padrinhos que a criança fosse educada nos conceitos da santa igreja católica. Assim registrei no livro: "Declara a mãe ser pai o Dr. C.. Quando o mesmo soube disto, alguns meses mais tarde veio furioso procurar-me exigindo explicação. Eu expliquei a ele as leis canônicas e disse que ele as devia aceitar assim como eu aceitei as leis que apontam contra minha pessoa. O mesmo concordou comigo e disse que ele iria verificar novamente o protesto contra mim (...) Terminando esta, declaro que talvez seja possível ao senhor pessoalmente para que a subvenção escolar seja restabelecida, pois para mim ela representa muito. Caso o senhor nada consiga, eu me vejo obrigado a dispensar os órfãos que estão sob minha guarda e entre elas também crianças brasileiras. Todas moram aqui, recebem comida, ensino e ainda roupa (...) Deixando a solução em suas sábias mãos nas quais deposito total confiança, subscreve-se com toda atenção e humildade, Padre José Maria Jacobs".

O vigário, que ao naturalizar-se brasileiro jurara "obediência ao Imperador, à Constituição e mais leis do Império", sentia dificuldades com o advento da República. Multado várias vezes, seu especial amigo Wilhelm Engelke interferiu, relevando uma das multas, o que não ocorreu com outras. É datado de 21 de outubro de 1891 o "Auto de Infracção de Posturas" contra o Pe. Jacobs cujo teor diz:

> "Aos vinte um dias do mez de Outubro do corrente anno multei o individuo Padre José Maria Jacobs na importância de trinta milreis, por infracção do artigo 63,94 do Código das Posturas, e o intimei logo para pagamento da referida multa dentro do praso de oito dias, a contar d'esta data; e na falta a comparecer no primeiro dia útil na sala da Intendência a fim de ver-se processado. Deste passei duas vias uma das quaes fica em poder do infractor como mêstra-fé. Blumenau, 21 de Outubro de 1891. O Fiscal: Otto Wehmuth. Testemunhas: Otto Freygang, Jacob Schmitt".

Desde o início do regime republicano desentendeu-se com as autoridades municipais, principalmente com o Superintendente Dr. José Bonifácio da Cunha que lhe declarou abertamente a sua inimizade. Este, havia denunciado o padre por ter ministrado aulas em dias feriados, excesso de ensino religioso, contra as leis do país, obrigado as crianças a rezarem três horas por dia, pelo jejum durante a semana santa, respeitar os feriados religiosos e assistir às missas. As denúncias do Dr. Bonifácio (grande propagandista dos ideais republicanos e candidato à Assembléia Constituinte Estadual) resultaram na proibição do ensino religioso nas escolas subvencionadas pelo Governo do estado e, também, medidas enérgicas prejudiciais à receita do Colégio.

Arbitrariamente, Dr. Bonifácio havia mandado derrubar uma cerca e a-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

brir caminho público dentro da propriedade da Paróquia, agravando a animosidade entre ambos. O vigário utilizou o púlpito para acusar o procedimento do Dr. Bonifácio que o processou por injúrias. Porém, sem a rispidez e intransigência do Pe. Jacobs e sem a sua perseverança, sua obra teria sucumbido neste momento.

> "Entre os processos que o envolveram, como a retirada arbitrária pelo Dr. José Bonifácio da Cunha de uma cerca defronte a igreja católica, resultou o processo nº. 158, movido pelo Promotor Francisco Antônio Margarida em 19 de outubro de 1891, quando foram arroladas as testemunhas, Hermann Baumgarten, Wilhelm Murphy, Gustav Baumgart, Friedrich Raabe, Heinrich e Johann Steinert, somente Hermann Baumgarten depôs contra o Padre. No dia 29 de outubro, o Promotor Público declarou que de acordo com as testemunhas, nada ficou provado contra o Padre, pois o mesmo,no dia 23, apresentara um requerimento ao qual juntara uma certidão fornecida pelo Coletor na qual constava que a totalidade do lote nº. 53, pertencia à igreja católica. No dia 28 de outubro foram ouvidos Wilhelm Engelke, Emil Odebrecht, Heinrich Krohberger, Heinrich Reuter e mais onze testemunhas, e no dia 30 de outubro o Juiz deu a mêstença inocentando o Padre Jacobs, porém este, teve que pagar as custas da justificação no valor de 118$000 Rs. Todos esses fatos e o processo por ter celebrado o casamento religioso antes do civil de Heinrich Baader e Dorotheia Alpen, em 23 de novembro de 1891 (registro nº. 65 na Paróquia de Blumenau), contribuíram para abalar ainda mais a saúde do Padre Jacobs" (17).

Aliás, a celebração de casamentos religiosos antes do ato civil levaram o Dr. Bonifácio a processar novamente o Pe. Jacobs que foi notificado, depois de aberto inquérito e do sumário de culpa, porém o vigário já se encontrava em Ascurra, enquanto que, em Blumenau, foi organizada uma escolta para prendê-lo.

> "Jacob Tarnowski, residente em Sandstrasse, testemunhou os acontecimentos e contou, na época, a Frei Estanislau Schaette, alguns fatos ligados à tentativa de prisão do padre: "No Domingo da Quinquagésima, 28 de fevereiro de 1892, compareceram 24 russos-polacos, residentes em Braço do Warnow, em casa de José Tarnowski, no Steinbach, perto de Indaial. Tinha-se espalhado o boato da prisão iminente do Padre Jacobs que, naqueles dias, se encontrava em casa do Buzzi, em Ascurra. Os russos-polacos eram imigrantes que haviam fixado domicílio no Ribeirão do Warnow há pouco tempo. O chefe deles era um certo Stronkowski, intitulado "capitão", homem de força extraordinária e de igual coragem, sabendo bem manejar as armas e comandar a sua pequena, mas intrépida "companhia". Rikalski era o tenente e Grzybowski o sargento. Quase todos os membros desse "batalhão" conheciam a arte militar porque tinham passado de 3 a 12 anos nos quartéis de sua antiga pátria. Achavam-se com a intenção de atacar a polícia e seus ajudantes que viriam de Blumenau para prender o Vigário. O lugar do assalto à escolta policial seria pertinho de Indaial, onde o caminho conduz à balsa dos Carijós (...) Ao cair do sol, os "heróis" voltaram pa-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ra casa. No dia seguinte, verificou-se a "marcha triunfal" da polícia e dos inimigos do Padre que se dirigiram para Ascurra à cata do Padre que, realmente, lá foi preso. Os russos-polacos souberam do acontecido somente pela tarde de terça-feira de carnaval e logo puseram-se de novo em marcha para libertar o Padre da cadeia. Chegaram somente até Indaial, pois ali souberam, por testemunhas fidedignas, que o Padre Jacobs já se encontrava em liberdade na sua canônica. O Dr. Hercílio Luz emprestou a fiança para libertar o Padre Jacobs" (18).

Em março de 1892 entregou a direção da Paróquia com suas treze capelas e mais o Colégio São Paulo aos franciscanos alemães pois, combalido pelos sofrimentos físicos e morais, resolvera regressar à Alemanha. A seu convite, já que não se sentia mais com forças necessárias para conduzir a pastoral, vieram três padres franciscanos que residiam em Teresópolis, interessados como estavam por conhecer o trabalho, uma vez que estavam assumindo muitas paróquias no sul do Brasil. Eram frei Armando Bahlmann (posteriormente eleito bispo de Santarém, PA), frei Lucínio Korte e frei Zeno Wallbroehl, homem de grande saber e experiência. Foram amigáveis os colóquios, quando os padres acertaram entre si as condições da sucessão. Frei Armando retornou para Teresópolis, onde era superior, e os outros dois franciscanos ficaram residindo em Blumenau e gradativamente foram assumindo as obrigações do vigário, o qual começou a ter os primeiros dias de descanso, após 16 anos de fatigantes trabalhos. A Cúria Episcopal do Rio de Janeiro confirmou a transferência da paróquia e deu licença ao antigo vigário para tratar de sua saúde. No mês de maio, Pe. Jacobs visitou, pela última vez, algumas de suas queridas capelas mais distantes. No domingo, 22 de maio, celebrou na matriz a missa paroquial e proferiu sua homilia de despedida, na qual exortava os fiéis a viver e morrer "na santa fé católica".

Pe. Jacobs permaneceria até maio, quando entregou definitivamente a função aos padres franciscanos, firmando com eles um contrato que segue (no original):

"Escritura de entrega, de doação e de contracto celebrado entre o Revmo Pe. José Maria Jacobs e os Franciscanos. No anno de mil oitocentos noventa e dois, aos 22 de Maio, nós abaixo assignados temos discutido, bem ponderado e feito a convenção seguinte:

1. Eu, o Pe. José Maria Jacobs, até agora Parocho de Blumenau, entrego hoje, com consentimento do Reverendíssimo Snr Bispo, á Ordem de São Francisco, e em substituição della aos reverendos Padres Zeno e Lucinio, a minha parochia, junto com o que meus Parochianos nesta Villa possuem de bens de culto divino, a saber: a igreja, a casa parochial, a casa velha da antiga capella, o cemitério e o terreno da igreja e do parocho, com a mappa officialmente legalisado; e mais entrego-lhe todas as capellas com seus terrenos e cemitérios das communidades de capellas que pertencem a esta Parochia.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2. A communidade parochial, bem como a cada uma das communidades de capella d'aqui, eu dou de presente todos os utensílios e objectos de culto existentes nas suas relativas casas de Deus, os quaes por mim foram comprados e pagos, entregando igualmente os mesmos, assim como todos os outros que alem destes existem, aos ditos reverendos Padres, e juntando-lhes uma copia do relativo inventario da igreja matriz que; há pouco por mim foi feito.

3. Entregando o meu instituto escolar e de educação, o Collegio de São Paulo à mesma Ordem de São Francisco i.é. aos ditos Reverendos Padres, faço-lhes a irrevogável doação de todos os edifícios que, a minha custa, no terereno parochial mandei construir, a saber: a nova e velha casa de escola com todos os bancos, cathedras e as armações de cama para os alunnos, a cozinha, as estrebarias, os ranchos, a casa de jogo de bola etc.,etc; e mais

4. Faço à mesma Ordem a igual doação de todas e quaesquer bemfeitorias, plantações e cercados que no terreno parochial tenho feito.

5. O meu lote de terra que se confronta com a da Parochia (o qual d'antes era de Bugman) e as plantações que nelle se acham, entrego gratis ao incontestavel usufructo dos mesmos reverendos Snrs Padres, pelo tempo até que terei disposto sobre elle de outro modo.

6. Mediante uma certa indennização por parte dos mesmos reverendos Padres, eu ponho nas mãos delles todos os meus bens moveis e removentes de casa, cozinha, adega e de economia, os animaes, carros, livros, material de escola, etc, em breve todas as minhas cousas e objectos que se acham especificados sob I-VII no catalogo annexo.

7. Nós, os Padres Zeno e Lucinio, como representantes da nossa sagrada Ordem, aceitamos com gratidão todas as entregas e doações, encima sob os ## 1.2.3.4. e 5. Denotadas e a nós feitas pelo Revmo Snr. Pe. José Maria Jacobs; declaramos terem sido ellas effectuadas hoje e passamos recibo disso.

8. Nós tomamos posse dos objectos nomeados no # 6; e obrigamos-nos a pagar ao Revmo Pe. Jacobs de indennização e em conformidade com sua futura ordem agora Um Conto, depois de um anno Um Conto e quinhentos mil; e depois de dois annos Um Conto de Reis; isto é por tudo Tres Contos e quinhentos mil Reis.

9. E mais promettemos a continuar por sempre com o Collegio como instituto preparatório para a primeira Communião, com escola elementar e civil.

10. Finalmente obrigamos-nos a celebrar annualmente dois Requiem para as almas dos finados Nicolao Deschamps e sua mulher Catharina, nascida Eich, em virtude de um legado feito pelo dito finado a esta Igreja Matriz.

Em fé de que assignamos a escriptura da sobredita Convenção em três exemplares de um só teor, cujo um exemplar se escreveu em portuguez e os outros dois em allemão. Blumenau, aos 22 de Maio de 1892. Pe. José Maria Mêscobs, Vig., Pe. Zeno Wallbroehl, Osf., Pe. Lucinius Korte e como testemunhas: Dr. Wigando Engelke e Francisco Frankenberger. (19).

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nos dias seguintes preparou sua partida para o Rio de Janeiro com a intenção de ir restabelecer-se na sua terra natal. Na festa de Corpus Christi (16 de junho de 1892), o ex-vigário, muito enfermo, já a bordo do vapor "Progresso", que tantas vezes vira chegar trazendo pessoas, dirige seu olhar de despedida para a sua tão querida matriz, bem como para os fiéis que aí estavam acompanhando-o. Chegavam também aos seus ouvidos as orações, as músicas e os cânticos da procissão do Santíssimo Sacramento. Não pôde reter as lágrimas e permaneceu olhando, escutando e chorando, enquanto o vapor, lentamente dobrava a última curva do rio Itajaí-Açu. Acompanhava-o seu médico e amigo Dr. Leopold Engelke. Partindo definitivamente de Blumenau e da paróquia, deixava aqui muitos amigos e pessoas que o haviam feito sofrer muito.

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, desmaiou devido à sua fraqueza e foi levado para a Santa Casa de Misericórdia, onde encontrou os padres lazaristas que o atenderam. Passou depois para o hospital da Gamboa, onde chegou ainda a celebrar algumas missas. Porém, veio a falecer neste hospital no dia 1º. de agosto de 1892, acometido de febre amarela. O Sr. João Bauer, de Brusque, que o assistiu nas últimas horas, declarou que, no delírio da febre, o Pe. Jacobs falava de Blumenau.

Homenagens:

Por iniciativa do frei Estanislau Schaette, seus restos mortais foram transferidos para Blumenau, onde repousam sob uma lápide, à direita da porta de entrada da atual Catedral São Paulo Apóstolo, onde se lê o seguinte:

"À memória do seu inolvidável primeiro vigário Revmo Padre José Maria Jacobs, cujos despojos mortais repousam sob esta lápide, a humilde e respeitosa homenagem de gratidão de todos os Blumenauenses.
16 de maio de 1832 (Düren, Alemanha)
+ 1º. de agosto de 1892 (Rio de Janeiro)

Pe. Jacobs recebeu o seu nome em destacada rua central da cidade de Blumenau, paralela à Catedral.

Com o término das obras da construção da Igreja Matriz (25.01.1958) e sua imponente Torre (01.06.1963), foi colocado o busto em bronze do Pe. Jacobs no pátio de tão importante obra arquitetônica e símbolo da cidade.

A professora e historiadora Sueli Vanzuita Petry escreveu um bonito artigo em comemoração ao Sesquicentenário de nascimento do Pe. José Maria Jácobs, em 1982 quando ressaltou: "Gostaríamos nesta ocasião de prestar a nossa homenagem a este valoroso pregador de almas que tão nobremente soube renunciar ao conforto e prazeres do mundo materialista, dedicando-se integralmente à

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

edificação espiritual e progressista da cidade" (20).

No dia 1º. de agosto de 1992, às 19 horas na Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, foi celebrada uma missa solene recordando o centenário de falecimento do primeiro vigário de Blumenau, presidida por Sua Excelência Reverendíssima, Dom Gregório Warmeling, bispo diocesano de Joinville e concelebrada pelos párocos da cidade de Blumenau. Na oportunidade, foi colocada uma coroa de flores junto ao nicho onde repousam os restos mortais do Pe. José Maria Jacobs.

Homenagem especial também foi prestada no dia 2 de setembro de 2000, quando o primeiro vigário de Blumenau foi lembrado durante o desfile histórico em comemoração aos 150 anos de fundação da cidade.

Notas de Fim:

Annales Congregationis Sanctissimi Redemptoris – Provinciae Americanae – Pe. Joseph Wuest, Typis Congregationis, 1899, (III,2), pg. 156-157 – Res Cumberlandenses. Os dados foram enviados pelo Pe. Carl Hoegerl, missionário redentorista da Província de Baltimore, EUA).

2- Wuest, op. cit., (IV, 2) p. 287 (1864) – Res Detroitenses.

3- Wuest, op. cit., (V, 1) p. 122-123 (1866) – Res Novae Aureliae.

4- Wuest, op. cit., (V, 1) p. 126 – Res Cumberlandenses.

5- Wuest, op. cit., (V, 1) p. 246 (1867) – Res Cumberlandenses.

6- Ficker, Carlos. O problema religioso na Colônia Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Tomo VIII, abril de 1967, p. 134.

7- Idem, p. 143-144.

8- Idem, p. 144-145.

9- Kormann, Edith. **Blumenau, arte, cultura e as histórias de sua gente** (II). Blumenau, 1994. p. 70-71.

10- Deeke, José. **O Município de Blumenau e a História de seu Desenvolvimento**. Blumenau, Nova Letra, 1995. p. 40.

11- Idem, p. 41.

12- Livro de Tombo (I) da Paróquia São Paulo Apóstolo, p. 13-14v, nº. 35ª.

13- Livro de Tombo (I), p. 1-2, nº. 1.

14- Gross, Gertrudes. O Padre José Maria Jacobs. **Blumenau em Cadernos**, Tomo III, setembro de 1960, p. 189.

15- Livro de Naturalizações da Fundação Genésio Miranda Lins (Itajaí), protocolo nº. 20.

16- Livro de Tombo (I), p. 12-12v, nº. 35.

17- Kormann, op cit., p. 74.

18- Idem, p. 28-29.

19- Livro de Tombo (I), p. 16v-17v, nº. 42.

20- Petry, Sueli Vanzuita. Sesquicentenário de nascimento do Padre José Maria Jacobs – 1832-1982. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXIII, maio de 1982, p. 144.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Busto em bronze do Padre José Maria Jacobs, inaugurado
no dia 24 de outubro de 1965 – pátio da Catedral São Paulo Apóstolo

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fragmentos de Nossa História Local

Dentro da História de Blumenau, a questão que trata sobre os movimentos sociais está em aberto, e muito ainda aguarda para ser pesquisada pelos estudiosos da nossa História Regional.

Aparentemente as fontes documentais são poucas, no entanto, mesmo assim incitamos o pesquisador a vasculhar nos periódicos do acervo do Arquivo Histórico. Após criteriosa investigação ficará surpreso com o número de movimentos sociais que reivindicaram melhorias salariais e condições de trabalho, mobilizando grupos e organizações.

Para estimular a investida, publicamos dois textos: o primeiro, relatado pelo "O Ferroviário" de 08 de agosto de 1959, historiando uma greve ocorrida com os ferroviários da EFSC.

O segundo, apresenta um polêmico episódio ocorrido em 1920, durante a greve de operários da Empresa Industrial Garcia. Os operários Fritz Koch e Georg Sterneck foram expulsos do Brasil pelo Ministério do Interior, sob a acusação de promoverem a anarquia e o incitamento à greve. Os jornais da época deram ao caso grande cobertura, polemizando esta questão que tomou proporções diplomáticas. Transcrevemos na íntegra o artigo publicado no "Brazil" de 25 de julho de 1920 (Blumenau).

História de uma greve

TEXTO:

*L. REIS**

Insinuo-me na intimidade dos arquivos sonolentos, como velha traça saudosista, dispondo-me a reunir imagens dispersas pelo tempo, captando sonoridades distantes, cujos fracos ecos ainda têm o poder de transmitir-nos a imagem da eternidade.

Recompondo, ao arbítrio do pensamento, paisagens antigas e curiosas figuras de um mundo ausente e, no entanto, sempre vivo, como uma ternura ressuscitada, procurando dar vida às cores já cansadas de esquecidos quadros. Acho-me, assim, por instantes, na presença de um passado longínquo, cuja aproximação sutil mais adivinho do que sinto, e ouço, bem nítida, a animação de tantas vozes que estiveram solidariamente irmanadas na mesma marcha, que hoje retomamos, pelo ideal comum.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Contam-me, então fatos interessantes do nosso histórico ferroviário, como este, que reproduzo com a fidelidade de honestos depoimentos.

Tendo o Brasil declarado guerra à Alemanha, o Governo Brasileiro, por decreto sob nº 12.907, de 6-3-1918, tornou nulo o contrato de arrendamento mantido com a Companhia Estrada de Ferro Santa Catarina, empresa alemã, passando a ferrovia à administração da União, por intermédio da Inspetoria Federal das Estradas.

Em virtude disso, dia 8 daquele mesmo mês e ano, o engenheiro Oscar Castilho, Fiscal da referida Inspetoria junto à Estrada, tomava posse do cargo de chefe do Tráfego e assumia, interinamente, a direção da E. F. Santa Catarina.

A entrega da pequena ferrovia (Blumenau-Hansa) processou-se normalmente, mas provocou certos ressentimentos entre uma minoria de funcionários categorizados, do velho regime, os quais, agindo ousadamente, procuraram criar dificuldades para a administração nacional, indispondo contra ela o pessoal subalterno, menos esclarecido. E conseguiram o que pretendiam, lançando o falso boato de que todos os operários de nome alemão seriam demitidos pelo novo diretor, que estava para chegar.

Com essa notícia tendenciosa, surgiu o primeiro movimento grevista registrado na Estrada. No dia 13 de março de 1918, os operários das oficinas de Itoupava Seca, com exceção do mestre e de dois marceneiros, paralisaram os trabalhos, demitindo-se coletivamente, alegando que não estavam dispostos a ensinar aprendizes ou outros operários estranhos, que, conforme se propalava, viriam a substituí-los dentro em breve.

O grosso dos ferroviários, porém não se envolveu nos acontecimentos. Apenas alguns funcionários solicitaram demissão, por serem alemães, enquanto outros não compareciam ao serviço, pretextando doença. O Dr. Castilho baixou uma circular, com a advertência de que todo aquele que se ausentasse de suas funções, sem causa justificada, estaria sujeito às penalidades regulamentares em vigor, e concedeu, com prazer, uma única exoneração declarando ter assumido essa responsabilidade porque o requerente, F. B.:

> "Nasceu nesta terra, naturalizou-se alemão, manifestando sempre, em todas as oportunidades que se deparava, seus ardorosos sentimentos patrióticos alemães, aliás, muito louváveis e honrosos para quem lá nasceu, porém, nunca para quem teve esta terra por berço".

Como medida de precaução, o diretor interino solicitou o concurso do Tiro de Guerra local, que, além de guardar as dependências da Estrada, ainda destacou vários de seus rapazes, operários e mecânicos de profissão, para servirem, nas oficinas, em substituição aos grevistas.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nenhum incidente houve. Aos poucos, foram regressando ao trabalho os ferroviários faltosos, reiniciado-se, em poucos dias, o tráfego dos trens.

Com a chegada do novo diretor, Major Oscar Barceles, que tomou posse em 6 de abril de 1918, e o afastamento de uns poucos elementos radicais, restabeleceu-se a normalidade dos serviços da Estrada de Ferro Sta. Catarina.

Fonte: Jornal O Ferroviário, Blumenau 08 /Agosto /1959.

Reminiscências da Greve

Os anarquistas Fritz Koch e Georg Sterneck são expulsos do território nacional...

Estão bem lembrados os nossos leitores, do movimento grevista que rebentou, nesta cidade, no dia 08 de junho, do corrente ano, chefiado pelos anarquistas Fritz Koch e Georg Sterneck.

O que foi este movimento, em Blumenau, a ninguém é dado desconhecer, já pelos comentários de múltiplas feições, feitos em torno dos acontecimentos em si, já pelos ataques feitos por certa imprensa e certos elementos desgostosos, aos atos das autoridades locais no interesse da família blumenauense, da população ordeira e trabalhadora deste município e da integridade nacional.

Seja como for, esteja a razão ao lado desta ou daquela corrente, o certo é que – e isto é amargamente duro para certa gente – a ação das autoridades locais na greve dos operários da Empresa Garcia, não foi plenamente aprovada pelo Governo Estadual, como também mereceu o acatamento e apoio do Governo Federal, que acaba de expulsar do território nacional os dois chefes anarquistas do movimento grevista.

E agora, onde se vão meter os censores impenitentes dos atos das autoridades locais?

E os seus protestos, as suas inventivas, as suas blasfêmias e as suas ameaças tudo, como um montão infecto de ruínas, ocorre vertiginosamente,

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

impulsionando pela torrente de maldade que lhes banha a alma tenebrosa e pérfida.

E o socialismo barato, de idéias frívolas e conceitos ocos, que, inoculado nas veias sem sangue desses ilustres desconhecidos, incitava os seus temperamentos fogosos, este, nas agruras da morte, excomunga os seus adeptos, que não tiveram luzes para sustentarem-no de pé.

Faliu por completo o valor intelectual dos filósofos de quitanda, que, mercadejando baratamente as suas opiniões, jamais encontraram que lhes oferecesse uma migalha de pão por cada uma.

Leiam e admirem os protestantes da boa e sã doutrina, o seguinte telegrama do honrado e benemérito Governador do Estado, que transcrevemos na íntegra:

Dr. Juiz de Direito
Blumenau

Em telegrama recebido agora, o Sr. Ministro do Interior comunicou-me que por portaria de 13 do corrente, foram expulsos do território nacional os alemães Fritz Koch e Georg Sterneck, tendo sido, na mesma data, remetidas cópias da portaria ao Governo do Estado.

Cordiais Saudações
Hercílio Luz, Governador

Agora, se os defensores da causa dos anarquistas, são lógicos, são coerentes, estão no dever de, sobraçando os princípios do seu socialismo falido, atacar também de rijo o Governo da União, que coroou a obra, decretando a expulsão dos mesmos anarquistas.

Isto eles não fazem, estamos certos, porque temem, receiam as conseqüências possíveis e necessárias.

Mas, se assim não fazem, são covardes, não têm, como dizem, a coragem necessária para defender as suas idéias em todo e qualquer terreno.

Isto posto, empreendamos o levantamento da máscara.

Sensação!...

Corre como certo, em Blumenau, dito por todas a bocas, que o mais intrépido e arraigado defensor da causa dos anarquistas, o mais furioso censor dos atos das autoridades, o idioma informante, o seu jeito, dos acontecimentos que aqui se passam, para certa imprensa carioca, de há muito tempo a esta parte, é o Sr. Coletor Federal, Luiz Werneck Teixeira de Castro.

De há muitos, vínhamos tendo informações seguras sobre a atitude indébita do Coletor Castro, ante qualquer ato das autoridades locais.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Acreditando-o, porém, sensato e criterioso, como devem ser todos aqueles que desempenham qualquer função pública, duvidávamos até agora, mas a nossa dúvida desapareceu, com a positividade e evidência dos fatos que se encarregam de apontá-lo como tal.

Em novembro do ano passado, por ocasião do movimento sedioso que empreendeu um ataque à cadeia pública desta cidade, para lá arrancar indivíduos que se achavam presos, o sr. Coletor Castro, colocando-se ao lado da corrente contrária ao regimento da ordem, profligou abertamente a ação das autoridades, chamando-a de arbitrária e violenta, contribuindo por essa forma para que, exaltados os ânimos, as autoridades fossem desmoralizadas conseqüentemente, o Governo do Estado que, no cumprimento do seu dever, prestigiava e acatava o princípio da autoridade.

Ao que sabemos, em Blumenau, ninguém ignora este fato, bem como a contribuição clandestina do Coletor Castro para exaltação dos ânimos dos desordeiros.

Protestou, censurou, inventou e de nada valeram seus protestos, censuras e inventivas.

Agora, o caso da greve, o Coletor Castro, como de costume, colocou-se ao lado dos que não aprovaram a ação das autoridades, ou seja, dos grevistas e dos despeitados, e, publicamente, com impropérios e dasaforos, atacou o Governo, atacou as autoridades, confrontando os acontecimentos com as suas idéias de socialista, segundo ele próprio o confessa.

Qual seja a doutrina socialista, é que nós desconhecemos.

Ainda mais.

Preso correcionalmente o grevista Schramm, por haver coagido operários tintureiros a se retirarem do trabalho, no dia seguinte, solto o grevista, depois de Ter ouvido em audiência do Dr. Delegado Regional, o Sr. Coletor Castro, que abandonara a sua repartição para nas proximidades da Delegacia, ouvir o que se passava, acompanhou o grevista posto em liberdade, para aconselhar solidariedade aos companheiros, dizendo entre outras coisas, que a polícia não podia proibir reuniões.

Como Schramm, intimidado, não o quisesse ouvir, o Coletor Castro, batendo-lhe no ombro, disse-lhe: Logo nós conversaremos.

Esse fato está robustamente provado em inquérito policial, em que depusesse o próprio Schramm e outras pessoas que o presenciaram.

Não é tudo.

Quinta-feira última, comparecendo à Delegacia Regional, as mulheres dos anarquistas expulsos, para serem consultadas se queria ir a companhia dos maridos, o Coletor Castro, interpretando este fato por outra forma, entendeu

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que a polícia as coagia, e, abandonando mais uma vez a sua repartição, subiu para o pavimento superior da Municipalidade, e, de repartição em repartição, de cartório em cartório, como alucinado, lançou protestos a todos os ventos, atacando o Governo e as autoridades.

Ora, um tal procedimento, não nos parece correto, mas, em se tratando de um homem classificado e qualificado, que, está no dever de contribuir melhormente para o prestígio da autoridade e manutenção da ordem.

O que tem o Sr. Coletor Federal, Luiz W. Teixeira de Castro, com as coisas locais e estaduais?

Está nas suas atribuições, nos seus regulamentos, intervir, por qualquer forma, naquilo que não lhe compete?

Por acaso, são poucos os seus trabalhos, que lhe dão tempo para imiscuir-se em outros negócios públicos que escapam à sua competência?

Se assim procede por convicção, se assim procede como cidadão livre, se o seu cargo lhe não restringe as idéias, é tempo do Sr. Coletor Castro vir para a praça pública, defender as suas convicções e atacar o ato do Governo Federal que expulsou os anarquistas do território nacional.

Por que não faz?

Quem o proíbe?

Cada macaco em seu galho, Sr. Coletor!

Esta mal compreendida liberdade poderá causar-lhe sérios transtornos.

Enfim, goste ou não, Koch e Sterneck a esta hora, já foram expulsos do território nacional, apesar dos protestos do Sr. Coletor Castro e seus turiferários.

Fonte: Jornal "Brazil" – Blumenau, 25 / julho / 1920.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia

TEXTO:

*DÉBORA BENDOCCHI ALVES**

Com a emigração em massa que ocorreu nos Estados Alemães, durante o século XIX, surgiram vários jornais especializados no tema, mas excetuando-se o "*Deutsche Auswanderer-Zeitung*" de Bremen, publicado de 1852 a 1875 e o "*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*" de Rudolstadt, fundado por Günther Fröbel e publicado entre 1846/47 e 1871, os demais tiveram curta duração.

O "*Deutsche Auswanderer-Zeitung*", o jornal de Bremen, estava a serviço do seu importante porto, pois o comércio transatlântico, durante o século passado, dependia do transporte de emigrantes sobretudo para os Estados Unidos. Este não foi o caso do jornal "*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*", publicado na pequena cidade de Rudolstadt, na Turíngia, que não dependia economicamente de qualquer porto, nem se encontrava na rota de passagem dos emigrantes. Rudolstadt localizava-se numa região pobre, que sofria muito com as mudanças econômicas e sociais, que afetaram os Estados Alemães no século XIX. Este jornal, considerado o mais importante no gênero, foi publicado durante 30 anos, sendo distribuído não só nas principais cidades alemãs como também em Londres, Paris, Zurique, Moscou, Viena, Nova York etc.[1] De início, sua publicação era semanal, passando logo a três tiragens por semana. Era o melhor veículo de informação que havia para os interessados em emigrar, pois publicava artigos sobre os vários países receptores, os nomes dos navios, os preço das passagens, os dias de embarque, as leis alemãs e as dos países de destino em relação à emigração, resenhas de livros especializados, o

* Dra. em História pela Universidade de Köln – Alemanha e professora do Curso de História do Brasil na Universidade de Köln.

[1] A importância deste jornal é bem analisada por Rudolf Ruhe, Die "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" - ein Presseerzeugnis des 19. Jahrhundert aus Rudolstdt. Rudolstädter Heimathefte, 22. Jg., 1964, p. 65-69.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

valor das moedas e o alojamento nos portos. Além dessas informações, publicava também as cartas dos emigrantes que já estavam estabelecidos no Brasil. Assim, o emigrante, mesmo de uma pequena aldeia no interior da Alemanha, tinha todas as coordenadas necessárias para, saindo de sua região, chegar a um porto europeu com sua passagem comprada numa das diversas agências de emigração e com um conhecimento básico de sua futura pátria.

Para a história da emigração alemã para o Brasil, o "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" é uma fonte riquíssima, não só pelas informações acima citadas, como também por ter tido durante muitos anos, como colaboradores Hermann Blumenau, Fritz Müller e Friedrich Gerstäcker, homens que conheciam bem o país e que, como no caso de Hermann Blumenau, se dedicavam com afinco a essa questão. Günther Fröbel, fundador do "*Allgemeine Auswanderungs-Zeitung*" e agente de emigração, manteve com Hermann Blumenau uma correspondência intensa, durante 20 anos, e ambos compartilhavam da mesma ideologia em relação à emigração. Defendiam-na como uma solução para os problemas sócio-econômicos que assolavam os Estados Alemães e acreditavam que o Brasil era capaz de suprir as necessidades dos alemães. Fröbel também foi responsável pela publicação de vários livros, escritos por Hermann Blumenau, sobre a sua colônia e a colonização em Santa Catarina.[2]

Além do "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung", Fröbel passou a editar a partir de 1855 o "Der Pilot – Unterhaltendes Wochenblatt zur Allgemeine Auswanderungs-Zeitung", um tipo de folhetim que foi mantido até o ano de 1864. Ele estava tão envolvido com sua missão de informar e guiar os seus conterrâneos mais pobres que, em meados do ano de 1852, passou a editar ainda o "Fliegenden Blätter für Auswanderer", um panfleto de no máximo duas páginas, gratuito, que oferecia informações curtas e atuais, destinado aos desprovidos de recursos. Foram publicados entre 12 ou 14 números desses panfletos, todos no ano de 1852.[3] Esses periódicos, especializados em emigração, estavam interligados, mas cada um tinha um objetivo específico: o "Allgemeine Auswanderungs-Zeitung" não deveria só informar, mas tratar dos vários aspec-

---

[2] Blumenau, H.: *Südbrasilien in seinen Beziehungen zur deutschen Auswanderung und Kolonisation. Abgerissene Nachrichten, Bemerkungen u. Winke, besonders für Auswanderer. Rudolstadt, 1850; Leitende Anweisungen für Auswanderer nach der Provinz Santa Catharina in Südbrasilien. Rudolstadt, 1851; Deutsche Kolonie Blumenau in der Provinz Santa Catharina in Südbrasilien. Bericht bis Juni 1855 und Aufforderung zum Anschluß. Nebst Bemerkungen über deutschbrasilianische Kolonisation im allgemeinen, Beschreibung des Itajaytales und einer Karte. Rudolstadt, 1856.*

[3] Sobre o "Fliegenden Blätter..." ver Rudolf Ruhe: Zur Geschichte der überseeischen Auswanderung aus der Oberherrschaft des ehemaligen Fürstentums Schwarzburg-Rudolstdt im 19. Jahrhundert. Rudolstädter Heimatheft, 4. Jg. 1958, p.244-251.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tos que o tema abrangia; o "Fliegenden Blätter..." dava informações sobre as viagens marítimas mais baratas e sobre o sistema de parceria nas fazendas de café, em São Paulo e no Rio de Janeiro, pois este sistema de trabalho, além de subvencionar a viagem, não exigia qualquer investimento prévio dos colonos; o "Der Pilot" publicava uma maior quantidade de cartas dos emigrantes, poesias, pequenos comunicados e anúncios pertinentes à emigração.

Entre as várias cartas, que saíram durante as décadas de 1850 e 1860 nos jornais de Günther Fröbel, encontramos no "Der Pilot" as dos irmãos Weise publicadas na segunda metade do ano de 1857. São cinco cartas assinadas ora por Joh.Georg Heinrich Weise ora por Friedrich Ernst Weise, publicadas entre julho e agosto de 1857, mas escritas entre setembro de 1855 e outubro de 1856. Não sabemos praticamente nada a respeito dos irmãos Weise a não ser que eram provenientes de Wittmannsgereuth nos arredores de Saalfeld e que endereçaram as suas cartas ao cunhado Christoph Weise, residente em Bechstedt perto de Königsee. Através das cartas, ficamos sabendo que Friedrich Ernst Weise emigrou primeiro e que Georg Heinrich Weise só mais tarde se juntou ao irmão na colônia Blumenau.

As cartas dos emigrantes, publicadas nesses jornais especializados, eram usadas como veículo de propaganda para incentivar os alemães a emigrarem para um determinado país. Essas cartas gozavam da confiança dos leitores, pois eram consideradas testemunhas de experiências vividas que não mascaravam outros interesses. Tinham o caráter de uma carta pessoal, em que o emigrante escreve aos seus familiares e amigos narrando, além dos fatos ocorridos, as suas impressões sobre o novo país adotado por ele. Este, podia até desejar que os seus parentes também emigrassem e que viessem a ele se juntar, mas não esperavam extrair disso, vantagens financeiras no que diferia dos artigos propagandísticos enviados aos jornais pelas companhias de navegação ou colonização.[4] O conteúdo das cartas era expresso na linguagem simples dos camponeses e artesãos, e era transmitido oralmente entre os membros da comunidade.

As cartas publicadas, devem ser tratadas pelos historiadores, de forma diversa das não-publicadas, já que a sua autenticidade e integridade são discutíveis, pois serviam ao objetivo de arregimentar emigrantes para um determinado país. É bem possível que um editor, como Günther Fröbel por exemplo, tenha, em relação ao Brasil, selecionado aquelas cartas que estavam de acordo com os seus ideais e que tenha excluído trechos que podiam prejudicar a imagem do

[4] Sobre esses artigos propagandísticos, ver Débora Bendocchi Alves: Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jahrhundert. Berlin, Wissenschaftlicher Verlag Berlin, 2000.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

país. Pode até ser que ele tenha sido pago, por fazendeiros, para inserir somente aquelas que elogiassem o sistema de parceria ou mesmo, que os próprios colonos tenham sido obrigados, pelos cafeicultores, a redigir o que lhes era ditado. Entretanto, essas cartas davam informações importantes sobre a emigração alemã e transmitiam para os seus destinatários uma impressão do país de cunho pessoal. Mas, a partir do momento em que eram publicadas, passavam a ser de domínio público, desempenhando o papel de incentivar um grande número de pessoas a emigar, através da construção de uma determinada imagem do país de destino. As cartas dos irmãos Weise, ricas em informações, devem ser lidas dentro desta perspectiva, isto é, a de uma estratégia de propaganda para a colônia Blumenau.

Em geral, as cartas não se referiam à viagem marítima, pois os leitores estavam interessados em saber mais de como era a vida nas colônias. Daí a carta dos irmãos Weise ser de grande importância, pois relata alguns episódios ocorridos durante a travessia:

> "... Logo durante o embarque no navio "Comet" de Oldenburg, do capitão Wilken, no dia 21 de maio (1855) houve desordem. Na entrecoberta do navio havia tantas caixas e tão pouco espaço para as pessoas, que a polícia portuária teve que intervir. Ela mesma afixou uma lista devido às reclamações sobre a má alimentação que foi arrancada pelo segundo timoneiro no dia seguinte quando o navio partiu. Tratados com má alimentação e muita grosseria, quase não conseguimos chegar com vida ao Brasil e eu quero portanto advertir a todos para não viajarem com o navio "Comet", capitão Wilken, que deveria ser um navio à vela rápido, mas que na sua última viagem – 14 semanas para a América do Norte - veio provar o contrário. Enfim, no dia 2 de agosto chegamos à cidade de São Francisco e dois dias mais tarde à Dona Francisca. Depois de 14 dias, um carro de Itajahy apanhou as nossas caixas e nós fomos a pé para a colônia Blumenau. Durante a viagem, tivemos muitas vezes que nos hospedar nas casas de brasileiros, que não conseguíamos entender mas que nos acolheram muito bem. Chegamos no dia 23 de agosto." (Ernst Friedrich Weise, "Der Pilot", Nr. 30, 28 de julho de 1857)

Na nota de roda pé, o redator do "Der Pilot" explica aos leitores que a má alimentação não é da responsabilidade do capitão, mas sim do expedidor e que ele, editor, havia sido informado da mudança do capitão do navio "Comet".

Todas as cartas dos imigrantes fazem menção ao clima do Brasil, já que a idéia corrente na Alemanha era de que o clima tropical não era propício aos europeus do norte. Friedrich Ernst esclarece ao seu cunhado, na sua segunda carta, datada de 10 de setembro de 1855:

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> "Os primeiros tempos na floresta não passam sempre como se desejaria. Não há todavia problema com o calor; acostuma-se logo. Perde-se um pouco da cor rosada, mas que volta. Isto se deve à alimentação, pois não se está acostumado com as frutas do sul." ("Der Pilot", Nr. 31, 4 de agosto de 1857)

Outro tema, caro aos colonos, era o da fartura de alimentos. Enfatizavam que no Brasil havia comida à vontade, que era permitido caçar nas florestas, além da facilidade da criação de animais e das colheitas abundantes e numerosas.

Segundo Georg Heinrich:

> "Não há falta de carne; carne selvagem há em abundância. Um pouco antes da minha chegada meu irmão caçou uma onça e capturou uma segunda numa armadilha na floresta. Ele também mata várias galinhas por dia." ("Der Pilot", Nr. 30, 28 de julho de 1857).

Em relação à alimentação Ernst Weise explica:

> "Os nossos gêneros alimentícios não são muito diferentes dos da Alemanha; a diferença consiste principalmente no pão. Em clima quente não dá nenhum grão, por isso temos apenas pão branco que é feito a cada dois dias. Em contrapartida, temos muito mais carne do que vocês, visto que há suficientemente gado, sobretudo porcos que não dão muito trabalho. Se se tem pasto suficiente, então ele precisa de pouca ração e mesmo assim crescem melhor do que os daí." ("Der Pilot", Nr. 32, 11 de agosto de 1857).

Nas cartas publicadas, notamos que os imigrantes referem-se pouco aos brasileiros. Reclamavam, algumas vezes, do governo, das instituições ou ainda de algum fazendeiro de café, mas a impressão que se tem ao lê-las é que havia um contato muito pequeno com a população brasileira. As poucas passagens tratando da população local, tem um papel secundário nesses relatos que pouco se concentram na descrição do ser humano e das relações sociais. Quando muito, citam outros alemães, na maioria dos casos, provenientes da mesma região. Friedrich Weise é um dos poucos colonos a mencionar, em carta de 1855, a existência dos índios.

> "... Também os índios não podem suportar bem o estampido das espingardas alemãs de dois canos e o assobio das balas cônicas. Julgando que os alemães fugiriam deles do mesmo modo que os brasileiros e que lhes cederiam voluntariamente tudo, atacaram um lugar onde havia só dois homens em casa, mas tiveram que deixar alguns mortos estendidos na praça, jogaram fora todos os seus arcos e flechas e saíram correndo de lá. Mais tarde pode talvez ocorrer

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> um encontro de fato; mas isto não tem importância para os muitos alemães que moram aqui em volta." ("Der Pilot", Nr. 31, 4 de agosto de 1857).

Nesta carta, evidenciam-se os conflitos de terra entre as comunidades indígenas da região e a nova comunidade dos imigrantes alemães que surgia. O governo brasileiro nunca respeitou as terras indígenas e achava que a presença dos europeus bastaria para expulsá-los da região. Vários conflitos ocorreram entre os dois grupos, não só no Vale do Itajaí mas em toda a área de colonização e os colonos, como os demais europeus e brasileiros, trataram os índios com hostilidade e brutalidade.[5] A região da colônia Blumenau sofreu, entre 1852 e 1883, no mínimo, 11 ataques de índios. O próprio Hermann Blumenau relata numa de suas cartas, uma incursão ocorrida em janeiro de 1855 que resultou na morte de dois colonos recém-chegados à Blumenau (Carta de 1856, Museu Imperial, Petrópolis).[6] A carta de Friedrich Weise é de 1855 e é possível que relate o mesmo episódio da carta do Dr. Blumenau. Mas Weise não deixa claro a morte dos dois colonos, dando a entender que só os índios foram mortos. Assim, criticando o comportamento dos brasileiros com relação aos índios, acentua não só a coragem dos alemães como também a decisão de lutar pelo que achavam que lhes pertencia, coisa que, no seu ponto de vista, os brasileiros não o faziam. De outro lado, como essas cartas, publicadas pelos jornais, visavam incentivar a vinda de mais alemães para o Brasil, não deveriam amedrontar os interessados.

Sobre a enchente ocorrida em Blumenau em novembro de 1855, Ernst Weise relata, na sua carta de 24 de maio de 1856 e publicada no "Der Pilot", N°. 32, em 11 de agosto de 1857, o seguinte:

> "No dia 17 de novembro começou a chover tão forte que, na tarde seguinte, o nível normal da água já havia ultrapassado 34 pés e dos lados da cidade ressoavam até aqui, tiros de alarme e de perigo. Duas horas mais tarde, a água nos levou casa e terreiro. Perdemos entre outras coisas, um estoque de milho no valor de 200 mil réis, e na horta o lodo atingiu a altura de 2 pés. Felizmente havia uma dependência, a 20 pés de altura, onde deveria ser instalada uma máquina de mandioca. Lá pudemos salvar algumas coisas até que a água nos impediu a passagem. As colônias mais atingidas foram as localizadas perto das margens do Itajaí. Acreditava-se que essa desgraça fosse ser mais sentida pelos diaristas que precisavam comprar de tudo; mas ao contrário, quanto mais caro

[5] Toni Vidal Jochen, *A Epopéia de uma Imigração*, S.C., Ed. do Autor, 1997, p.173, trata bem a questão do elemento indígena nas áreas de colonizacão em Santa Catarina

[6] Fouquet, Karl: Vida e Obra do Dr. Blumenau - Ensaio Biográfico. Blumenau em Cadernos. Tomo XL - N. 10, Outubro 1999; p. 56-59

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> custam os alimentos, mais altos são os salários e os artesãos sempre têm as maiores vantagens nas mãos e ainda por cima, querem ser muito bem tratados."

Ernst Weise, nesta mesma carta, comenta ainda que, como os navios que transportavam emigrantes passaram a ir direto até às proximidades de Blumenau e isto, conseqüentemente, elevaria o número de alemães, isto é, de mão-de-obra, os salários acabariam tendo que baixar.Este comentário sobre o aumento dos preços, tanto dos gêneros alimentícios quanto da mão-de-obra, é bastante significativo. Blumenau deixou um relato triste sobre esta enchente, que troxe inúmeros danos à colônia e grande prejuízo aos seus habitantes e a ele próprio, que foi obrigado a perdoar os juros das dívidas dos colonos.[7] Mas Blumenau, diferentemente de Weise, se atém mais às perdas causadas pela mêschente. Weise, por sua vez, está mais preocupado com as conseqüências econômicas tão prejudiciais aos colonos. Numa observação posterior no final da carta de 24 de outubro de 1856 ('Der Pilot', Nº. 33, 18 de agosto de 1857), Ernst Weise expõe, em moeda alemã, os preços de vários produtos após a mêschente, dando a possibilidade ao seu cunhado e a qualquer leitor de compará-los com os da sua região.

Há uma pequena carta de Georg Heinrich Weise, (talvez seja só um trecho da carta) que dá informações interessantes sobre a situação de seu irmão na colônia Blumenau:

> "... meu irmão passou a ser arrendatário na propriedade do Senhor Dr. Blumenau, onde até o presente, tinha trabalhado como diarista, recebendo nessa ocasião, uma grande criação de gado mais uma fábrica de açúcar e uma destilaria de aguardente. No primeiro meio ano eu trabalhei com meu irmão, depois, 5 meses numa serraria; agora estou novamente com o meu irmão, como administrador das suas terras arrendadas e da sua colônia." ("Der Pilot", Nº. 32, 11 de agosto de 1857)

No próximo número do "Der Pilot", (nº. 33, 18 de agosto de 1857) uma carta de Friedrich Ernst Weise explica melhor a sua situação e a sua relação de trabalho com o Dr. Blumenau:

> "Das linhas escritas pelo meu irmão, vocês ficaram sabendo que nós agora possuímos dois estabelecimentos agrícolas. A propriedade arrendada do Dr. Blumenau, que é a maior nesta colônia e as minhas terras que também não são pequenas. Justamente porque eu mesmo já tenho terra suficiente, não teria a necessidade de arrendar mais nenhuma. Mas o Dr. Blumenau não fez de outra

[7] Fouquet. op. cit.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

maneira; fiquei surpreso em ouvir dele próprio que eu era o único na colônia que ele havia aprovado como agricultor. Ele deseja ver as sua terras organizadas por mim conforme os costumes alemães. Ele me ofereceu um contrato muito vantajoso, sem exigir fiança, enquanto que, muitos outros que se candidataram e que queriam pagar a caução, nem foram levados em consideração. No primeiro ano não pagarei nada e, mais tarde, bem pouco pelo arrendamento, embora seja a criação de gado tão significativa que eu ainda não saiba quantas cabeças há no pasto e embora a refinaria de açúcar e a destilaria de aguardente tenham sido deixadas em boníssimas condições.

Em breve farei uma experiência, a de trabalhar com o arado e □ ullete isto terei, certamente, muitos espectadores, pois isso é aqui uma coisa bem nova. O Sr. Dr. Blumenau mandou vir o arado da Alemanha."

Esta informação dada por Friedrich Weise sobre o arrendamento das terras de Hermann Blumenau é de extrema importância pois, raramente encontramos relatos que tratam deste assunto, isto é, da propriedade do fundador e administrador da colônia.

A personalidade dos autores, o seu nível escolar e a sua experiência pessoal influenciaram no conteúdo das cartas que por sua vez, influenciaram na visão que se tinha do novo país, ou melhor, do Brasil para o imigrante. Apesar da função que desempenhavam como incentivo ou propaganda para a emigração, de terem talvez sofrido algum tipo de 'censura', eram e são a voz das classes sociais inferiores alemãs no Brasil ou, de um outro ponto de vista, a voz do imigrante, a dos atores históricos do fenômeno "migração". Para os historiadores essas cartas, além de revelarem a imagem do Brasil para os emigrantes alemães na segunda metade do século XIX, podem ser usadas como fonte para a reconstrução da história do cotidiano dos colonos. Não deve ser descartada a possibilidade de virem a contribuir para a história de algumas famílias provenientes da Turíngia, além de proporcionar uma leitura agradável a qualquer leitor.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ewaldo Bernhardt e sua trajetória

TEXTO:

INGO BERNHARDT

Ewaldo Bernhardt, descendente de imigrantes alemães, nasceu no dia 11 de junho de 1904 na cidade de Blumenau e residiu à rua João Pessoa, bairro da Velha. Filho de Willy Bernhardt e Olga Weise Bernhardt.

Meu bisavô Wilhelm Bernhardt e sua esposa Marie e 4 filhos deixaram a cidade natal de Magdeburg na Alemanha e vieram com o sonho de conhecer uma nova terra, chamada Blumenau. Depois de alguns anos, seu filho Willy casou-se com Olga Weise e deste matrimônio nasceram os filhos: Edgar, Ewaldo, Gertrudes e Helga. Meu avô Willy, exercia a profissão de pedreiro. E foi na rua da Lingüiça, como era chamada a rua 15 de Novembro, que tudo começou. Willy construiu um pequeno prédio onde futuramente meu pai iniciaria a fabricação de artigos em artefatos de couro: cintos, pastas, bolas, malas e bolsas. Hoje é conhecida como Casa das Malas.

Meu pai estudou no Colégio Franciscano Santo Antônio e nas horas vagas ajudava seu pai nas construções.

Com a idade de 12 anos demonstrou grande interesse em trabalhar e iniciou o ofício na tradicional firma de Blumenau, Artefatos de Couro Pawloski, pioneira no ramo em selaria, correames e artigos de montaria e principalmente porque o meio de transporte, na época, eram as carroças, charrete e carros de mola. O proprietário, Sr. Pawloski, era casado com D. Helene, que era irmã de Olga Weise Bernhardt, mãe de Ewaldo.

Ele permaneceu nesta firma por 3 anos, quando recebeu uma proposta de seu primo sr. Erich para trabalhar no município de Pouso Redondo, numa pequena selaria situada no interior. Com um melhor salário, aceitou o emprego e partiu para a isolada cidadezinha. A oficina do Sr. Erich ficava situada próxima à estrada conhecida como picada, onde era passagem obrigatória de tropeiros que levavam mulas e cavalos para o município de Lages. Neste local havia uma porteira

*) O autor é filho de Ewaldo Bernhardt.
Colaboração: Gianna Maria Bernhardt Buatim.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

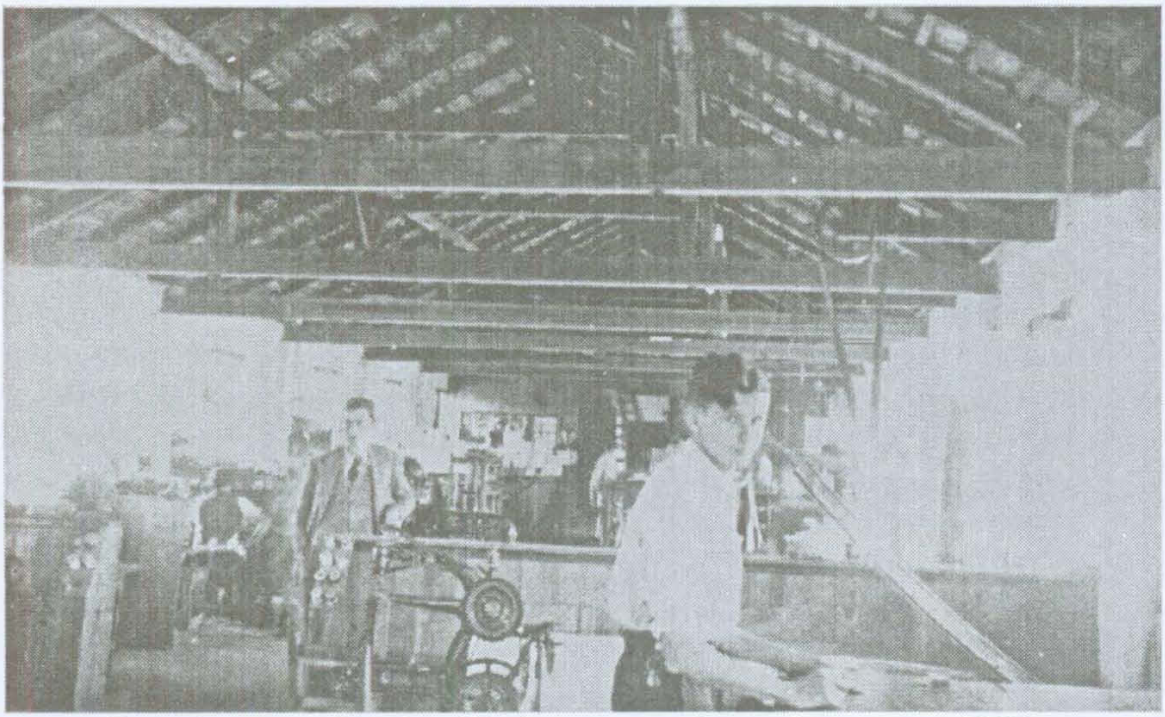
que fechava a estrada; os tropeiros pagavam uma taxa para poderem entrar e dar água e ração para os animais, aproveitando para consertar as selas, correames e cabrestos. E assim a pequena oficina do Sr. Erich sobrevivia, uma vez que não havia vizinhos e nenhum comércio.

No período de 2 anos permaneceu neste emprego. Passado um bom tempo, a mãe D. Olga, resolveu fazer uma visita ao filho. Quando chegou, ficou muito impressionada de como o lugar era isolado e não oferecia melhores oportunidades. Então D. Olga decidiu levá-lo de volta a Blumenau.

Chegando em Blumenau, foi ajudar o pai Willy e o irmão Edgar, nas construções de casas. Permaneceu neste emprego até que surgiu a oportunidade de trabalhar na cidade de Curitiba.

Era o ano de 1919, quando ele embarcou no trem para Curitiba a fim de trabalhar na Firma Hatschbach que se chamava Casa Favorita, a maior fábrica especializada no ramo de artefatos de couro. Foi a melhor época de sua vida, onde se aperfeiçoou na fabricação de carteiras, cintos, bolsas e outros artigos já que tudo era feito manualmente. Durante o tempo que permaneceu em Curitiba, conquistou grandes amizades. E uma destas conquistas foi a sua futura esposa Erna Wegner. Os dois se conheceram na estação de Hansa, da cidade de Corupá, quando ele voltava de Blumenau e Erna de Joinville para passar uns meses na casa dos tios em Curitiba. Por coincidência do destino se conheceram no mesmo trem e se apaixonaram. Em Curitiba ele ficou durante 8 anos.

Em janeiro de 1929, retornou a Blumenau e iniciou a fabricação de artigos em artefatos de couro no prédio do pai Willy.



Interior da primeira fábrica de artefatos de couro - 1929

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No dia 4 de outubro de 1930 em Joinville realizou-se o casamento de meus pais. Um fato marcante foi que no mesmo dia começou a grande revolução no país. Após o casamento foram morar na rua 15 de Novembro. Na parte superior ficava a residência e na parte térrea encontrava-se a loja, e nos fundos havia uma pequena fábrica.

Depois de alguns anos, ele convidou o irmão Edgar para fazer parte da firma, quando a razão social passou para Bernhardt e Irmãos, continuando com o mesmo estabelecimento de artefatos de couro. Durante este período, uma grande empresa multi-nacional alemã, veio a Blumenau e ofereceu maquinário moderno e sofisticado para a fabricação de calçados e similares.

A firma Bernhardt e Irmãos passou por grandes modificações. Foi preciso construir uma nova fábrica para acomodar estas máquinas, e o local escolhido foi a rua João Pessoa, bairro da Velha cujo terreno era de propriedade do seu pai.

Uma equipe de técnicos e funcionários vindos da Alemanha permaneceram em Blumenau durante 6 meses ministrando os ensinamentos aos novos funcionários para produção de calçados. A fábrica passou de 6 para 100 funcionários e colaboradores. E assim os dois irmãos administraram a empresa, sendo que a parte de artefatos de couro ficou com meu pai e Edgar ficou com o setor de calçados. Após trabalharem 10 anos na administração da empresa, esta foi transformada em Sociedade Anônima Bernhardt Irmãos S/A – BISA. Esta providência foi tomada devido a uma fase difícil que o comércio atravessava e foi preciso vender ações da empresa e assim a nova sociedade permaneceu por mais de 8 anos no mercado.

Prédio construído por Willy Bernhardt - 1920

As dificuldades financeiras persistiram. Então ele se desligou da empresa e propôs ao irmão comprar a sua parte dos artefatos de couro e os empregados que quisessem acompanhá-lo voltariam com ele para trabalhar na rua 15 de Novembro (fundos), no mesmo local onde havia iniciado a firma há 25 anos. Assim ele iniciou novamente suas atividades no mesmo local com a denominação de Fábrica de Artefatos de Couro Ewaldo Bernhardt.

Do casamento de meus pais nasceram três filhos: Gerd, Ingo e Ralf.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nesta empresa, contou com o apoio e trabalho de seus três filhos e empregados.

Os anos se passaram e prematuramente, com a idade de 15 anos, faleceu meu irmão Ralf, acometido de tétano. A família ficou muito abalada com a perda deste filho querido.

Em 1965 Gerd casou-se com Christa Ilse Völki, nascida na cidade de Joinville. Deste matrimônio o casal teve quatro filhos: Susan, Vivian, Gerd Júnior e Julianne. Gerd passou a atuar na empresa do pai e viajava pelo interior do Estado, a fim de comercializar os produtos fabricados.

Eu fiquei responsável pela parte contábil e também pela fabricação dos produtos.

A Fábrica de Gaitas Hering assinou contrato com a nossa empresa, para a confecção de estojos para acordeões e correias.

Em 1957, meu pai doou a empresa aos seus dois filhos e assim a nova razão social passou a ser Bernhardt e Cia, usando o nome fantasia "Casa das Malas".

No dia 06 de maio de 1961 contraí núpcias com a blumenauense Maria de Lourdes Tomelin, descendente de italiano e libanês. Deste casamento temos 4 filhos: Gianna Maria, Ivana Monique, Willy Ewaldo e Ronaldo Tomelin.

Gerd e eu administramos a loja de artefatos de couro e paralelamente representamos as seguintes firmas: Fábrica de Fechos Astro S/A, Cofaban S/A, NKS Fábrica de Botões, Nugui S/A e também os artigos confeccionados pela fábrica do nosso pai.

Em 1974 Gerd e eu permutamos com a Contrutora H. Schultz o terreno e o imóvel sito à rua 15 de Novembro, 1336, por área construída. No ano de 1976 foi entregue à cidade de Blumenau o Edifício Brasília com 15 andares, sendo que a parte térrea ficou conosco, os proprietários.

No dia 22 de dezembro de 1976 com a idade de 72 anos, faleceu meu pai, justamente no mesmo dia que minha mãe festejaria seu aniversário.

A nossa luta no comércio nestes anos não foi só de glórias e alegrias, pois no ano de 1983 tivemos a grande enchente que abalou a cidade de Blumenau. Perdemos o nosso estoque de mercadorias, móveis e utensílios. Foi muito difícil reconstruir, mas com muita vontade e coragem conseguimos vencer esta etapa. Assim Gerd e eu continuamos administrando a loja até 1998.

Em janeiro de 1999 Gerd encerrou as suas atividades no comércio e eu assumi a loja e transfiri as cotas para meus filhos Willy Ewaldo e Ronaldo Tomelin.

E foi no ano de 1999, que a firma Bernhardt e Cia. Ltda. começou com uma nova geração, geração 3, com os netos: Willy e Ronaldo, no mêsmo local onde há 70 anos meu pai iniciou sua vida profissional. Os filhos e netos de Ewaldo Bernhardt, sentem-se muito felizes e orgulhosos em poder continuar atendendo a população blumenauense e cidades vizinhas com seu comércio.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- Do outro lado, a África
- Comemoração merecida
- Os 100 livros do século
- Boas Publicações
- Jornal Cultural

DO OUTRO LADO, A ÁFRICA

TEXTO:

*ENÉAS ATHANÁZIO**

Num cantinho escondido da praia da Enseada, em São Francisco do Sul, existe uma estreita escadaria, quase invisível para o transeunte desatento. São cerca de 250 degraus (não contei!), sem corrimão, cercados de vegetação exuberante, nem sempre aparada, que parecem subir direto ao céu, tão íngreme é o costão do morro onde se encontra. Parece local pouco conhecido porque nas diversas vezes em que subi raras foram as pessoas que encontrei.

Para vencer a escadaria e o trecho da subida depois dela, até o cume do morro, são necessários bom fôlego e muita decisão. Mas o esforço vale a pena porque o panorama visto do alto é impressionante. Para trás de quem sobe está a Enseada, com os caprichosos detalhes da natureza escancarados, e para a frente, a perder de vista, o marzão sem fim, exibindo toda a sua grandiosidade e beleza, desafiando a imaginação e a coragem do homem, lembrando-o de sua pequenez. Fica a impressão de que aquele imenso morro foi colocado ali em defesa da Enseada nos ataques do mar e dos ventos em seus momentos de fúria.

Desde o cume do morro, descendo quase a pino, um paredão rochoso vai direto ao mar, cujas águas espumantes martelam sem descanso a muralha impassível. E para a frente, até onde a vista alcança, o mar aberto, o mar ignoto, o *mare magnum*...o mesmo que nos separa da velha África sofrida e misteriosa. Mais à direita, do outro lado, a África do Sul; mais à esquerda, para o norte, a Namíbia e sua cidade de Luderitz, onde dizem existir a maior feira

*) Escritor e advogado.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

popular do mundo, pela qual tenho imensa curiosidade. Foi dali que zarpou Amyr Klink na travessia a remo do Atlântico, como ele narrou em "Cem Dias entre Céu e Mar". O barco por ele usado nessa inacreditável aventura, o "Parati", foi doado ao Museu Nacional do Mar e lá se encontra.

Conhecido como Costão da Petrobrás, esse mirante natural oferece uma vista como poucas em nosso Estado e merece uma visita. Poetas, escritores, pintores, fotógrafos, jornalistas e todos que têm na alma algo de artista lá encontrariam inspiração e momentos de prazer estético.

COMEMORAÇÃO MERECIDA

Considerado o maior folclorista vivo do País, Mário Souto Maior fez 80 anos no dia 14 de julho. A data foi comemorada com festividades e um seminário realizado no Museu do Homem do Nordeste, na cidade do Recife, onde ele trabalha. Constaram do programa um painel, a entrega de diplomas ao homenageado, exibição de vídeo a respeito dele, encenação de peça de sua autoria, abertura de exposição iconográfica, apresentação de grupos folclóricos e lançamento de livros de autoria de Souto Maior e de ensaios a respeito dele. Como se vê, uma programação variada e ampla, reconhecendo em público o valor da obra desse cientista social enquanto está vivo e forte – coisa cada vez mais rara entre nós.

Folclorista, etnólogo, ensaísta, contista e poeta, Mário Souto Maior tem quase 60 livros publicados, sem falar nos inúmeros trabalhos esparsos, publicados em jornais e revistas. Chefia ainda hoje a Coordenadoria de Assuntos Folclóricos da Fundação Joaquim Nabuco, instituição cuja seriedade é reconhecida no Brasil e no Exterior. É correspondente da Comissão Catarinense de Folclore, cuja revista tem publicado trabalhos de sua autoria. Considerado, com justiça, o sucessor de Câmara Cascudo, merece sem dúvida essas homenagens pela competência e dedicação, e a elas nos associamos com grande satisfação.

OS 100 LIVROS DO SÉCULO

"Ô Catarina!", suplemento cultural da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), dedicou um número especial aos 100 livros do Século na opinião de vinte escritores de Santa Catarina. O resultado do inquérito não trouxe maiores surpresas, exceto a indicação de alguns catarinenses, apon-

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tando mais ou menos o que seria de esperar. O que causou surpresa foram os votantes, todos de Florianópolis ou lá residentes. Como o restante do Estado não se manifestou porque não teve direito a voto, o resultado do inquérito não representa o pensamento catarinense a respeito do assunto. É lamentável que bairrismos desse tipo ainda existam.

BOAS PUBLICAÇÕES

O Museu-Arquivo da Poesia Manuscrita, de Florianópolis, acaba de publicar, na sua "Coleção Mapa", dois pequenos livros de grande interesse. Trata-se de "O romance de um romance", conferência proferida por Érico Veríssimo, em 1939, em que ele desvenda o processo de criação de seu romance "Saga" e outros segredos da arte em que foi mestre. O segundo é uma longa entrevista de Saramago, concedida a Humberto Werneck, onde o escritor português abre o peito e fala sobre os mais diversos assuntos. São ambos leituras agradáveis e enriquecedoras.

JORNAL CULTURAL

Estão circulando novos números do jornal "Cultura em Movimento", editado pela Fundação Cultural de Blumenau, contendo matérias sobre Fritz Müller e seus descendentes, livros novos, pinturas e desenhos, arquitetura, novos passos do Projeto Autor-Escola, calendário de atividades culturais, além de boas ilustrações e muita informação.

NOVA EDIÇÃO

O romance "Vida Ociosa", de Godofredo Rangel, foi publicado em nova edição pelas Editoras Casa da Palavra e Casa de Rui Barbosa, ambas do Rio de Janeiro. O livro traz como posfácio um ensaio de minha autoria e as "orelhas" transcrevem passagens minhas. Agora o grande "amigo escrito" de Monteiro Lobato, de quem sou o único biógrafo, volta às livrarias e está ao alcance dos leitores depois de muitos anos de ausência.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Índice da Revista Blumenau em Cadernos – 2000

Título	Autor	Nº.	Página
Ácido Acetil Salicílico	Siegfried Carlos Wahle	03	26
O Andarilho do Brasil / Ninguém conhece ninguém / Variadas	Enéas Athanázio	04	62
Blumenau e o seu futuro	-	07	07
Blumenau e sua contemporaneidade	Sueli M. V. Petry	09/10	99
Brava Gente Polonesa	Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	01	51
Carta da Bahia enviada ao Urwaldsbote de Blumenau	Dr. Egas Moniz B. de Aragão	02	09
Chegada em Blumenau	Karl Kleine	11/12	07
Cinqüenta anos de cinematografia	-	06	30
Colônia Blumenau: relatório geral sobre o ano de 1866-1867	Hermann Wendeburg	05	16
Combate ao Gafanhoto em Santa Catarina	-	02	35
Completa a estrutura do edifício Visconde de Mauá	-	07	21
Coronel Pedro Christiano Feddersen	Celso Liberato	02	31
O Crescimento do mercado interno numa Colônia do Império – O Caso de Blumenau: 1850 – 1880 Parte 1 Parte 2 Parte 3	Anselmo Antônio Hillesheim	 05 06 07	 26 40 42
O currículo da "Escola Alemã" de Rio da Luz Victória	Rosane Welk	03	49
Denominações antigas de localidades de Blumenau	Nelson Pamplona	05	56
O desenvolvimento da agricultura	-	06	07
A diocese de Blumenau	Pe. Antonio Francisco Bohn	08	30
Disposições Coincidentes do Destino	José Deeke	02	16

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Índice Revista Blumenau em Cadernos - 2000

Título	Autor	Nº.	Página
Do outro lado, a África / Comemoração merecida / Os 100 livros do século / Boas Publicações / Jornal Cultural	Enéas Athanázio	11/12	78
Dr. Blumenau e seu projeto colonizador	Dr. Hermann Blumenau	07	24
Dr. Blumenau e sua proposta de colonização (1848)	Dr. Hermann Blumenau	08	43
Dr. Blumenau e sua proposta de colonização (1850)	Dr. Hermann Blumenau	09/10	09
Escravos e senhores / Presente dos deuses / Os três "Portugas"	Enéas Athanázio	05	60
A estação rodoviária de Blumenau	-	05	37
Estórias de Charlot / Patrianova / Lobato em Santa Catarina	Enéas Athanázio	07	61
Ewaldo Bernhardt e sua trajetória	Ingo Bernhardt	11/12	74
Gente, um ser Misterioso / A Confraria	Enéas Athanázio	01	62
Heinrich Graf: reconstituição de uma vida através da arte	Doris E. Bartorelli	03	20
História de Blumenau	José Ferreira da Silva	09/10	36
História de uma greve	L. Reis	11/12	60
A História Natural e a questão da diferença.	Marlon Jeison Salomon	07	52
Histórias da minha Vó – IV	Urda Alice Klueger	08	41
Histórico do Curso de Medicina da FURB	Lourival H. Hübner Saade e Walmor E. Belz	02	52
Honorato Tomelin	Gianna M. B. Buatim	03	45
Intercâmbio poético de Enzo/ O pintor de Almas / Theagá de hoje e de sempre	Enéas Athanázio	08	62
O Juízo de um escritor americano sobre a colonização germânica de Santa Catarina e sobre o município de Blumenau	Marcos Konder	01	07
A Juventude dos anos 30	Grete Medeiros	06	58

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Índice Revista Blumenau em Cadernos - 2000

Título	Autor	Nº.	Página
Lei normatiza mudança de nomes das ruas e Blumenau	-	03	28
Liga Escolar Hansa	-	08	07
Lista de moradores da Colônia Blumenau – 1869	Dr. Hermann Blumenau		
Parte 1		01	35
Parte 2		02	37
Parte 3		03	30
Parte 4		04	47
Maria Altenburg – mulher blumenauense	Grete Medeiros	07	57
Médicos e Farmacêuticos da Era Colonial	José Ferreira da Silva	01	54
Memórias de Bernardo Wolfgang Werner	-		
Parte 1		06	33
Parte 2		07	36
Minas de Prata do Garcia	Siegfried Carlos Wahle	01	31
Minha Trajetória – José Athanásio Pereira (Cazuza)	-	08	52
Na Assistência Social aos Operários e Assistência Médico-Hospitalar, Blumenau é uma das cidades mais importantes do Brasil	-	01	26
No Rio dos Monos	José Deeke	01	16
Nossa Capa – Família Hemmer	-	02	07
Notícias de Blumenau: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turíngia	Débora Bendocchi Alves	11/12	66
"O País" e a catequese dos índios	-	04	07
Pe. José Maria Jacobs e o Catolicismo em Blumenau	Pe. Antonio F. Bohn	11/12	28
Pinheirais e Marinhas / Só Agora?/ O Velho Hem	Enéas Athanázio	02	66
Os professores da "Escola Alemã" de Rio da Luz Victoria	Rosane Welk	06	49

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Índice Revista Blumenau em Cadernos - 2000

Título	Autor	Nº.	Página
Proposta de um programa para as exposições coloniais	Dr. Hermann Blumenau	05	43
Quinhentos mil cruzeiros para início das obras de defesa da margem do rio Itajaí-Açu, nesta cidade	-	06	28
Raridades / Filosofia / Um serrano se autobiografa	Enéas Athanázio	06	62
Realismo Fantástico	Aiga Barreto M. Hering	04	22
Os resultados da Catequese dos Índios em Santa Catarina	-	03	07
O sesquicentenário	Siegfried Carlos Wahle	07	18
Um tour à região dos pinheiros entre o ribeirão Krauel e os Índios	-	05	07
Uma Colônia socialista	José Ferreira da Silva	08	47
"Uma Noite em Curitiba" / Página Literária	Enéas Athanázio	03	56
Variações sobre a população teuto-brasileira do Vale do Itajaí	Paulo Malta Ferraz	06	16
A Visita do Ministro da Guerra Eurico Gaspar Dutra a Blumenau	-	04	44

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual= 06 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual= 06 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2001** (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
☐ Cheque
Banco: .....
Número: .....
Valor: R$ .....

Dados do assinante:
Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Caixa Postal: _____
CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990
Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

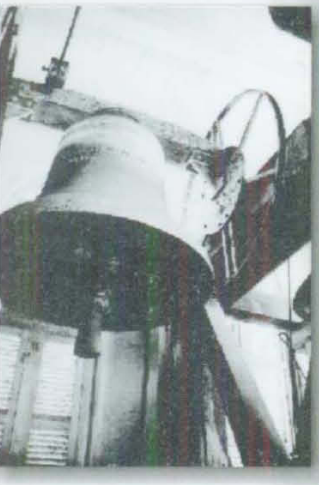
Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering
Benjamim Margarida *(in memoriam)*
Genésio Deschamps
Mark Deeke
Victória Sievert
Willy Sievert *(in memoriam)*
Buschle & Lepper S/A
Cremer S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Cia. Hering
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Madeireira Odebrecht
Transformadores Mega Ltda.
Unimed Blumenau

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLI
Novembro/Dezembro de 2000 - Nº. 11/12

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



Igreja do Espírito Santo, projetada pelo arquiteto da Colônia Blumenau, Heinrich Krohberger. A pedra fundamental foi lançada em 1868 e a obra, festivamente inaugurada em 23 de setembro de 1877.

No período de 1927 a 1929 o arquiteto Franz von Knoblauch foi o responsável pela construção de uma pequena torre, que realçou ainda mais a beleza de sua arquitetura.

Hoje, a Igreja Centro da Comunidade Evangélica conserva em seu estilo neo-gótico as linhas principais traçadas pelos seus idealizadores. A presença marcante das formas ogivais nas fachadas e nos portais revela um belíssimo exemplo das tendências góticas dos séculos XIII e XIV, renovadas com todo o requinte e bom gosto do século XIX.

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense